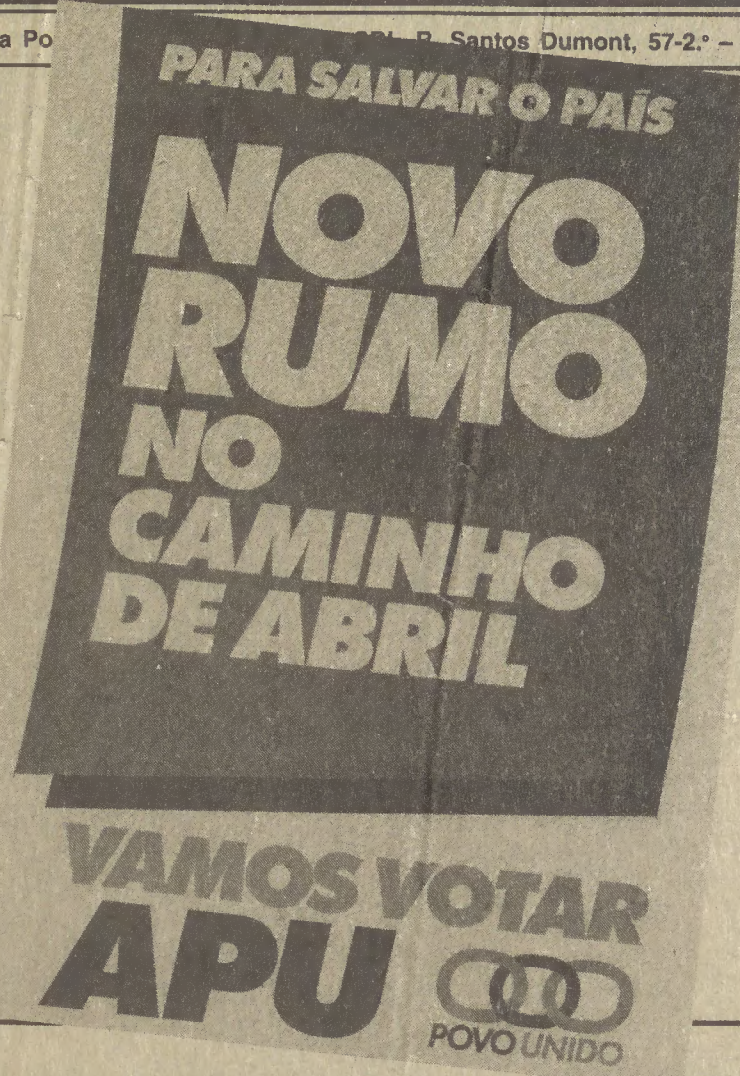




Grande campanha de esclarecimento promovida pela APU em todo o País



O desfile seguido de comício em Lisboa (em cima) e os três dias de intensos contactos de Álvaro Cunhal no Minho e no Porto (em baixo) assinalaram de forma entusiástica o início da campanha da APU



Álvaro Cunhal em Lisboa e Setúbal

Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, participará nos próximos dias em diversas iniciativas integradas na campanha da APU.

Dia 20, sexta-feira

- 12.30 h. – Sines, no Castelo, sardinhada com os pescadores.
- 14.00 h. – Porto de pesca (visita).
- 15.15 h. – Cercal, encontro com a população no largo da «União Cercalense».
- 16.30 h. – Alvalade Sado, encontro com a população no jardim.
- 18.00 h. – Grândola, comício no jardim, frente à Câmara.
- 19.15 h. – Alcácer do Sal, visita ao Parque Desportivo.
- 19.45 h. – Alcácer do Sal, encontro com a população no Largo do Bairro dos Açougues.
- 21.00 h. – Pinhal Novo, jantar/convívio nos Bombeiros.
- 22.00 h. – Setúbal, comício no Largo da Fonte Nova.

Dia 21, sábado

- 10.30 h. – Queluz, mini comício e visita ao mercado.
- 11.30 h. – Cacém, mini comício.
- 12.30 h. – Algueirão.
- 13.30 h. – Abrunheira.
- 16.00 h. – Pontinha, comício.
- 18.00 h. – Odivelas, comício.
- 21.30 h. – Moscavide, comício.

Dia 22, domingo

- 11.00 h. – Bairro Padre Cruz.
- 13.00 h. – Almoço/convívio com comerciantes.
- 15.00 h. – Alto dos Toucinheiros.
- 15.30 h. – Beato, comício na mata da Madre de Deus.
- 17.00 h. – Marvila comício.
- 19.00 h. – Damaia, comício no jardim junto à estação.
- 21.30 h. – Amadora, comício na Praceta Mestre Simões d'Almeida.

Dia 25, 4.ª feira

- 18.30 h. – Seixal, visita à central elevatória e comício.
- 19.30 h. – Cidade Sol, Compave, comício.
- 20.30 h. – Baixa da Banheira, jantar convívio.
- 21.30 h. – Barreiro, comício.

Criminosa ofensiva do Governo contra a Reforma Agrária

Ler nas págs. 10 e 12 da Semana

PCP condena ataque racista a Angola

Ler nas págs. 10 e 15 da Semana

Vitória da APU para salvar o País

Editorial

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 612

19 de Setembro de 1985

1.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Garantir uma grande vitória da APU está nas nossas mãos

Os portugueses mal instruídos pela experiência, descrentes das razões que fundamentavam a contestação e as objecções dos comunistas à continuação do Governo demitido do PS/PSD como governo de gestão, aí têm agora na instrutiva prática dos dirigentes e ministros dos dois partidos da coligação, a começar por Mário Soares, a prova provada da justeza das alegações do PCP.

O demitido e derrotado Governo de Soares PS/PSD, que abriu falência em termos de coligação e de política, não respeita a lei, não talha o seu comportamento e acção pelos limites do poder de gestão que constitucionalmente lhe são impostos.

Ao contrário, subordina a ambições ilegítimas de poder, a objectivos eleitoralistas e à execução a todo o transe do plano contra-revolucionário, o seu uso abusivo do aparelho de Estado e dos dinheiros do povo.

A ilegalidade é a verdadeira «lei» deste Governo descredenciado — o atropelo grosseiro das «regras do jogo» é a regra do seu jogo.

A manipulação dos meios do Estado e à instrumentalização do Poder — que no momento actual se processa da maneira mais descarada e arrogante pelos detentores do Executivo — acrescentam agora graves afluências de violência e encenações de guerra civil que ameaçam seriamente não só a democraticidade das eleições como o civismo e a necessária tranquilidade pública que devem rodear a preparação e a realização do acto eleitoral de 6 de Outubro.

O vigor da polémica política e o calor da competição eleitoral são compreensíveis e aceitáveis no quadro da democracia. A desordem provocada, e neste caso friamente organizada pelo Governo de gestão, essa é inadmissível e em absoluto incompatível com a ordem democrática saída do 25 de Abril.

A brutal ofensiva desencadeada na última semana e ainda em curso contra a Reforma Agrária, visando a sua destruição completa e a rápida e total reconstituição dos latifúndios, assume o carácter odioso de verdadeira guerra social contra os trabalhadores.

Poderosos meios repressivos foram mobilizados pelo Governo sob o comando de um ministro da Agricultura que está desvelando a sua velha fisionomia fascista e significativamente se candidata como cabeça de lista do PSD por um grande distrito da Reforma Agrária — Beja.

Um grande número de UCP's têm sido ocupadas por fortes contingentes da GNR equipados para grandes operações de choque. Baleizão, a terra de Catarina foi cercada por guardas de viseira, cães-polícias e armas automáticas.

Mário Soares e Almeida Santos — este o «legislador» da lei Barreto — em associação com o novo Barreto (Bissaia) do PSD — dão cobertura e dirigem contra os trabalhadores acções terroristas que «violam brutalmente — como salienta a «Nota» de anteontem da Comissão Política do CC do PCP — a Constituição e a legalidade democrática».

Soares exhibe pelo Alentejo a sua personalidade de Tartufo: prometendo grandes farturas para a agricultura alentejana, como no Alqueva, e, simultaneamente, ordenando a destruição pela violência das explorações agrícolas mais válidas que alguma vez existiram na zona do latifúndio — as UCP's/Cooperativas da Reforma Agrária.

Resistir firmemente a esta odiosa ofensiva é um imperativo do movimento popular, ao mesmo tempo que se torna claro e instantâneo o objectivo de derrotar nas eleições, de castigar decididamente por meio do voto, os dois partidos e os ministros responsáveis pelo clima de violência instaurado no Alentejo e no Ribatejo.

Aliar a intimidação terrorista contra os trabalhadores e a demagogia eleicoeira mais descarada; mentir mais uma vez ao povo para lhe caçar o voto e o enganar depois; esgotar os últimos arrancos do Governo de gestão para levar o mais possível por diante o plano contra-revolucionário calendarizado entre eles e interrompidos pela demissão e a derrota do Governo, é, aliás, nesta fase da campanha eleitoral, a linha comum de acção do PS e do PSD e dos seus dirigentes de ocasião, Mário Soares e Cavaco.

A operação de «lixivagem» das responsabilidades de ambos na situação de desastre económico e social em que o País se encontra prossegue activamente no meio de acusações mútuas para «eleitor ver» entre os dois parceiros da coligação derrotada que, fingindo-se «zangados», preparam na sombra novas alianças.

As promessas mirabolantes de Soares, Cavaco, Almeida Santos e também de Lucas Pires — que tenta recolher os «pingos» do desencantamento dos eleitores do PSD — promessas que eles se preparam mais uma vez para trair — aí estão de novo numa grande operação de burla eleitoral, de «lavagem ao cérebro» dos portugueses que toda essa gente enganou ao longo dos nove anos que detiveram a direcção executiva do Estado e mais uma vez pretende grosseiramente enganar.

O episódio do Alqueva é um produto acabado da demagogia soarista e da direita, da sua tradicional política de mentira.

Em Janeiro de 1984 o governo dirigido por Mário Soares decidiu «relançar» o Projecto do Alqueva atribuindo-lhe 50 milhões de contos, com um arranque de 300 mil naquele ano. Claro, o Orçamento do Estado não lhe atribuiu nada e Soares veio depois prometer 100 000 contos que não cumpriu.

Entretanto, em Março desse mesmo 1984, numa das suas visitas aos Estados Unidos e no processo de negociações com o FMI, Soares disse que se impunha «cortar investimentos públicos e projectos desajustados às realidades do País», entre eles o Alqueva!

Em 3 meses uma posição e a contrária, uma para iludir o povo português outra para cumprir as exigências dos seus «special friend», dos Estados Unidos.

O projecto do Banco Mundial em 1978 impunha limitar o Alqueva a um quinto do volume de água previsto e a contribuição de 50% dos custos pela lavoura.

Soares diz agora que o projecto vai arrancar em 1986 — como se o PS e Mário Soares continuassem à frente do País! — e desta vez com a mirífica «ajuda» da CEE, cuja exiguidade, na reunião dos «12», em Bruxelas, de anteontem, até alarmou o ministro dos monopólios Ernâni Lopes.

Entretanto, no projecto inicial do Alqueva prevê-se a produção de 380 000 toneladas de beterraba sacarina que quase nos libertaria da dependência externa do abastecimento de açúcar, mas no «acordo de adesão» à CEE põe-se como limite a Portugal a produção de apenas 60 000 toneladas de beterraba! Como explicará Soares esta contradição?

Tudo isto mostra com meridiana clareza que aquela espaventosa descida de Soares do helicóptero no aeroporto de Beja para assinar o «acordo de arranque» do Alqueva e a presença do presidente do BEI foi uma cena de «farsa» eleitoralista, desta vez com a colaboração directa de amiguinhos de Soares na CEE para uma nova operação de mistificação do povo português.

Coisas deste estilo e os divertidos «banhos de multidão» dos chefes da direita, com Soares e Almeida Santos, Cavaco e Lucas Pires, juntamente com as calúnias mais soezes contra o PCP e a APU e o anticomunismo mais primário instilado pelos órgãos de comunicação social do Estado, vamos ainda ter várias até ao fim da campanha.

Em contraste com a mistificação da direita governante e não governante, como um oásis de verdade entre as pústulas da corrupção da direita que se vai descobrindo nos arrais do Governo derrotado e da sua clientela, a APU e o PCP nela integrado, numa viva campanha de esclarecimento e mobilização populares, está levando ao povo português e ao País a visão verídica da situação nacional actual, das suas causas e efeitos, dos problemas mais agudos criados pelo Governo PS/PSD e, necessariamente, de propostas políticas e soluções realistas viáveis que se põem na ordem do dia.

O «Programa de Máxima Urgência» da APU ganha a adesão crescente dos portugueses à medida que se torna conhecido e é debatido com as massas.

— Arrancar com a recuperação económica;
— Dar soluções às injustiças sociais mais flagrantes, garantir os direitos dos trabalhadores, melhorar a vida do povo;

— Estabilizar a vida nacional no quadro das liberdades e da democracia;

— Garantir a independência nacional.

São pontos candentes que vão ao encontro de problemas profundamente sentidos e calam fundo no coração do povo, em particular dos trabalhadores.

O Programa Eleitoral do PCP é, por seu lado, um

repositório científico e aprofundado de medidas concretas a curto e a médio prazo que consubstanciam «um novo rumo para Portugal no caminho de Abril», o concretiza e detalha sobre um conhecimento e reflexão de «experiências feitas» e ao qual o resultado das eleições de 6 de Outubro pode abrir — se assim o povo quiser — possibilidades novas reais de se construir um futuro melhor para os portugueses.

Nos debates com o povo, com os portugueses das mais diversas condições sociais, uma profunda consciência patriótica ressalta da necessidade de pôr à frente do País forças capazes de impor e dar expressão prática a um tal projecto, forças entre as quais os trabalhadores e o PCP desempenham um papel primordial.

A campanha eleitoral da APU está dinamizando e movimentando muitos milhares de activistas, de jovens, mulheres e homens que, de maneira entusiástica, levam a todos os recantos do País a voz e as propostas de uma grande coligação que, se propõe estar no eixo de uma nova política para Portugal — a Aliança Povo Unido.

Graças ao esforço esclarecedor dos activistas da APU as grandes linhas da campanha ganham raízes nas situações concretas de cada localidade, de cada local de trabalho, de cada sector da população portuguesa.

É um esforço hercúleo a que é necessário atrair novos activistas e que deve materializar-se cada vez mais em formas que directamente toquem as massas populares e as mobilize.

A proposta do PCP de constituição de um Governo Democrático de Salvação Nacional começa a penetrar na consciência e nas convicções do povo como alternativa política para dar realização prática a uma política alternativa — a que é exposta no «Programa da Máxima Urgência» da APU e no «Programa Eleitoral do PCP».

É acção de grande envergadura e complexidade mas que está ao alcance das nossas forças no momento actual.

É uma campanha de esclarecimento, de unidade e luta pelo alargamento do voto na APU e pelo aumento substancial dos seus mandatos na Assembleia da República, mas também contra as ilegalidades, as manipulações e a instrumentalização do aparelho de Estado, contra as irrupções de violência e pela imediata exoneração do Governo falido, demitido e derrotado de Mário Soares, do PS e do PSD e, de uma forma muito concreta e imediata, pela marcação da data para as eleições autárquicas como o exige a lei e à qual a clique governante da direita tenta eximir-se.

Na base desse vasto esforço organizativo e político as condições favoráveis para uma grande vitória nas eleições de 6 de Outubro serão materializadas na alternativa democrática que a situação nacional impõe.

Está nas nossas mãos arrancá-la!

Resumo



Quantos mortos?

11 Quarta-feira

Ocorre, perto de Alcafache, Mangualde, um trágico acidente ferroviário, resultante do choque de dois comboios, admitindo-se que tenham perecido mais de uma centena de pessoas. ■ Em sessão solene na Câmara Municipal da Amadora assinala-se a passagem do 6.º aniversário do município. ■ CGTP-IN solicita audiência aos conselhos de gerência da RTP e da RDP, reclamando a participação das organizações sociais nos debates na rádio e na televisão. ■ Em Beirute, o embaixador de Portugal no Líbano escapa a uma alegada tentativa de rapto. ■ O bispo anglicano Desmond Tutu afirma que uma greve geral poderá vir a ser convocada se o governo do *apartheid* não iniciar negociações imediatas com os dirigentes negros. ■ É executado de madrugada, no Texas, um jovem de 28 anos, por crimes cometidos quando menor.

12 Quinta-feira

Os números relativos aos mortos no trágico acidente ferroviário de Alcafache, depois de oscilações e especulações que levaram à divulgação de notícias com pouca credibilidade, mostra-se impossível de fixar por terem ardido carruagens onde os corpos ficaram carbonizados. ■ Mário Soares causa indignação ao visitar o local do acidente em operação de propaganda, no Hospital de Viseu, volta às costas ao médico que lhe chama a atenção para a precariedade das instalações e diz-lhe não ter trazido dinheiro no bolso. ■ O CDS anuncia a suspensão das negociações com o PSD para aliança nas autarquias nos concelhos de Lisboa, Oeiras, Cascais e Sintra. ■ O cabeça de lista do PRD por Lisboa afirma que o seu partido defende uma política social-democrata. ■ Comissão Executiva da CGTP-IN faz um balanço negro da acção dos governos da «AD» e do PS/PSD. ■ Plenários sindicais de Lisboa e Setúbal defendem o empen-



nhamento activo dos trabalhadores na campanha eleitoral a favor de «uma verdadeira mudança política». ■ Tribunal de Haia recomenda o julgamento da queixa apresentada pela Nicarágua contra os EUA pela minagem dos portos nicaraguenses em 1984. ■ Os membros do parlamento europeu manifestam o seu apoio ao «acordo nacional» entre as forças de oposição chilena e condenam a «brutal repressão» lançada por Pinochet contra os manifestantes antifascistas.

13 Sexta-feira



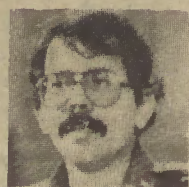
Oliver Tambo

A visita do secretário-geral do PCP aos distritos do Norte começa por um contacto directo com os trabalhadores dos estaleiros de Viana do Castelo. ■ Mário Soares desloca-se de helicóptero a Beja, como Primeiro-Ministro e aprova para prometer o relançamento das obras do Alqueva. ■ A Comissão Coordenadora da APU denuncia publicamente o facto de o Governo, ilegalmente, não pretender marcar dentro do prazo as eleições autárquicas. ■ A mando do Governo, 500 guardas da GNR invadem a UCP Salvador Joaquim do Pomar. ■ Uma delegação do ANC, dirigida por Oliver Tambo, reúne-se na Zâmbia com representantes de alguns dos principais grupos económicos sul-africanos. ■ Vários polícias são feridos e dez pessoas detidas durante os incidentes que opuseram jovens emigrantes e forças policiais em Birmingham, na Inglaterra. ■ Entra no nono dia a greve geral convocada pela Central Operária Boliviana, enquanto o exército ocupa as empresas estatais, por decreto governamental.

14 Sábado

Um incêndio deflagra na região de Setúbal, na zona florestal da empresa SA-PEC, enquanto grandes incêndios continuam a lavar em diversas regiões do País. ■ Em Braga, prosseguindo a sua visita, Álvaro Cunhal afirma a necessidade de um reforço de votação na APU. ■ Blanco Teixeira, de visita à Madeira, afirma a convicção de que esta região contribuirá para uma grande votação nacional na APU. ■ Abrem respectivamente em Alpiçaga e no Montijo as feiras «Alpiçaga 85» e «Montiçaga 85». ■ O governo da Nicarágua acusa as Honduras de haverem apoiado um ataque contra-revolucionário na região fronteiriça entre os dois países. ■ A rádio iraniana anuncia que a Força Aérea do Iraque atacou «um grande objectivo naval» no Golfo Pérsico. ■ Um tribunal do Zaire condena um cidadão belga acusado de propaganda e de «complot» contra o Estado. ■ Cinco mortos e dezenas de feridos é o balanço do acidente ferroviário ocorrido na Suíça. ■ A União Soviética decide expulsar 25 cidadãos britânicos residentes em Moscovo, por desenvolverem actividades contrárias ao estatuto diplomático.

15 Domingo



Daniel Ortega

Abre a campanha eleitoral para as eleições legislativas de 6 de Outubro. A APU promove em Lisboa, um grande desfile em que participam os candidatos pelos círculos da capital e de Setúbal.

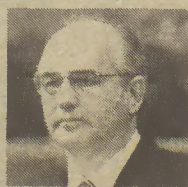
No Porto, o secretário-geral do PCP pratica um comício que se realiza na praça General Humberto Delgado, depois de ter dialogado com intelectuais na cooperativa «Árvore». ■ O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega convida para uma reunião



APU abre campanha

imediatamente o seu homólogo das Honduras, Roberto Cordova, a fim de «evitar uma guerra» na América Central. ■ Circula na RFA a notícia de que este país quer negociar com os EUA a sua entrada no projecto americano «Guerra das Estrelas». ■ O presidente neo-zelandês, David Lange, acusa François Mitterrand de considerar a Nova Zelândia como «país inimigo», dada a sua posição contrária às experiências nucleares francesas em Mururoa. ■ O Ministério da Defesa britânico confirma que a Grã-Bretanha tem a intenção de vender aviões de combate à Arábia Saudita.

16 Segunda-feira



Mikhail Gorbachev

A Comissão Política do CC do PCP acusa o Governo de mover uma verdadeira guerra social aos trabalhadores da Reforma Agrária, violando brutalmente a Constituição e a legalidade ao atacar as UCP's, impedindo as sementeiras. ■ Presidentes PS das Câmaras algarvias provocam a falta de quorum na Assembleia Distrital de Faro que deveria discutir a situação dos trabalhadores das assembleias distritais e dos serviços adstritos. ■ A Confederação Nacional da Agricultura propõe em Coimbra que o voto dos agricultores vá para quem defenda as propostas da lavoura da CNA. ■ Um português e dois angolanos são condenados à pena capital pelo Tribunal Popular Revolucionário de Luanda, acusados de espionagem e alta traição. ■ O presidente do Peru, Alan García, demite o chefe das forças armadas. ■ Autoridades chinesas anunciam que, por razões de idade, serão substituídos dirigentes veteranos do Partido, contando-se entre estes cerca de metade do actual Bureau Político do Comité Central.

17 Terça-feira

A Comissão Nacional de Eleições (CNE) pronuncia-se em comunicado pela «necessidade de marcação urgente» das eleições autárquicas para Dezembro próximo. ■ Jornalistas do Porto subscrevem abaixo-assinado no qual manifestam preocupação pelos «graves atropelos à independência, à isenção e pluralismo da informação». ■ Agravam-se os incêndios florestais: o do Marão é o maior de sempre no norte do País. ■ É anunciada uma nova invasão de Angola pelos racistas sul-africanos. ■ Para a CNA, a importância das próximas eleições reside, entre outros aspectos, no facto de ser uma oportunidade para «mudar de política agrícola» que crie «uma vida nova nos campos». ■ O governo da Nicarágua propõe às Honduras a vigilância comum da fronteira entre os dois países. ■ Prosseguem em Trípoli, no norte do Líbano violentos combates entre milícias de diferentes facções partidárias. ■ A União Soviética coloca no espaço mais uma nave tripulada.

Avante!
Projetamos de todos os países UNI-VOS

O jornal
dos trabalhadores
da democracia
e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista
Português. Rua Soares Pereira Gomes -
1699 - Lisboa CODEX. Tel. 76 65 45
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares
Pereira Gomes - 1699 Lisboa CODEX
Tel. 76 75 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais, Av. Santos
Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do
Século, 80 - 1200 Lisboa Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcárcova de Baixo, 13 - 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 - 8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 57B - 4000 Porto
Tel. 66 39 08/66 39 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos, 6-B
- 1100 Lisboa. Tel. 77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 19-2.º Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e impresso na Heka
Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Tiragem média do mês de Agosto: 32 768

Jornada vibrante em Lisboa abre da melhor maneira a campanha da APU

Um desfile, um comício e um espectáculo — numa palavra, uma jornada vibrante realizada no coração da baixa lisboeta, mobilizando milhares de pessoas naquela tarde quente de domingo, assinalou da melhor maneira — com a força do Povo — o arranque da campanha eleitoral da Aliança Povo Unido no distrito da capital. Uma jornada combativa que reuniu também os concelhos da beira Tejo do distrito de Setúbal, e onde a juventude marcou presença saliente e bem ruidosa...

O desfile foi uma verdadeira festa em movimento, que desceu a Avenida da Liberdade até ao Rossio em hora e meia de animado convívio, com muita gente a aplaudir nos passeios, incluindo turistas estrangeiros.

Depois, já no Rossio, seguiu-se o comício — a continuação da festa, transformada em esclarecimento e em mobilização para a grande batalha política de 6 de Outubro, com palavras de candidatos pelos círculos de Lisboa e Setúbal, destacando-se nesta edição do «Avante!» a intervenção do dirigente comunista **Octávio Pato**. Ao desfile e ao comício sucedeu um espaço de música, dando uma vida nova às tardes domingueiras do Rossio. Mas vamos lá por partes contar como foi, e com algum pormenor.

Juventude: uma presença viva!

O desfile arrancou cerca das 15 horas, lá do cimo da Avenida, tendo à cabeça um grande número de candidatos pelos dois círculos eleitorais: comunistas, membros do MDP/CDE, do partido «Os Verdes», democratas independentes, homens, mulheres e jovens empenhados na luta por Abril, representativos dos mais diversificados sectores sócio-profissionais, operários, empregados, professores, quadros técnicos e intelectuais, autarcas, sindicalistas, artistas, homens de letras, etc.

Viam-se, entre muitos outros, os primeiros nomes das listas APU de Lisboa e Setúbal, casos de **José Manuel Tengarrinha** e **Octávio Pato** e **Domingos Abrantes** e **José Vitoriano**, entre outros. Recorde-se que o cabeça de lista por Lisboa, Álvaro Cunhal, se deslocou no passado fim-de-semana ao Norte do País.

Logo a seguir aos candidatos, vinha a juventude. Presença alegre, viva, contagiante mesmo. Bandeiras, claques com tambores bem ritmados e os já habituais cabeçudos ou gigantones (**Soares, Cavaco e Pires**), que ouviram das boas no último domingo. No sector da juventude, destaque para os membros da JCP e para a malta dos «Verdes», que lembraram a necessidade de amar e defender a vida e a natureza.

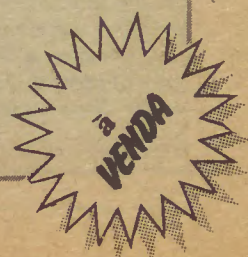
Os carros alegóricos: imaginação e actualidade

Como a campanha da APU é uma campanha em movimento, o desfile na Avenida incluiu também diversos carros alegóricos, que exibiam inscrições alusivas ao voto democrático em 6 de Outubro, ao momento político e às grandes questões da vida nacional, destacando-se natural-



Programa Eleitoral do PCP

Eleições
para
a Assembleia
da República



a Talhe de FOICE

A Festa, a Informação ... e as eleições

Mais uma vez este ano — e talvez este ano de uma maneira especial, por motivos específicos —, a forma como boa parte da comunicação social tratou (antes, durante e depois) a Festa do «Avante!» é merecedora de atenção e reveste-se de indelével significado. Além do mais, porque estamos perante um exemplo claro de algumas hipocrisias que por aí campeiam em termos de Informação.

Houve, como de costume, jornais que pura e simplesmente ignoraram a Festa ou lhe dedicaram apenas meia dúzia de sobranceiras e displicentes linhas, arrumando o acontecimento na prateleira das coisas triviais e corriqueiras, eventualmente com o rótulo de «arraial comunista» (em tempos, até houve quem lhe chamasse «orgia», e também quem sugerisse a sua proibição devido... aos engarrafamentos de trânsito que provocava!). São estes, como se sabe, os jornais da direita e da extrema-direita, os quais não deixam passar nada que cheire a PCP — isto é, a 25 de Abril, a luta contra os interesses monopolistas e contra o imperialismo...

Mas há também os que, não ignorando a Festa, a tratam de uma forma ostensivamente parcelar e incompleta, isolando este ou aquele aspecto e excluindo tudo o resto, alterando-lhe assim profundamente a imagem e o significado.

Este ano, tal como noutros, vimos jornais para quem a Festa foi apenas o discurso de Álvaro Cunhal no comício de domingo; para outros foi os espectáculos musicais ou mesmo só a actuação deste ou daquele artista; e houve quem a «reduzisse» às exposições de artes plásticas.

Que este ou aquele semanário especializado o faça, compreende-se e aceita-se; que por exemplo diários de grande informação ou semanários políticos tomem idêntica atitude, já é coisa que se não compreende — ou mesmo que se **compreenda**, não se aceita. Isolar da Festa um aspecto, ainda que dando-lhe um bom tratamento, significa amputá-la e violentar-lhe a essência, que reside precisamente na junção harmoniosa e espectacular de todos esses elementos que fazem dela, no seu conjunto, o maior acontecimento político-cultural que se faz anualmente em Portugal. É este o mérito da Festa, é esta a sua originalidade — em suma, e em termos de informação, é esta a **notícia**.

Não pode deixar de ter um forte sabor a hipocrisia o facto de certos aparentemente escrupulosos comentadores repudiarem, não sem razão, os critérios do «metro» ou do «segundo» para medir a objectividade ou o pluralismo da informação, invocando legitimamente a liberdade de o jornalista e o jornal avaliarem por si próprios o que é **notícia** — e depois, perante um fenómeno ímpar como a Festa, ei-los que ignoram deliberadamente o acontecimento, transformando-o, quando muito, numa mera «iniciativa partidária» igual a tantas outras.

O facto de este ano a Festa ter ocorrido em período de pré-campanha eleitoral não altera em nada os dados do problema. O argumento de que, se se desse à Festa o espaço ou o tempo que ela mereceria, isso implicaria o estabelecimento de um grande desequilíbrio com o tratamento dado aos outros partidos, visto eles não promoverem iniciativas da mesma dimensão — não é argumento nenhum, antes uma má desculpa. Será que a objectividade e o pluralismo consistem em transformar grandes iniciativas em pequenas, e empolar as pequenas para que elas pareçam tão importantes como as grandes? Será nesta equiparação forçada que reside o verdadeiro «equilíbrio» informativo?

Uma outra forma de hipocrisia, talvez ainda mais incómoda para quem lê, consiste na atitude dos que vão à Festa (quando vão) exclusivamente dispostos a encaixarem aquilo que vêem nos seus preconceitos e ideias-feitas acerca dos comunistas, e depois escrevem umas prosas envinagradas onde alguns factos concretos surgem envolvidos numa teia de processos de intenção e falsidades.

A Festa é um dos mais flagrantes exemplos de como é errada a ideia que se pretende dar do PCP de um partido fechado, sectário, rígido e imutável. O conhecimento e a **compreensão** da Festa, do que ela é, como se faz e como decorre, é uma peça importante para **compreender** o PCP.

Sublinhe-se que a Festa do «Avante!», sendo um exemplo importante, é apenas um exemplo. Há muitos outros. E, como já se está a ver, a campanha eleitoral em curso é um momento privilegiado para certas atitudes se repetirem.

Repare-se na abertura da campanha: como é possível, falando em **termos jornalísticos**, dar maior destaque ou sequer comparar umas conversas de Almeida Santos, Cavaco ou Pires, caracterizadas por um rotineirismo e uma falta de imaginação a toda a prova, com a riqueza, a cor, a criatividade de um desfile como o promovido pela APU em Lisboa? Não será que os **critérios jornalísticos** cedem nitidamente o passo aos **critérios discriminatórios**?

Afirma o novo partido, o PRD, que a sua principal batalha é tornar-se conhecido do povo português. Acontece que o PCP anda por cá há um bocadinho mais de tempo, e seguramente podemos afirmar: grande parte do nosso povo ainda não sabe bem (não por culpa sua!) o que é e o que pretende o PCP — porque no dia em que isso acontecer a realidade eleitoral do país mudará profundamente. Como facilmente se nota, quem mexe os cordelinhos da comunicação social sabe-o bem.

■ FC

PCP



Desfile em Lisboa

mente os graves problemas sociais, nestes últimos meses de 1985, ano de duras batalhas políticas.

Trabalho, Honestidade,

Competência — Vamos votar APU e Para salvar o País, novo rumo no Portugal de Abril eram inscrições bem salientes, em movimento numa

Avenida da Liberdade com «Povo Unido», repleta de cartazes e panos APU.

Noutro carro era o aumento das rendas que estava em foco.

Aí, uma figura representando Almeida Santos tinha o descaramento de afirmar: «A lei até é boa para os senhorios». A revogação dessa lei antipopular era exigida nas inscrições da viatura, que retratava ainda um diálogo que bem se pode multiplicar nesta campanha: «Que fazer contra o aumento das rendas?» A resposta: «Fácil: votar APU».

A Reforma Agrária, pois ela existe, vive e luta também no distrito de Setúbal e no coração de milhares de lisboetas, mereceu um carro alegórico que exigia a revogação da famigerada Lei Barreto e o termo da ofensiva destruidora que o demitido governo PS/PSD, embora limitado pelas competências de governo de gestão em período eleitoral, quer continuar e agravar.

Outro carro recordava ainda aos milhares de pessoas que na tarde de domingo estiveram na Avenida e no Rossio que o es-



PCP

cândalo dos salários em atraso — assunto a que até o PDC já se refere na Televisão, tal é a demagogia e o cinismo das forças de direita — é um escândalo que se multiplica em numerosas empresas, afectando a vida de muitas famílias. O desfile recordou, nomeadamente, os casos da **Messa, Durapas, Seicla, Grís e Nedl**.

«**Contra o Ministério da Cultura havemos de resistir**», garantia o carro do Grupo de Teatro de Campolide. De outra viatura, a da **freguesia da Mina** (Amadora), exibiu-se um velho símbolo da localidade — o moinho, ao mesmo tempo que se matava a sede aos participantes no desfile.

Ainda por iniciativa do concelho da **Amadora**, o Município de Abril, representado por outras freguesias, caso da **Brandoa**, muitas bandeiras vermelhas se encaminharam para o Rossio.

Não podíamos terminar esta referência aos carros do cortejo sem duas palavras de registo. Uma para a **Xaranga** do PCP da zona oriental do concelho de Loures (Sacavém), que animou e deu ritmo à jornada, e outra para o humor e a actualidade do carro onde seguia uma parelha de palhaços e onde se afirmava: «**Esta Comunicação Social mente descaradamente**». No écran, lá estavam em animada cavaqueira o Soares, o Cavaco e o Pires, com o imperialismo norte-americano a puxar os cordelinhos das suas discursatas demagógicas.

Empresas, sectores e concelhos

A APU de Lisboa fez desfilar na Avenida um imponente pano com o símbolo da coligação democrática, bem estendido e agarrado por vários manifestantes, encontrando-se no cortejo inúmeras referências noutros panos de diferentes dimensões. Desde os reformados de Almada aos eleitores dos **Olivais** (Lisboa), **Loures, Cascais, Amadora, Vila Franca de Xira, Sintra e Odivelas**. Do **Alto Seixalinho** e da **Verdeira** (com a APU, são freguesias do concelho do **Barcelo**) vieram representações entusiásticas. Tal como das empresas da **Venda Nova** (Amadora), salientando-se a **Sorefame**, que apelava: para a solução dos problemas nacionais, trabalhadores votam APU. Também os trabalhadores da **Treflaria** (Sacavém) afirmavam no seu pano a combatividade para prosseguir Abril.

Um vasto e diversificado conjunto de empresas e sectores profissionais (**Petrogal, Utic, professores, trabalhadores dos seguros e dos transportes** — «votar APU é meio caminho andado») marcaram a sua presença determinada neste desfile, ao qual não faltaram também os desportistas e muita gente que se preocupa com a cultura, como evidenciou a representação de **Oelras**.

Destaque também para alguns «homens-sandwich», que referiam nomeadamente: «Só votando APU votamos Abril», ou «Em 6 de Outubro mais votos e mais deputados da APU».

Várias freguesias de Lisboa, como as do **Alto Pina, Penha de França, Santa Catarina, Benfica, São Jorge de Arrolos, Carnide** e tantas outras, assinalaram com entusiasmo a sua participação no desfile APU.

Presença bonita e bem colorida foi dada pelas flores de papel (alguns conjuntos reproduziam símbolos e bandeiras) e pelos arcos e balões, ao jeito da tradição popular lisboeta, destacando-se a «mini-marcha» do Bairro Novo de Santo Eloy.

Animação foi também palavra de ordem na vivacidade da expressão dos grupos folclóricos e corais que colaboraram na iniciativa da APU, levando para o cortejo a tradição popular alentejana e ribatejana, cabendo aqui uma palavra para o **Rancho Folclórico Infantil e Juvenil «Os Minhotos»**, radicados na Ribeira da Lage, em Oeiras. Depois das acções em palcos instalados no passeio da Avenida, os grupos folclóricos integravam-se no desfile, dando-lhe mais alegria e colorido.

Hora e meia de desfile

O desfile demorou cerca de uma hora e meia. Chegados ao Rossio, onde muita gente os aguardava, os manifestantes participaram num comício presidido por **Jerónimo de Sousa**, membro suplente do Comité Central do PCP, operário metalúrgico, e candidato por Lisboa. Numa atmosfera de combatividade e de viva confiança na vitória democrática de 6 de Outubro, Jerónimo de Sousa daria a palavra a seis candidatos da APU: **Jorge Patrício, Marla Santos, Anselmo Anibal, Apolónia Teixeira, José Tengarrinha e Octávio Pato**. Salientando todas elas a necessidade de reforçar a votação na APU, as intervenções do comício foram vivamente aplaudidas e interrompidas com palavras de ordem. Em suma: a



APU abriu da melhor maneira a sua campanha em Lisboa. Com a força do povo e a unidade democrática, presentes ao vivo, bem no coração da capital.

Pela juventude, pela vida

Neste Ano Internacional da Juventude e do recente XII Festival

Mundial da Juventude e dos Estudantes, coube a um jovem abrir a série de intervenções no entusiástico comício eleitoral da Aliança Povo Unido, no Rossio. **Jorge Patrício**, membro da Direcção Nacional da Juventude Comunista Portuguesa, candidata por Setúbal, enumerou alguns dos mais graves aspectos da

política de direita contra a juventude, tanto no campo do trabalho como do ensino. Recordaria, assim, que foram os governantes, os deputados e o conjunto da política desastrosa do PS, PSD e CDS os responsáveis pelo aumento do desemprego, os contratos a prazo, os salários em atraso, a inviabilização do subsí-

dio de desemprego aos jovens que procuram o 1.º emprego, o aumento da selectividade no ensino, o 12.º ano, o «numerus clausus», os exames de admissão ao Superior, a degradação



PCP

Desfile em Lisboa

do apoio social estudantil, os aumentos dos preços das cantinas universitárias, a inviabilização da aplicação concreta do estatuto de trabalhador-estudante, a não aprovação da lei do sistema educativo, a degradação da qualidade pedagógica e científica do ensino.

Maria Santos, dirigente do partido «Os Verdes», candidata por Lisboa, salientou que uma política responsável de desenvolvimento económico e social exige também uma orientação favorável à diversidade regional e à defesa do património natural e cultural das populações. Nas palavras de Maria Santos, a mensagem de uma preocupação pelo equilíbrio natural da vida e de uma condenação vigorosa às políticas de falso desenvolvimento que liquidam a vida e adulteram as condições do meio ambiente.

Anselmo Aníbal, vereador da Câmara Municipal de Lisboa candidato independente da APU por este círculo (é o 4.º da lista), também falou na tribuna do comício. Salientou o espaço de unidade democrática da Aliança

Povo Unido, força política que tem nos independentes uma componente muito importante, reunindo personalidades do campo democrático que vêm na APU a força responsável e patriótica. Uma força a que juntam as suas capacidades pelo progresso do país e pelo reforço da luta democrática.

Nas palavras de Anselmo Aníbal, um destaque também para as propostas da APU, com vista à resolução dos graves problemas nacionais e regionais.

«...E não haverá mais fome»

Sobre um distrito APU, com gestão maioritária dos eleitos «Povo Unido» em todos os seus 13 concelhos, de Almada a Sines, falou **Apolónia Teixeira**, da Direcção Regional de Setúbal do PCP (DORS) e candidata por aquele círculo eleitoral. Enaltecendo o trabalho meritório de 10 anos de gestão democrática ao serviço das populações e das localidades, Apolónia Teixeira exemplificou as potencialidades e

capacidades da APU, força intimamente ligada às populações, capaz de erguer um trabalho que não tem qualquer comparação possível com o das autarquias dirigidas pela direita. No âmbito da situação política e social, Apolónia Teixeira sublinhou particularmente os graves problemas de dezenas de milhares de trabalhadores, uns lançados no desemprego, outros trabalhando sem receber salário. Condenando vigorosamente a política PS, PSD e CDS de desastre e de miséria, a candidata comunista diria a dado passo: «**Deixem a Lisnave trabalhar, paguem os salários em atraso, acabem com os despedimentos, deixem de asfixiar as empresas nacionalizadas, acabem com os ataques à Reforma Agrária e com a destruição da pesca artesanal, acabem com a destruição do sector da metalomecânica pesada, avance-se com o Plano Siderúrgico Nacional, nomeiem-se gestores honestos e capazes, viabilizem-se o Complexo de Sines e a exploração das minas de Neves Corvo e no distrito não haverá mais fome e miséria e**

ajudaremos a ultrapassar a grave crise nacional», concluiu.

Os oradores apelaram ao reforço da votação na APU para que esta se torne a primeira força política no distrito de Lisboa. Apolónia Teixeira garantiu que o PS, PSD e CDS pagarão caro a sua política de desastre e serão de novo derrotados, desta vez de forma mais acentuada, no distrito de Setúbal.



A direita de novo contra a Constituição

José Manuel Tengarrinha, presidente do MDP/CDE, chamou a atenção para as manobras do PS e do PSD perante o eleitorado, uma vez que tentam fugir às responsabilidades da situação criada no País. O dirigente do MDP, candidato por Lisboa, recordou que a política de direita, combinada de uma ou de outra forma, entre PS, PSD e CDS, conduz sempre ao descalabro, alertou para a ofensiva de direita contra a Constituição e o regime democrático (socialistas de Mário Soares, socialistas-democratas de Cavaco e centristas de Lucas Pires falam todos em rever de novo a Constituição como se esta fosse a causa dos seus falhanços) e caracterizou a Aliança Povo Unido como um amplo campo de cooperação democrática, com natureza unitária, e uma força sem qualquer tipo de responsabilidades na grave situação em que o País se encontra. Referindo-se às perspectivas de 6 de Outubro, Tengarrinha lembrou que reforçar a APU

é criar condições para uma nova política, com estabilidade e com a confiança dos portugueses, numa dinâmica de combate aos graves problemas económicos e sociais que afectam a sociedade portuguesa.

Octávio Pato, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, candidato por Lisboa, encerrou o conjunto de intervenções do comício, mostrando com factos e números significativos que está ao alcance dos democratas levar a APU a primeira força eleitoral no distrito de Lisboa, com a maior votação de sempre (ler noutro local).

Mas a tarde da APU no coração da baixa lisboeta ainda não ia acabar. Às palavras de esclarecimento, de mobilização e de apelo à acção democrática em torno do voto seguro e certo no «Povo Unido», sucedeu-se um período animado de música com **Fernando Tordo** e o grupo rock **Rádio Macau** — dois estilos bem diferentes a merecerem aplausos vivos da multidão, num espectáculo apresentado pela actriz **Fernanda Lapa**, candidata por Lisboa.



PCP

Octávio Pato no Rossio

«A APU é a força da verdade, a força da razão e da democracia e sem o reforço da APU não haverá política de alternativa democrática»

(...)

Em 6 de Outubro próximo, os portugueses serão chamados a decidir sobre quem deve passar a presidir aos destinos de Portugal.

Para votar em consciência, para garantir a justeza do seu voto, a única medida que os portugueses devem usar terá necessariamente de ser a prática política que, ao longo dos anos, têm tido os vários partidos e coligações que se apresentem ao eleitorado.

Tem que ser com base nessa experiência vivida, e não em frases bonitas ou palavras sonantes, que as campanhas eleitorais sempre trazem e depois, na maioria dos casos, o vento leva, que os portugueses têm de decidir.

O que em 6 de Outubro estará, pois, em causa é se o povo português vai permitir a continuidade da política de direita que de há nove anos para cá vem sendo seguida pelo PS, PSD e CDS, e que atolou Portugal e os portugueses na gravíssima crise em que se encontram, ou se vai pôr travão a essa política, recusando o voto a esses partidos e dando-os às forças democráticas, designadamente à Aliança Povo Unido.

Balanco da pré-campanha

Nesta pré-campanha eleitoral que terminou, os dirigentes dos partidos que nestes 9 anos estiveram no Governo, PS, PSD e CDS, procuraram sacudir as responsabilidades que, individual e colectivamente, lhes cabem, uns para cima dos outros, atribuíram a culpa do descalabro à revalorização do dólar, ao choque petrolífero, à seca, a tudo e a todos, menos a si próprios e à sua política.

Mas as mentiras a que recorrem não podem esconder que nestes desastrosos nove anos para o País, o PSD esteve no Governo durante 6 anos, com 48 ministros; o PS esteve 4 anos com 45 ministros; e o CDS também 4 anos, com 18 ministros.

A verdade é que estes partidos sempre estiveram, e continuam a estar, de acordo no essencial: no ataque aos trabalhadores, às nacionalizações, à reforma agrária, e nos compromissos negociados com o Imperialismo, com o FMI. Então, não foram o PS e o PSD que negociaram o acordo com o FMI e assinaram a carta de intenções que amarrou Portugal às altas instâncias do capitalismo internacional, impondo ao nosso país uma política de profunda recessão? Então, não é verdade que Cavaco e Silva esteve na 1.ª fase das negociações com o FMI, em 1983, em representação do Governo PS/PSD?

É evidente que o PS e o PSD não querem nem podem assumir

frontalmente, neste momento, o papel que têm tido de carrascos do nosso povo. Eles sabem que os resultados das eleições de 6 de Outubro vão decidir da sua continuação ou não na área do poder. E sabem que se os portugueses os julgarem pelos seus actos, pela sua prática política, o veredicto não pode ser outro que não o da condenação absoluta. Por isso enjeitam responsabilidades, por isso as atiram para cima uns dos outros.

Se as aceitassem, estariam a reconhecer que a verdadeira razão da crise que atravessamos se encontra na política de restauração dos monopólios e latifúndios, que têm realizado à custa do bem estar dos portugueses.

Se as aceitassem, estariam a reconhecer a aliança antipatriótica que fizeram com os capitalistas mais reaccionários e com o imperialismo, para a destruição das conquistas da revolução.

basta a tanta demagogia e mentira.

E foi curioso ouvir o dr. Cavaco e Silva fazer também suas algumas das propostas constantes do programa do PCP, como a necessidade de aumentar o investimento, reduzir as taxas de juro do crédito, substituir importações por produção nacional, combater desperdícios da economia, atacar de imediato a degradação que se verifica na construção civil, considerando-a um sector prioritário.

E é curioso porque levar aquelas orientações à prática significaria defender as nacionalizações, a reforma agrária, as transformações socioeconómicas de Abril, os direitos dos trabalhadores, a democracia, enfim... precisamente o contrário do que defende o partido do dr. Cavaco e Silva, precisamente o contrário do que o PS, o PSD e o CDS praticaram durante estes 9 anos.

A mentira, a demagogia, a

O que o país reclama e deseja é uma nova política (não a «mudança» de que fala o PSD de Cavaco e Silva, mudança desacreditada e que a «AD» apregoou em 1980).

Para pôr fim à política de direita (política de desastre nacional) é necessário uma nova política e pôr em execução o «Programa de Máxima Urgência» da APU.

Para fazer sair o País da crise e salvaguardar a Democracia e a Independência Nacional, é necessário formar um Governo Democrático de Salvação Nacional; um Governo que realize uma política nacional em defesa de todos os que trabalham, em defesa dos pequenos e médios empresários e comerciantes, dos agricultores, da juventude, dos intelectuais e quadros técnicos, dos reformados (e não em defesa dos parasitas, dos especuladores e grandes capitalistas); um Governo verdadeiramente democrático, que tenha o apoio e a

apoio dos trabalhadores e do PCP.

Torna-se cada vez mais evidente que para pôr fim à política de direita e de ruína destes 9 anos, é necessário infligir, nas próximas eleições, uma severa derrota aos partidos que promoveram essa política.

Torna-se igualmente evidente que, para salvar o País nos caminhos de Abril, é necessário votar na APU, reforçar a APU, aumentar o número dos seus deputados e tomar a APU na primeira força eleitoral do distrito de Lisboa.

Tais objectivos não são uma utopia: já nas eleições de 1979, no distrito de Lisboa, a APU teve apenas menos 0,7% de votos do que o PS. Nas eleições autárquicas de 1982, a APU teve mais, repito, mais 1,3% de votos do que o PS. A «AD» teve apenas 5% mais votos que a APU, mas a «AD» já não existe e o PSD e CDS concorrem agora

vez que estão a dar cobertura e a apoiar a política de direita do PS.

O PCP, a APU é não só a força representativa de toda a esquerda mas também a força que representa, e defende, efectivamente, os trabalhadores, os desempregados ou os trabalhadores com salários em atraso, os pequenos e médios empresários, comerciantes e agricultores, a intelectualidade e quadros técnicos progressistas, os reformados e deficientes, a juventude e as mulheres, vítimas da política de direita.

Para levar por diante os objectivos que nos propomos, é necessário que nenhum votante da APU vote em qualquer outra força política, mas que haja muitos que votem pela primeira vez na APU.

Estamos confiantes em que a consciência política de milhares e milhares de portugueses não permitirá que eles se deixem en-



E não é por acaso que, nos debates que houve na Televisão, os dirigentes do PS, do PSD e do CDS fugiram, como gato escaldado de água fria, da realidade nua e crua em que vivem os portugueses. Fugiram dos dramas que significam o desemprego galopante; os salários em atraso; a queda do poder de compra; o nível degradante das pensões de reforma; a falta de habitação; a degradação das escolas; a falta de assistência médica; a subida de preços; a ruína dos camponeses e dos comerciantes. Preferiram meter a cabeça na areia como as avestruzes, para não ouvirem os protestos e as acusações de todo um país e de todo um povo que diz

mistificação foram, pois, uma das tónicas da pré-campanha eleitoral do PS, PSD e CDS. (...)

Porquê votar na APU?

O povo português já condenou todas as coligações que tiveram uma política de direita. Nenhuma dessas coligações chegou ao fim da legislatura. Todas elas falharam porque a política que praticaram foi um desastre e o povo lutou contra ela.

Foi assim com a coligação PS/CDS; foi assim com a coligação do PSD/CDS (com a «AD»); foi assim com a coligação PS/PSD.

colaboração dos trabalhadores, dos comunistas, das forças que integram a APU, de democratas e patriotas, situados em vários quadrantes e partidos políticos.

Se o PCP e as forças que integram a APU, juntamente com democratas e patriotas de outros partidos e formações políticas, farão ou não parte do Governo, tal decisão cabe ao povo português e não depende da autorização prévia das direcções do PS, do PSD e CDS, ou dos imperialistas dos EUA.

Uma coisa está provada: não haverá solução para os problemas nacionais, não haverá democracia nos caminhos de Abril, não haverá estabilidade política sem um Governo que mereça o

separados.

Existem, pois, todas as possibilidades para que a APU passe a ser a primeira força eleitoral do distrito e que venha a ter a maior votação de sempre.

A APU é a força da verdade, a força da razão e da democracia e sem o reforço da APU não haverá política de alternativa democrática.

O PCP, a APU é a força representativa de toda a esquerda democrática. O PS de Mário Soares e Almeida Santos, porque continua virado para a direita, já não pode ser considerado nem socialista, nem de esquerda. A chamada «nova esquerda» ou a UEDS também não podem ser considerados de esquerda, uma

ganar mais uma vez. Estamos confiantes em que haverá muitos milhares de antigos eleitores do PS, do PSD ou do CDS que não voltarão a votar nesses partidos e que muitos deles votarão pela primeira vez na APU.

Daqui saudamos os muitos ex-militantes do PS, da UDP e de outras formações políticas que não só se dispõem a votar APU, mas que já estão a apoiar a APU ou que aceitaram integrar listas da APU para as próximas eleições autárquicas.

(...)

(Extractos do discurso de Octávio Pato no comício do Rossio no dia 15)

«Os partidos devem ser julgados não pelo que prometem mas pelo que fazem»

— disse Álvaro Cunhal no Porto

É possível uma votação em massa na APU nas eleições legislativas do próximo dia 6 de Outubro e previsível uma pesada derrota para o PS e o PSD — disse o camarada Álvaro Cunhal no grande comício de abertura da campanha eleitoral no distrito do Porto, que levou à Praça General Humberto Delgado e à Avenida dos Aliados dezenas de milhar de pessoas. O secretário-geral do PCP sublinhou que o Governo PS/PSD não só não resolveu nenhum dos problemas existentes, antes os agravou a ponto de agora não aparecer ninguém a defender e a assumir a responsabilidade da política seguida. **Esta desresponsabilização — concluiu Álvaro Cunhal — leva o PSD e o PS a apresentarem-se como adversários, o que é uma verdadeira mascarada em tempo de eleições.**

O dia de abertura da campanha no Porto reforçou a ideia de que a Aliança Povo Unido pode, com efeito, obter uma grande votação.

Durante o encontro com intelectuais e quadros técnicos, que teve lugar na manhã de domingo na Cooperativa Árvore, o camarada Álvaro Cunhal, respondendo à pergunta sobre se haveria maior abertura às propostas da APU e dos comunistas, confirmou notícias publicadas num matutino portuense de que, na realidade, encontrara uma disposição muito favorável da parte das populações do distrito de

Braga, nos dois dias anteriores.

O encontro com intelectuais, que reuniu mais de duas centenas de figuras da vida cultural portuense, entre os quais os pintores Ângelo de Sousa, Henrique Silva, Rodrigo Cabral e Isabel Cabral, os escritores Papiniano Carlos e Viale Moutinho, o historiador Armando Castro, o arquitecto Arménio Losa, o encenador Norberto Barroca, actores como Alexandre Falcão, António Reis e Júlio Cardoso, médicos como Álvaro Ferreira Alves, Cassiano Abreu Lima, Rogério Ribeiro e muitos outros.

Segundo o camarada secretá-

rio-geral, a degradação da situação social torna cada vez mais difícil a aceitação da propaganda anticomunista e permite, da parte das populações, uma maior abertura às propostas do PCP e da Aliança Povo Unido.

O ambiente — disse o camarada Álvaro Cunhal — é hoje muito diferente daquele que se vivia há três ou quatro anos.

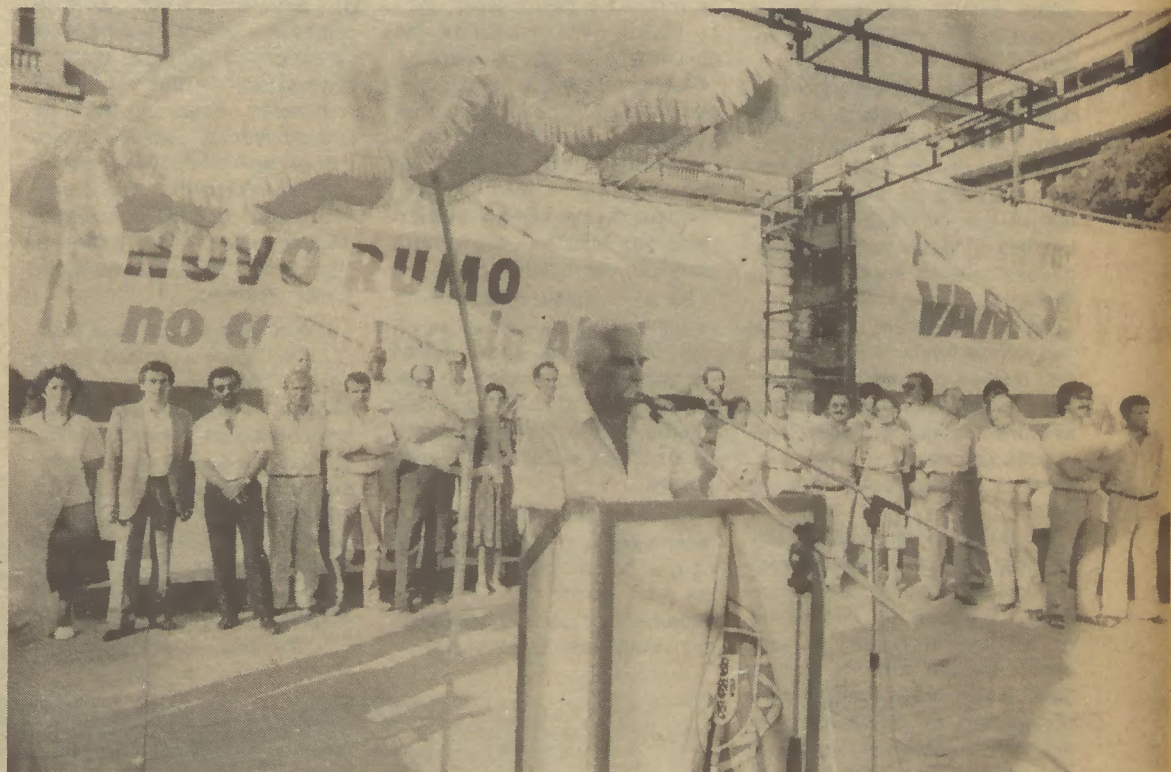
Em resposta a uma pergunta sobre a actuação da Igreja, comentou haver ainda pressões de natureza religiosa mas salientou, por outro lado, a presença de fenómenos positivos na Igreja Católica.

Quanto ao PCP, voltou a reafirmar o seu respeito pelas convicções e práticas religiosas e sublinhou o facto de haver milhares de católicos que são militantes do PCP.

Uma questão, entretanto, dominou boa parte deste encontro com os intelectuais e quadros técnicos. Foi a questão do governo democrático de salvação nacional.

Governo democrático de salvação nacional

Eis alguns pontos de referência das diversas intervenções de



Álvaro Cunhal a este respeito.

A proposta do PCP para a formação de um governo democrático de salvação nacional decorre, naturalmente, da necessidade de resolver a grave crise econó-

mica e social que atinge o País.

A fórmula dos governos de coligação a dois está esgotada. Com efeito, no quadro parlamentar previsível após as eleições do dia 6 de Outubro, não haverá dois partidos cujo número de deputados, somados, constitua uma maioria.

No que respeita ao Partido Socialista ele conseguiu sempre formar governos de coligação, com o PSD ou com o CDS, de modo a deixar de fora um destes partidos que aparecia como oposição de direita. Desde logo o PS deixa de ter a possibilidade de se assumir como partido charneira da cena política.

Resta apenas a possibilidade de uma coligação a três, PS, PSD e CDS, que pode ser um perigo real.

Por outro lado, a previsível perda de um grande número de votos por parte dos partidos do Governo, o reforço da APU, bem como o aparecimento do novo partido, o PRD, que certamente irá buscar a maioria dos seus eleitores à grande massa de descrentes que apoiaram o PS e o PSD e, até, o CDS, autoriza a expectativa de alteração substancial do quadro parlamentar.

Os resultados eleitorais poderão até introduzir novas dinâmicas no interior dos partidos derrotados, nos quais existem de há muito numerosos pontos de conflito.

Tal como o nome indica, um governo democrático de salvação nacional terá de ser democrático e de salvação nacional, o que exclui, à partida os responsáveis pela política de direita seguida nos últimos nove anos.

Pressupõe, por outro lado, um esforço de convergência de todos os sectores e personalidades democráticas de diversas

tendências, interessados em resolver os problemas de Portugal na base do respeito pelos princípios constitucionais.

Não haverá solução para os problemas nacionais sem um governo que mereça o apoio dos trabalhadores e do PCP e um tal governo tem de retomar os caminhos de Abril.

Os artistas não cabem em moldes

Tiveram também grande impacto as palavras do camarada Álvaro Cunhal quando abordou questões relacionadas com a produção cultural. Defendendo total liberdade de expressão, derivou para o campo da pintura e demonstrou que os verdadeiros artistas não cabem em moldes nem permitem que se lhes imponha qualquer tipo de limitações. Recordou pintores do Renascimento, que embora trabalhando para dar satisfação, nomeadamente encomendas da Igreja, acabaram por criar obras de arte originais autónomas, nas quais, mesmo quando são representados motivos religiosos, é o povo que surge na sua pujança como fonte inspiradora.

Referindo-se à V Bienal da Festa do «Avante!», afirmou que foi «uma exposição de nível internacional e que, no que respeita à gravura, reuniu o melhor que se encontra, tendo sido vista por dezenas de não centenas de milhares de pessoas, o que não acontece com outras exposições de outras instituições, por evidente falta de meios para tal».

Após o encontro com intelectuais, o camarada Álvaro Cunhal deslocou-se à freguesia de Campo, no concelho de Valongo,

Compromissos imediatos

Na sua intervenção no comício da Avenida dos Aliados, a candidata Ilda Figueiredo apontou um conjunto de 12 compromissos assumidos pelos candidatos pelo distrito do Porto, com o objectivo de contribuir para o desenvolvimento da região e para a melhoria das condições de vida materiais e culturais das populações.

Esses compromissos contêm medidas urgentes a realizar no imediato. São medidas que visam impedir o agravamento da situação dos trabalhadores, impedindo os despedimentos colectivos propostos em várias empresas, apoiando a laboração efectiva das empresas pequenas e médias e o respectivo emprego, e propondo medidas eficazes de combate à gestão ruinosa ou fraudulenta, designadamente visando a defesa dos postos de trabalho e os salários dos trabalhadores e garantindo a viabilização das empresas na perspectiva do desenvolvimento económico. Defenderemos em todas as circunstâncias os trabalhadores da CIFA, Uniteca, Jacinto, Grupo Mondêgo, Cerâmica de Valadares, Electrocerâmica, UTIC, EFL, Sundlete, Efanor, e de todas as outras empresas em que idênticas situações se verifiquem.

É assim proposto o lançamento de um programa de emergência que, criando mais postos de trabalho, permite simultaneamente reanimar sectores como a construção civil e contribuir para:

- A construção de 260 salas de aula no ensino preparatório e secundário, resolvendo as situações de ruptura no sistema escolar;
- A construção de uma rede de jardins-escolas, creches, infantários e centros de apoio à terceira idade;
- Recuperação e melhoria de instalações universitárias;
- Realização de um plano de construção de instalações desportivas elementares, designadamente de circuitos de treino e polivalentes, e ainda de um plano visando dotar o Porto de uma piscina olímpica, de uma pista de ténis e de um palácio de desportos colectivos;
- A recuperação e melhoria do Centro Hospitalar de Gaia, de Matosinhos, do Hospital de Santo António e a construção de novos centros de saúde;

- A continuação e alargamento da recuperação da zona Ribeira/Barredo, uma actuação eficaz na construção de habitação social;

- A melhoria das infra-estruturas da região, nomeadamente da rede de estradas e pontes, caminhos-de-ferro; portos, e do saneamento básico à zona do grande Porto, e protegendo o ambiente;

- O lançamento de um programa de apoio imediato aos agricultores e aos pescadores, resolvendo os seus mais graves problemas, e medidas de defesa e dinamização das empresas do sector público radicadas no distrito numa perspectiva de desenvolvimento das potencialidades da região do Porto;

- O lançamento de uma campanha de formação profissional para a juventude que, articulada com a escolaridade, facilite o acesso ao primeiro emprego dos jovens e das mulheres;

- A entrada em funcionamento imediato da Faculdade de Direito do Porto;

- Criação da Escola de Pescas do Norte.

O lançamento de iniciativas diversas de apoio à dinamização da vida cultural da região, nomeadamente através da aquisição do Teatro S. João, destinado a actividades artísticas de diversa natureza, da instalação definitiva e abertura do Museu de Literatura, do Museu de Arte Moderna e da conclusão das obras de S. Bento da Vitória para o Centro Nacional de Música, da criação das companhias de bailado e ópera radicadas no Porto, da criação do Museu do Trabalho, do Museu Mineiro de S. Pedro da Cova, de uma cinemateca no Porto e de apoio à produção artística, literária e musical, visando a descentralização cultural e o incentivo à criação original. É também proposta a alteração da situação da comunicação social, com a efectiva descentralização da criação radiofónica, televisiva e jornalística, potenciando o aproveitamento e realização dos profissionais da comunicação social e de garantia do pluralismo e qualidade da informação.

O comício foi antecedido de um espectáculo em que actuaram Janita Salomé e Rão Kyao e que foi entusiasticamente aplaudido, particularmente pela juventude.

PCP



Aspectos diversos do que foi a grande jornada de Álvaro Cunhal nos distritos de Braga, Viana e Porto



onde participou num piquenique organizado pelos trabalhadores da CIFA, uma empresa têxtil que não paga salários há 33 meses.

A CIFA tem 1400 trabalhadores e foi desintervencionada em 1977, tendo sido adquirida por baixo custo pelo grupo dos Mellos.

A pretexto da reconversão da empresa, a entidade patronal pretendeu a partir de determinada altura entrar na via dos despedimentos. Para tal contou com a cumplicidade da UGT e do Governo, do qual aguardava a promulgação da lei dos despedimentos.

Há dois anos, os Mellos decidiram paralisar a CIFA. Apesar de não estar a laborar, a empresa é ocupada todos os dias pelos trabalhadores que, desse modo, continuam a assinalar a sua presença e a demonstrar que o caso CIFA está longe de estar encerrado.

Sendo a principal entidade empregadora da região, nomeadamente das freguesias de Campo e de Sobrado, o facto de não pagar salários há 33 meses acarreta gravíssimas consequências sociais, tanto mais que famílias inteiras dependiam da CIFA.

Em Campo, centenas de trabalhadores receberam o camarada Álvaro Cunhal em ambiente de solidariedade. Foram inúmeras

as manifestações de carinho e de respeito por parte de velhos e novos, de homens, mulheres e crianças.

De modo informal, o camarada Álvaro Cunhal respondeu às perguntas que lhe foram sendo formuladas, muitas das quais denunciavam as promessas que voltaram a ser formuladas, nomeadamente pelo PS, que agora diz que vai resolver o problema da CIFA depois das eleições. «Com a cumplicidade e o apoio do Governo — disse o camarada Álvaro Cunhal — os Mellos e outros patrões que não pagam salários servem-se da miséria e do aumento das dificuldades dos trabalhadores para aumentar a exploração e a acumulação de capital.»

Atenção à demagogia

Esta questão fora, de resto, abordada já no encontro da Cooperativa Árvore e voltou a sê-lo no comício da baixa portuense. A política de acumulação do capital prosseguida pelo PS, PSD e CDS tem em vista a restauração dos monopólios — advertiu Álvaro Cunhal perante a multidão que se juntou na Avenida dos Aliados. E acrescentou: «Os partidos devem ser julgados não pelas promessas que fazem, mas sim pelo que têm feito.»

A propósito recordou que o PS vem agora recuperar o projecto do Alqueva, depois de o ter

atirado por diversas vezes para o caixote do lixo.

«O nosso povo — disse — deve estar atento à campanha de demagogia e mentiras dos partidos do Governo e também do CDS, uma vez que todos têm graves responsabilidades na política gravosa, de desastre económico, de desemprego, fome, de ruína dos pequenos e médios comerciantes, e de todas as camadas e classes laboriosas do nosso país.»

Referindo-se à suposta inevitabilidade da alteração PS/PSD, acrescentou que «o nosso povo deve responder que não quer nem um, nem o outro, nem os dois juntos».

Quanto ao Partido Socialista, Álvaro Cunhal afirmou que os comunistas não o criticam por ser socialista, mas por ter deixado de o ser, por ter abandonado o seu programa e ter preferido sempre aliar-se à direita em vez de se aliar à esquerda.

Álvaro Cunhal referiu-se à anunciada reunião, no Porto, nos próximos dias 18, 19 e 20, da NATO, em que usarão da palavra Mário Soares, Cavaco Silva e Lucas Pires e que será seguida (dia 21) por uma reunião da Internacional Socialista presidida por Willy Brandt. Álvaro Cunhal caracterizou estas reuniões como expressões de uma ingenuidade inadmissível nos assuntos internos do nosso país, e designadamente no próprio processo eleitoral.

Álvaro Cunhal apontou as quatro direcções de trabalho preconizado pela APU como via para a saída da crise:

Em primeiro lugar, o respeito e garantia das liberdades e direitos consignados na constituição;

Em segundo lugar, pôr termo ao assalto do grande capital e dos grandes agrários, com vista à reconstituição dos monopólios e latifúndios e pôr cobro ao clima de guerra social daí decorrente;

Em terceiro lugar, produzir mais, valorizando os recursos internos, e melhorar as condições de vida do povo;

Finalmente, garantir a soberania e a independência nacional.

Dois dias no Minho

Na sexta-feira, o secretário-geral do PCP iniciou às 16 horas, nos estaleiros navais de Viana do Castelo, dois dias de contactos com os trabalhadores e as populações do Minho que foram concluídos, na cidade de Guimarães, com um comício participado por milhares de pessoas.

A visita permitiu a Álvaro Cunhal trocar impressões com os trabalhadores dos estaleiros vianenses, dialogar directamente com os pescadores de Afife e com as gentes de Meadela, responder a questões de política geral no Teatro Sá de Miranda, explicar os malefícios da adesão à CEE aos

agricultores de Barcelos, apreciar o trabalho da maioria APU em S. Paio de Merelim, avistar-se com a juventude e as mulheres do bairro urbano das Enguardas, expor as propostas do PCP e da APU aos bracarenses no Teatro Circo, contactar com a freguesia mais industrial de Pevidem (maioria APU) e finalmente intervir no jardim público no comício de apresentação dos candidatos da coligação democrática pelo círculo de Braga.

Perante uma multidão entusiástica, António Lopes, responsável da DORM do PCP, membro do Comité Central e primeiro nome da lista da APU pelo distrito bracarense, inquiriu dos vimaranenses se se encontravam «satisfeitos» com o rosário de desgraças em que se resumiu a passagem pelo poder, ao longo de nove anos, do PS, do PSD e do CDS. As vaias e apupos que sublinharam cada uma das questões postas por António Lopes foram a respostas do povo de Guimarães.

Antes do secretário-geral do PCP ter exposto as propostas do PCP ao eleitorado como forma de ultrapassar a crise política, económica e social a que conduziu o País a prática governativa de direita, Marinho Dias, antifascista celoricense que integra a candidatura como primeiro nome do MDP/CDE, verberou «os inimigos da revolução de Abril que, com simples focos, ou até mesmo com provocações, insultos, injúrias ou difamações» julgam ser possível provocar a cisão no Movimento Democrático Português ou impedir «o seu democrático relacionamento com o glorioso e saudavelmente poderoso, Partido Comunista Português».

O secretário-geral do PCP situou o quadro da situação no momento em que se iniciava a campanha para as eleições legislativas, momento que considerou de grande importância e significado e que surgiu pela luta dos trabalhadores e do povo português, os obreiros da dissolução da Assembleia da República e da demissão do Governo PS/PSD.

Afirmou Álvaro Cunhal verificasse agora que aqueles que são responsáveis «pela política ruína para a nossa economia e para o bem-estar do nosso povo» queiram aparecer como se nada tivessem a ver com a desgovernação dos últimos nove anos. «Vêem à última hora prometer, já não com cem mas com duas ou três mil medidas, a resolução dos problemas que criaram com a sua própria desgovernação.»

O aparecimento na cena política de um novo partido, o PRD, as eleições autárquicas, as candidaturas às presidenciais, a adesão à CEE, a guerra social contra os trabalhadores desencadeada pelo executivo liderado por Mário Soa-

res, a dívida externa, a soberania e a independência nacionais foram temas abordados por Álvaro Cunhal durante o comício no jardim público de Guimarães, que terminou, ao som dos acordes da «Carvalhosa» e com o Hino Nacional entoado em coro, meia-hora antes do início da campanha eleitoral.

Considerando positivo o papel do PRD, o secretário-geral do PCP advertiu contudo «ser indispensável que nem um só voto da APU seja desviado» e que, ao contrário, se pugne pelo reforço do número dos deputados comunistas, do MDP/CDE e independentes que integram a lista da coligação democrática.

Álvaro Cunhal manifestou, sobre as eleições autárquicas, a disposição do PCP de lutar para que elas se realizem em 1985, de acordo com a lei, e não depois, como pretendem os partidos da direita e o PS, «pelo receio que têm da sua própria derrota e de uma grande vitória da APU».

Sobre as presidenciais, o dirigente comunista afirmou ser prejudicial aos interesses da democracia a precipitação de candidaturas que possam inviabilizar a apresentação de um candidato capaz de reunir o consenso das forças democráticas e obter assim os mais de três milhões de votos necessários à eleição. «Só depois das eleições de 6 de Outubro o PCP tomará uma decisão sobre as presidenciais, que serão naturalmente condicionadas pelos resultados das legislativas», sublinhou.

Antes do comício em Guimarães, o camarada Álvaro Cunhal participou, em Creixomil, num jantar-convívio com democratas vimaranenses, tal como em Lomar (Braga) tinha almoçado numa casa agrícola com democratas do concelho bracarense.

Durante a digressão pelos dois distritos minhotas, Álvaro Cunhal teve oportunidade de conhecer o trabalho de associações populares com intensa intervenção nos campos cultural, recreativo e desportivo.

A Associação Recreativa Afifense, que este ano celebra o seu centenário, foi um dos locais onde aquele dirigente do PCP pôde, mais detidamente, tomar contacto com a capacidade de acção do movimento associativo popular. Por outro lado, no bairro social das Enguardas, em Braga, os jovens dirigentes do Sporting Clube «Leões» das Enguardas foram comprar um «Livro de Honra» para ser inaugurado com uma inscrição de Álvaro Cunhal.

A entrada daquele bairro citadino, os jovens pintaram no asfalto o desenho de uma pomba, uma estrela e um cravo, com uma legenda em listel: «Aqui Começa a Vitória da APU».

Cinema Alvalade Programa APU

É já hoje que, conforme tem vindo a ser anunciado, se inicia em Lisboa a programação do cinema Alvalade, integrada na campanha da APU.

Apesar dessa programação ainda não estar completamente preenchida, junto publicamos a grelha das actividades já asseguradas.

Os filmes a exhibir, integrados no ciclo «O Cinema e os Jovens», serão em breve anunciados. Realizar-se-ão debates sobre Literatura, Música Popular Portuguesa, Teatro e Desporto, estando também assegurada a exibição de programas de vídeo que incluirão espectáculos e programas da APU.

Ainda mais duas informações: o Café Encontro contará com a presença do pianista privativo **Fernando Potier** e, para além dos três espaços cuja programação junto se especifica, funcionará ainda o **Atirio** e o **Varandim**, onde haverá exposições de artes plásticas, uma livraria e a recepção.

Espaço Salão	Café Encontro	Forum
Quinta-feira – 19		
21.30 h Espectáculo com Bando do Beco Fernando Tordo	23.00 h Encontro com Lia Gama	
Sexta-feira – 20		
21.30 h Noite de Cabo Verde Espectáculo com Só Sabe e Titina	18.30 h Sessão sobre Função Pública com Anselmo Antibal e Carlos Mamede 23.00 h Discoteca	
Sábado – 21		
14.30 h Sessão-Bancários com Carlos Carvalhas 21.30 h Noite de Lisboa com Esmeralda Amoedo e o Trio de Martinho d'Assunção		18.30 Música Popular Portuguesa
Domingo – 22		
11.00 h Manhã infantil com filmes e palhaços 14.30 h Sessão-Mulheres com Alda Nogueira, Helena Bastos e Odete Filipe 17.00 h Espectáculo com Rão Kyao 21.00 h Sessão com a participação do MDP	21.00 h Canções por Luísa Ortigoso	15/18.00 h Tarde Infantil 18.30 Juventude encontro com candidatos
Segunda-feira – 23		
21.30 h Teatro de Campolide com «A Queda de um Anjo»	19.00 h Sessão dos Trabalhadores da Marconi 23.00 h Teatro com Leandra Baptista	
Terça-feira – 24		
14.15 h – 16.15 h 19.00 h – 21.30 h Sessão de cinema «Os Marginais» real. Francis Ford Coppola	18.00 h Convívio de Quadros Técnicos	21.30 h Debate sobre o ensino com Rogério Fernandes e Rogério Moreira
Quarta-feira – 25		
Cinema 14.15 – 16.30 «Vidas» real. António Cunha Teles 21.00 h Sessão para sectores profissionais com: Octávio Pato, Sá Marques, Carlos Mamede, Fátima Amaral, Arménio Carlos, João Silva e Joaquim Labaredas		16.30 h Jogo de futebol Portugal Checoslováquia comentários de Fernando Correia

PCP

Uma campanha para a vitória

Iniciada no dia 15 com iniciativas em diversos pontos do País, a campanha da APU para as eleições legislativas de 6 de Outubro pode-se dizer que arrancou em força e adquire maior dimensão em cada dia que passa. Sobre as actividades previstas para os próximos dias, basta consultar a **Agenda** (4.º caderno desta edição) para se ter uma ideia da amplitude da campanha de esclarecimento em curso. Mas acerca do que se tem passado (e o mesmo vai acontecer também nas próximas semanas) torna-se praticamente impossível dar pormenores sobre todas ou parte que seja das iniciativas realizadas, para além, naturalmente, das que se revestem de maior significado, como é o caso, nesta edição, do desfile de Lisboa e da visita de Álvaro Cunhal ao Norte (ver págs. 1 a 7 da **Semana**).

Álvaro Cunhal em Pombal

Pombal, no distrito de Leiria, foi a última etapa da deslocação do secretário-geral do PCP no último fim-de-semana, que ali participou num comício de apresentação de candidatos, iniciativa que abriu a campanha da APU no concelho e no distrito.

O dirigente comunista recorreu nos Bombeiros Voluntários de Pombal algumas das consequências de nove anos de política de direita, que agora, na campanha eleitoral, ninguém a defende, nem mesmo os seus promotores (PS, PSD e CDS). Enfim, uma política tão negativa e com repercussões tão nefastas na vida do País e dos portugueses que é difícil que os pequenos agricultores, comerciantes ou industriais estejam dispostos a votar de novo nesses partidos, como acentuou Álvaro Cunhal.

As propostas do PCP e da APU para a resolução dos graves problemas nacionais, nomeadamente no quadro da situação política económica, financeira e social, foram temas em foco na intervenção do secretário-geral do Partido.

O cabeça de lista por Leiria, camarada **Joaquim Gomes**, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central, abriu o comício de Pombal, destacando «a crise que atinge as massas trabalhadoras do nosso distrito». Joaquim Gomes referiu na altura a situação de sectores e empresas. «No sector das pescas», dizia o candidato da APU, «concretamente da pesca artesanal, os perigos avolumam-se. 20 mil pescadores em toda a costa têm os seus postos de trabalho ameaçados. No distrito de Leiria, designadamente em Peniche e Nazaré, e não só, esta ameaça é real».

Dias Lourenço no Cartaxo

«Com mais votos e com mais deputados a APU estará em melhores condições para defender os interesses dos trabalhadores e das populações do distrito» — acentuou o cabeça de lista por Santarém, camarada Dias Lourenço, membro da Comissão Política do PCP, numa intervenção proferida no **Cartaxo**, na abertura da campanha eleitoral da APU.

Um pouco por todo o distrito ribatejano, o arranque da campanha «Povo Unido» foi assinalado por espectáculos, sessões, colagens e iniciativas tipo «porta-aberta».

Voltando ao comício do Car-

taxo, uma das localidades onde esteve Dias Lourenço, o cabeça de lista por Santarém sublinhou a dado passo que «a questão que se põe ao eleitor é a seguinte: **continua a mesma política e a mesma gente ou imprime-se novo rumo com outras forças?**»

Modesto Navarro em Vila Flor

Intervindo em Vila Flor, onde visitou o mercado local, o cabeça de lista da APU pelo círculo eleitoral de Bragança, Modesto Navarro, salientou que «os portugueses não podem deixar que

voltem para o Governo os políticos que prometem e não cumprem, que falam de melhorias e benesses mas só tomam iniciativas prejudiciais para as populações, como foi o caso do encerramento da linha do Sabor, que não teve a contrapartida prometida na melhoria das estradas do distrito».

A campanha eleitoral da Aliança Povo Unido neste distrito transmontano iniciou-se no dia 15 com reuniões em Miranda do Douro, Duas Igrejas e Sendim de Miranda, prosseguindo anteriormente com a visita dos candidatos a Alfândega da Fé.

Regionalização do Algarve

A criação da Região Administrativa do Algarve com a entrega

de «competências regionais a órgãos eleitos e com funções bem definidas no desenvolvimento económico, no campo social e cultural» constitui uma das reivindicações dos candidatos da Aliança Povo Unido pelo círculo eleitoral daquele distrito.

Na declaração onde tornam pública a sua posição, os candidatos afirmam que o «Algarve é seguramente de todas as regiões do continente aquela que representa maior unidade geográfica, económica e cultural. Daí que a existência de contornos perfeitamente definidos e a ausência de qualquer controvérsia acerca dos limites, seja, no entender dos candidatos da APU, motivo para que ela possa «constituir uma região plano».

De acordo com a declaração é ainda «uma questão institucional, fundamental e urgente a rá-



A APU é jovem • Apelo eleitoral da JCP

A APU é jovem e, por isso mesmo, a Juventude Comunista Portuguesa lançou um apelo eleitoral dirigido à juventude.

Neste documento dirigido aos jovens, a Direcção Nacional da JCP salienta que «a 6 de Outubro, a tua oportunidade. No teu voto está a possibilidade de enterrar soluções governativas que só têm prejudicado a vida. Basta, para isso, que não des o teu voto àqueles que têm governado».

Corroborando a sua afirmação, os jovens comunistas lembram que o futuro apregoado pelo PS, PSD e CDS é o passado, «não têm nada para dar a não ser promessas e crise. Eles não merecem o teu voto, mas o teu castigo. Eles não têm o direito de continuar a adiar as nossas vidas».

Contraopondo com a actuação dos partidos que desde há nove anos têm nas mãos os destinos do País, a JCP salienta que na APU estão as pessoas que «conhecem os problemas, denunciam as injustiças e apresentam soluções».

Sublinham que «o voto na APU não é um mero voto de protesto. É um voto confiante, certo, numa força com programa. O programa eleitoral do PCP e o programa da APU de máxima urgência para a saída da crise apontam o caminho — um novo rumo para Portugal é necessário e possível».

Pela contradição entre a política seguida pelos sucessivos governos e as propostas e prática da APU, os jovens comunistas afirmam uma vez mais que «é necessário encontrar outra solução com outra política. O novo rumo será inevitável se lhes deres o teu apoio», por isso «jovem, com a APU é a nossa vez».

A finalizar o seu apelo eleitoral, a Juventude Comunista Portuguesa relembra a participação de jovens comunistas nas listas apresentadas pela APU, o que é uma prova de que «a APU é jovem».

pida implementação da região administrativa, a par da defesa do poder local democrático».

Conforme lembra o documento foram o PSD e o CDS ligados na AD que durante a revisão da Constituição inviabilizaram a possibilidade da região administrativa poder constituir-se a curto prazo.

Depois de desmascararem a acção do Governo PS/PSD chefiado por Mário Soares e a actuação de Eduardo Pereira os candidatos recordam que com este Executivo «acentuou-se a tendência para enfraquecer o poder local em benefício da administração central, como descara o abandono das orientações constitucionais sobre a regionalização».

Na opinião dos candidatos algarvios a Região de Turismo, a Comissão de Coordenação Regional e a Comissão de Saneamento Básico constituem ainda «escolhos que o PS e o PSD lançaram no caminho da regionalização que dizem apoiar».

Afirmando que a APU não confunde regionalização com esta «desconcentração que é a máscara de uma política verdadeiramente centralizadora», a declaração dos candidatos pelo Algarve anuncia por último a disposição dos eleitos da APU de lutarem na Assembleia da República pela defesa do poder local democrático «para que lhes sejam assegurados os meios necessários ao desempenho das suas atribuições».

Ciclismo em Setúbal

Despertando grande interesse junto da população de Setúbal realizou-se no último domingo nesta cidade uma prova de ciclismo na categoria de veteranos.

A iniciativa integrou-se na campanha eleitoral da APU tendo-se classificado em primeiro lugar José de Oliveira, atleta que conquistou igualmente o prémio da montanha e a meta volante. Na tabela classificativa geral, entre os dez primeiros, contam-se ainda os nomes de João Moisés, Henrique Pato, António Sobral, Amílcar Cercas, António Amândio, Armando Gonçalves, José Rafael, António Pereira e Joaquim Palmeira.

Na classificação por equipas o primeiro lugar foi para a «Praieira-B», ficando a «Rodoviária Nacional-CEP B» em segundo lugar e a «Praieira-A» no terceiro lugar.

As promessas de Soares

A deslocação de Mário Soares na passada semana ao distrito de Beja — ocasião aproveitada por este dirigente para afirmar que agora, sim, é que o Alqueva vai avançar e o «Alentejo vai ficar verde», — foi objecto de um comentário da Comissão Distrital de Beja do PCP no qual se repudiaram as afirmações eleitoralistas do primeiro ministro do governo demitido.

Proferidas no decorrer de uma conferência de imprensa na qual estava acompanhado por Helena Torres Marques, cabeça



A primeira noite

Antes de mais nada, foi o calor. O imenso calor que se nos agarrou às camisas. Que poderia fazer de nossos corpos não mais do que pesos cansados. Lisboa, logicamente, tinha um movimento fora do comum. Grupos e grupos de pessoas cruzavam-se na parte central da cidade.

Todo este movimento não era só devido ao imenso calor que impedia uma cidade de dormir. Eram as primeiras horas de domingo, dia 15.

Pela noite dentro, as paredes multicores foram ficando manchadas de azul e quase só de azul.

Era a noite primeira de uma batalha decisiva para o futuro de Portugal. Era a primeira noite da campanha eleitoral para as eleições legislativas e as paredes iam ficando azuis. Logo ao entardecer, os cen-

tros de trabalho foram-se enchendo de militantes e de todos os outros que o não sendo querem também eles participar activamente para que se possa seguir um novo rumo no caminho de Abril.

Depois... foi a Festa de sempre. Em grupos, pequenos ou maiores, escada numa mão, baldes de cola na outra, foram centenas — largas centenas em Lisboa, milhares no País — os activistas da APU que desceram à rua transportando consigo a vontade de futuro e a imensa alegria da participação de uma forma decisiva.

Uma alegria que, se nuns era manifesta pelas conversas que surgiam noite fora, na juventude era bem patente nas imensas bandeiras que disseram presente ao longo das avenidas.

Nun ápice, toda a zona central ficou pejada de cartazes

azuis. De cartazes onde se podia ler sobre o futuro e que era assinada — claro — pela Aliança Povo Unido. Aqui e ali, muito timidamente apareciam cartazes que prometiam um futuro já velho.

Durante as primeiras horas da campanha eleitoral, foi a APU quem saiu para a rua. Foi a APU quem falou com as pessoas. Depois, já no domingo, foi a vez do desfile que juntou o Marquês ao Rossio.

Pelo empenhamento posto por muitos activistas e pelas impressionantes demonstrações de massas — contrapondo com jantaredas mais ou menos insonoras que os outros preferem abraçar-se mutuamente, aí está a Aliança Povo Unido. Muito empenho, muito trabalho e, essencialmente, uma grande alegria de se saber que não se luta em vão. Que o futuro somos nós.

de lista do PS pelo distrito, as declarações de Mário Soares constituem para os comunistas de Beja «falsas promessas que podem ser facilmente comprovadas pela recusa do PS, do PSD e do CDS de uma proposta de um milhão de contos apresentada pelos deputados comunistas quando se tratou da discussão do orçamento de Estado em Março de 1985, recusa essa que inviabilizou na ocasião o reameço das obras do Alqueva».

Depois de afirmar que o povo do distrito de Beja conhece bem as visitas de Mários Soares em vésperas de eleições e as falsas promessas de relançamento do Alqueva, o comunicado reafirma a disposição dos comunistas e do povo da região em prosseguirem a luta para que o «projecto efectivamente se concretize para

bem do povo do distrito, da região e do País».

Sessão em Toronto

Com a participação de 180 pessoas, realizou-se em Toronto, Canadá, um almoço-convívio integrado na campanha eleitoral da Aliança Povo Unido. Para além da intervenção de um representante da Associação Democrática Portuguesa em Toronto, registaram-se intervenções de solidariedade de representações do PC do Chile, do PC de El Salvador, do Congresso das Mulheres do Canadá e do PC Canadiano.

Do programa constou ainda a passagem de um «vídeo», cantares por um grupo chileno e a intervenção do Teatro Experimental da Associação Democrá-

tica. Este convívio decorreu sob o lema «Defende-te, elege o deputado APU».

A campanha APU vai continuar com a distribuição, pelos eleitores, do programa eleitoral na emigração e da lista com a biografia dos candidatos.

Lapso

A propósito, aqui registamos o lapso verificado após a divulgação das listas da APU pelo círculo Fora da Europa. Com efeito, o candidato António Gomes da Silva, indicado então como independente, é há muitos anos membro do PCP, mais precisamente desde 1959. Aos nossos leitores e particularmente ao nosso camarada, nas nossas desculpas.

PCP

ACÇÃO DO GOVERNO PS/PSD PARA DESTRUIR A REFORMA AGRÁRIA

— denuncia nota da Comissão Política do CC do PCP

Tomando posição sobre o que se está a passar na zona da Reforma Agrária, onde o Governo demitido, usurpando as suas funções procura a todo o custo, nos últimos dias que lhe restam, beneficiar os grandes agrários com a entrega de terras, gados e máquinas, utilizando para isso um aparato repressivo nunca visto, a Comissão Política do Comité Central do PCP tornou público um comunicado em que denuncia esta situação, o qual transcrevemos a seguir:

1. A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português alerta o País para as actuações de verdadeira guerra social desencadeada pelo Governo PS/PSD demitido, contra os trabalhadores alentejanos e ribatejanos da Reforma Agrária.

Num momento em que decorre o processo eleitoral, em que se está no começo das sementeiras, em que os trabalhadores preparam os alqueives, encomendam os adubos e sementes, criam condições para assegurar a produção, fazem o resto das colheitas, o Governo de gestão PS/PSD, num grande aparato repressivo, lança centenas de GNR's contra os trabalhadores da Reforma Agrária, com cães-polícias, metralhadoras, cassetetes e viseiras, num autêntico assalto às UCP's/Cooperativas, para entregar aos agrários milhares de hectares de terra, de cabeças de gado, máquinas e outros bens.

2. Aproveitando os últimos dias da sua existência, procurando levar ao máximo a destruição da Reforma Agrária, o Governo PS/PSD demitido, mobilizando centenas de GNR's, atacou, na semana passada, numerosas UCP's/Cooperativas

como, por exemplo, a «Salvador Joaquim do Pomar» (com a presença de cerca de 500 GNR's), a UCP «Cravo Vermelho», a UCP «Brotense», a UCP «1818», a UCP «Terra de Catarina» e a UCP «Torre de S. Brissos».

O Governo prepara-se para prosseguir, no decorrer da semana em curso, esta revoltante operação de destruição com entregas de novas reservas como, nomeadamente, a UCP «Alcaçovense», UCP de Aguiar, UCP de Cabrela e a UCP de Baiões. Constatando-se haver também dezenas de reservas preparadas para entregar nos próximos tempos.

3. Como consequência desta ofensiva destruidora são as sementeiras que ficam comprometidas, centenas de postos de trabalho destruídos, terras que estão a produzir e ficariam abandonadas, UCP's/Cooperativas que ficam praticamente destruídas.

4. Estas acções de destruição, esta guerra social aos trabalhadores da Reforma Agrária, este aparato de guerra civil às UCP's/Cooperativas violam brutalmente a Constituição e a legalidade democrática.

As operações de destruição em curso contra a Reforma Agrária, estariam, por isso mesmo, vedadas a qualquer governo. Estão-no ainda mais a um governo demitido que ao praticá-las comete um claro abuso e uma aberta usurpação de poderes.

5. Além deste fundamento para a imediata exoneração do Governo PS/PSD a reclamação do PCP para que seja formado um governo sério e isento que garanta a democraticidade das eleições mostra-se também absolutamente justa.

A continuidade do Governo PS/PSD demitido e a usurpação dos seus poderes como governo de gestão, compromete seriamente a democraticidade das eleições de 6 de Outubro.

6. Estas acções criminosas mostram que o PS e PSD continuam coligados e unidos numa mesma política de destruição das conquistas da Revolução de Abril e na concretização da política de restauração monopolista.

7. A Comissão Política do CC do PCP insiste em duas orientações fundamentais para fazer frente, conter e derrotar esta ofensiva criminosa:

Primeira: Opor, em toda a parte, firme resistência popular à execução de decisões e acções ilegais, violentas, provocatórias do Governo PS/PSD;

Segunda: Desenvolver a campanha eleitoral de forma a assegurar uma votação em massa na APU e o reforço substancial do número de deputados do PCP na Assembleia da República, condição indispensável para pôr fim aos governos de direita e criar condições para uma viragem democrática na política portuguesa.

A Comissão Política reafirma que o PCP continuará a luta na Assembleia da República e na sua acção política geral para que seja reposta a legalidade com a devolução às UCP's/Cooperativas das terras, gados e outros bens que lhes foram ilegalmente usurpados, para que sejam garantidos os direitos dos trabalhadores e rectificados todos os abusos.

A Comissão Política saúda os trabalhadores na sua luta e determinação em defesa da Reforma Agrária, do trabalho e da produção.

16.9.85

A Comissão Política do CC do PCP

PCP condena invasão de Angola

Ao tomar conhecimento da invasão do território da República Popular de Angola pelas tropas racistas da África do Sul, o Partido Comunista Português

tas portuguesas na sua luta para rechazar as tropas invasoras e defender a independência, soberania e integridade territorial da sua pátria.

seguida pelo governo demitido PS/PSD em relação ao regime do *apartheid* e pela impunidade e protecção que assegura à actuação dos racistas sul-africanos e seus fantoches da UNITA e da Renamo em território português.

1. Condena e denuncia esta nova e grave manifestação da criminosa política de terrorismo de Estado praticada pelos racistas sul-africanos contra a RPA e outros países da região e exige a imediata, incondicional e total retirada das tropas racistas do território angolano.

3. Sublinha a coincidência desta nova acção agressiva com o extraordinário desenvolvimento na África do Sul da luta libertadora das massas africanas, a ampla condenação e crescente isolamento internacional do regime racista, a crise sem precedentes em que se debate o regime do *apartheid*.

5. Apela para que os trabalhadores e os democratas portugueses, pelos meios ao seu alcance, expressem a sua firme condenação do criminoso regime do *apartheid* e a sua solidariedade para com o povo angolano, assim como para com os povos da África do Sul, da Namíbia e outros povos da África Austral.

2. Exprime ao MPLA-Partido do Trabalho e por seu intermédio ao povo angolano a inteira solidariedade dos comunistas

4. Expressa uma vez mais a sua firme condenação pela política de efectiva cumplicidade

18-9-85

A SIP do PCP

Camaradas Falecidos

Elias Francisco Valbom da Silva

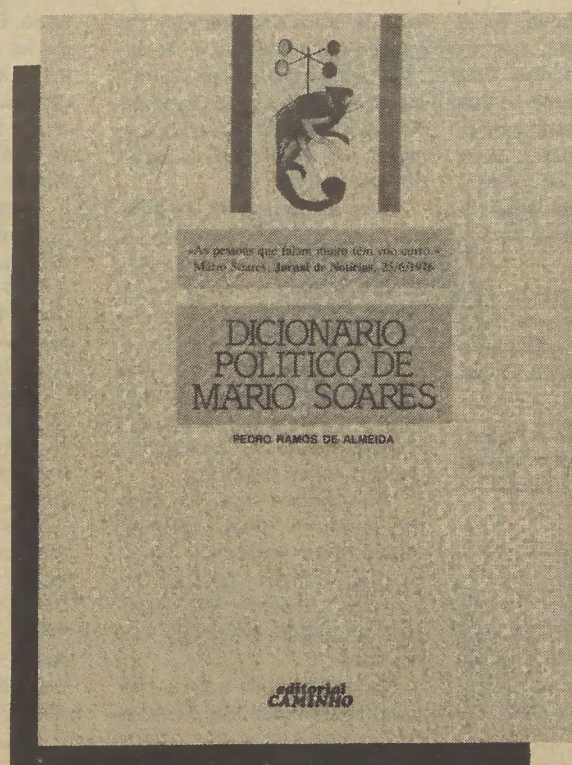
Devido a um acidente de motorizada faleceu o camarada Elias Valbom da Silva, de 22 anos, da Organização de Freguesia de Benlhevai, concelho de Vila Flor (Bragança).

Diamantino Alberto Ladeiras

Vítima de acidente com um tractor, faleceu o camarada Dia-

mantino Ladeiras, membro da Comissão Concelhia de Macedo de Cavaleiros e da Comissão de Freguesia de Cortiços. Era também da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Bragança.

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.



«Em democracia quem mente ao povo é réu de alta traição.»
Mário Soares, *República*, 12/12/1965

«As pessoas que falam muito têm voo curto.»
Mário Soares, *Jornal de Notícias*, 25/6/1976

editorial **CAMINHO** na estrada do futuro

Sorteio dos Pioneiros

O sorteio dos Pioneiros de Portugal realizado na Festa do «Avante!» premiou o detentor do número 1373 com uma prancha de windsurf.

O contemplado poderá levantar o prémio na sede dos Pioneiros de Portugal, Rua Professor Lima Bastos, 140 - 1.º Esq. 1000 Lisboa.

Trabalhadores

CGTP-IN explica o «não» ao PS

Como sucedeu na anterior campanha para as legislativas, em 1983, o movimento sindical unitário volta a ser solicitado pelo PS — iniciativa Almeida Santos — para dar algum crédito à «concertação social» redondamente falhada nos dois anos anteriores. A não ser como manobra de dúbio sentido, talvez a explorar como «justificação» do divisionismo, não se compreende a iniciativa do partido fundador da UGT e activo patrocinador do inepto Conselho Permanente de Concertação Social. A resposta negativa da CGTP-IN, que acaba de editar um **balanço de dois anos de Governo PS/PSD** e que sempre manteve a sua recusa em participar naquele conselho, era esperada e justifica-se inteiramente.

Conforme se apurou, para além dos novos lugares abertos no aparelho do Estado, o dito Conselho de Concertação, onde juntamente com o Governo estão representadas a CIP, a CAP, a CCP (Comércio) e a UGT, limi-

tou-se a servir de fachada às mais perigosas ambições do patronato. E estas só não foram por diante devido à luta persistente dos trabalhadores organizados no movimento sindical unitário. Mesmo assim, não é de

subestimar a actuação do Conselho na cobertura às negociações da UGT na contratação colectiva e no frequente afastamento das forças sindicais mais representativas da negociação livre e directa da revisão das convenções colectivas de trabalho.

Iniciativa «extemporânea» e inútil

A proposta de Almeida Santos para «debater com a Confederação (CGTP-IN) o programa eleitoral do PS sobre política de trabalho e emprego» — cita-se a nota da Inter de 12 de corrente — foi considerada «extemporânea» e «sem sentido útil» pela direcção da Central.

Inserida no quadro da campanha para as eleições de 6 de Outubro, a iniciativa do-PS foi considerada «extemporânea» porque a CGTP-IN, como principal propugnadora do diálogo, viu sempre recusados os seus pedidos de audiência pelo Primeiro-Ministro — «dez pedidos de audiência formulados directamente», refere a Inter na resposta ao PS.

Além disso, Mário Soares acrescentou à recusa de diálogo (sobre os problemas que agora Almeida Santos pretende discutir) as «ordens à PSP para deter cerca de 500 dirigentes sindicais, entre eles quase todos os membros da direcção da CGTP-IN, que apenas reclamavam audiência com vista a procurar soluções para o escandaloso problema dos salários em atraso».

A iniciativa do PS, acrescenta a carta-resposta da CGTP-IN, não tem «sentido útil» porque «a experiência tem demonstrado haver diferenças substanciais entre as promessas e programas pré-eleitorais e os programas e práticas políticas, após as eleições».

Lembra a propósito a direcção da Inter na resposta a Almeida Santos que, «em Janeiro de 1983, em período de pré-campanha eleitoral, a CGTP-IN e o vosso partido se reuniram ao mais alto nível e que os propósitos e intenções que então o PS nos enunciou foram claramente desmentidos pela prática política do Governo PS/PSD liderado pelo dr. Mário Soares».

Por outro lado, explica-se na carta ao PS, a decisão de recusar as conversações propostas «é extensiva a todos os partidos, durante o período eleitoral».

Depois de referir que essa decisão nada tem a ver com «fuga ao diálogo ou atitude menos elegante para com o PS», a direcção da Central sublinha que «vê com o maior interesse a realização de encontros com o Governo que resultem das próximas eleições legislativas, para discutir a situação do País e procurar soluções ajustadas aos graves problemas dos trabalhadores».

Desses graves problemas fez a CGTP-IN um balanço que publicou recentemente e do qual extraímos, noutra local desta página, um resumo dos pontos principais.

Clarificar o sentido do voto das mulheres

As mulheres portuguesas, através de uma das suas organizações mais representativas, acabam de fazer um apelo a «uma profunda acção de esclarecimento, com vista a clarificar o alcance da demagogia eleitoralista e o sentido do voto das mulheres, que representam mais de metade do eleitorado».

A Comissão de Mulheres junto do Conselho Nacional da CGTP-IN, reunida sábado em Lisboa, apelou à «participação activa das mulheres em todas as acções que visem debater os seus problemas». O apelo é uma manifestação «consciente de que também nesse plano (o do movimento sindical unitário) é necessário travar uma batalha para que o voto não traia os interesses de classe».

No mesmo sentido de outras tomadas de posição já tornadas públicas por organizações intermédias da CGTP-IN, designadamente no sector metalúrgico e mineiro, o sentido do voto feminino deve incidir «inequivocamente» numa «nova política que faça respeitar a Constituição e o 25 de Abril, provocando a consolidação da democracia, o desenvolvimento do País e, consequentemente, a igualdade e a emancipação das mulheres trabalhadoras».

A Comissão, que aprovou um comunicado no final da reunião de sábado, salienta que a CGTP-IN «tem sido a organização social que mais se tem batido pela defesa dos interesses das mulheres trabalhadoras».

Depois de recordar que a CGTP-IN foi a única organização

que, no âmbito da Década da Mulher, «promoveu iniciativas de grande impacto, como foi o caso da II Conferência Sindical sobre a Mulher Trabalhadora, realizada em Maio passado», a Comissão de Mulheres junto do Conselho Nacional sublinha que «tal facto dá à CGTP-IN autoridade para se pronunciar sobre a presente situação das mulheres e o momento eleitoral que o País vive».

«Prometer mundo e fundos»

Ao advertir contra «forças político-partidárias» que, em período de eleições, costumam «prometer mundos e fundos», a Comissão de Mulheres «não pode deixar de relembrar as responsabilidades dos governos dos últimos nove anos e das respectivas forças políticas na degradada situação em que hoje vive a maioria das mulheres trabalhadoras. Muitos que prometem agora, sublinha a CM, estiveram anos a governar o País e esqueceram-se, ou traíram os seus compromissos eleitorais, perdendo a oportunidade de praticar o que pregavam e continuam a pregar.

A Comissão junto do Conselho Nacional da Inter, na sua resolução em seis pontos, apela

para que «as mulheres trabalhadoras repudiem activamente (manifestando-o através das eleições) todos os «caçadores de votos» que, enquanto estiveram no Governo, mostraram na prática o respeito que lhes merecem as mulheres portuguesas e voltam a prometer soluções para os seus problemas, como se nada tivessem a ver com estes».

Entre o que designam por problemas, as sindicalistas da Comissão enumeram verdadeiros flagelos como os salários em atraso, a carestia de vida, o crescimento do desemprego e do trabalho sem contrato, o encerramento de empresas e de creches, a «desescolarização e a miséria que têm sofrido os nossos filhos».

Depois de sublinharem as principais direcções da luta desenvolvida nos últimos anos pelas mulheres, as dirigentes sindicais da Inter apelam à boa memória relativamente aos que têm governado e pactuado com situações como a discriminação salarial e profissional, «com base no sexo», e até com a discriminação que chega ao ponto de haver empresas que «só empregam mulheres solteiras e despedem as casadas».

Perante os verdadeiros responsáveis por essas situações, a Comissão de Mulheres junto do Conselho Nacional da CGTP-IN reafirma justamente que, «por isso se impõe que o voto das mulheres portuguesas não traia os objectivos da luta que têm desenvolvido» e continuam a desenvolver.



Baixos salários e corrupção

Depois de resumir em oito pontos alguns traços mais característicos da política global da AD, a CGTP-IN dedica dezasseis pontos principais aos dois anos de Governo PS/PSD e assinala, logo de início, que o **poder de compra do salário médio nacional** desceu neste último período 14,3 por cento relativamente a 1973. Foi a primeira vez que se verificou essa descida.

Em onze anos passados desde o 25 de Abril foi também a primeira vez, durante a coligação PS/PSD, que desceu, em relação a 1973 (menos 33 por cento) o **poder de compra da pensão mínima dos rurais**.

Em 1 de Janeiro de 1985, sublinha a Inter no seu balanço dos dois últimos anos de governação, o **poder de compra do salário mínimo nacional** estabelecia em 34 por cento a sua quebra relativamente a 1975.

Oficialmente, o **desemprego** passou de 316 mil para 493 200 unidades entre 1982 e 1984, aumentando assim 56 por cento.

Ao mesmo tempo que alastrava a **corrupção** e o **parasitismo**, de que a CGTP-IN lembra alguns casos mais conhecidos, a **produção nacional** e o **investimento** desciam, continuava e sistematicamente, enquanto que duplicavam as dívidas à **Segurança Social**, aumentando mais em 1984 do que em todos os anos anteriores.

Depois de referir ainda entre o que diminuiu — e diminuiu perigosamente — a percentagem das remunerações do trabalho relativamente ao rendimento nacional, o número das UCPs/Cooperativas e a participação do sector empresarial do Estado no conjunto da economia, a CGTP-IN assinala entre o que aumentou nos últimos dois anos o crédito mal parado, a dívida externa e o respectivo serviço, a dívida pública e os seus encargos, bem como os rendimentos recebidos por aqueles que não exercem qualquer actividade produtiva.

O livro, considerado «um rigoroso libelo contra a política de direita aplicada nos últimos dois anos», intitula-se «Dois Anos de Governo PS/PSD» e foi lançado há dias pelas Edições «Um de Outubro». Da autoria do economista Eugénio Rosa, do Gabinete de Estudos da CGTP-IN, este trabalho de síntese retrata ainda muitos outros aspectos característicos do descalabro de uma política que o PS considera de «recuperação» nacional.

LUTAS E TAREFAS

● **O pagamento dos salários em atraso e a revogação da lei das rendas (lei dos despejos) contam-se entre as reivindicações do Plenário Nacional convocado pela Federação dos Sindicatos de Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal e reunido no dia 11 em Lisboa e em outros pontos do País.** A forte delegação de mineiros representados pela FSMMP exigiu novamente a aplicação do regulamento de higiene e segurança nas minas. Segundo a Comissão Executiva do Conselho Nacional da FSMMP, os mineiros «foram vibrante e calorosamente recebidos pelos seus camaradas metalúrgicos». Uma delegação do Plenário deslocou-se ao Ministério do Trabalho, em Lisboa, para entregar a resolução aprovada, exigindo respostas para os numerosos problemas dos sectores representados pela FSMMP. O actual Governo é acusado de prosseguir «a sua ofensiva destruidora do aparelho produtivo nacional e violadora dos direitos dos trabalhadores».

● **A concretizar-se a greve anunciada, voltam a paralisar hoje «os mais de 2000 trabalhadores das empresas armazenistas de papel».** Segundo a FEP-CES — Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços, a greve decidida para os dias 17 e 19 é por «uma revisão salarial justa». O patronato insistia ainda há uma semana em aumentos salariais «de ordem dos 17 por cento, com um período de

vigência que os faz equivaler a 14,5 por cento num ano». Segundo a FEP-CES, a inteira responsabilidade da greve cabe à comissão negociadora patronal. Esta tem manifestado «total intransigência» e, «com o processo em fase de conciliação», já se recusou a participar «em reuniões marcadas pelo próprio Ministério do Trabalho».

● **Os 67 trabalhadores da Modul, empresa de mobiliário com sede em Travanca, Oliveira de Azeméis, intervieram junto da Secretaria de Estado do Emprego para que o patrão não proceda ao despedimento colectivo e total.** A intenção do patronato, comunicada por carta em 19 de Agosto, «não tem razão de ser». Afirma a União dos Sindicatos de Aveiro que, segundo os trabalhadores, a justificação apresentada para o encerramento é «vaga, nada fundamentada e muito menos comprovada» pela empresa da qual a **Molaflex** é sócia maioritária com 98 por cento do capital social. A unidade fabril está «apetrechada com máquinas modernas e altamente sofisticadas» — afirma a União dos Sindicatos. Na compra da maquinaria «a Molaflex investiu, há cerca de três anos, mais de duas dezenas de milhares de contos». Além disso, no final de Julho, a **Modul** «facturou à Molaflex produtos no valor de 18 mil contos». A empresa é perfeitamente viável, na opinião dos trabalhadores. Piquetes junto às instalações impedirão a saída de máquinas, matérias-primas e produtos acabados, se for mantida a decisão do despedimento ilegal.

Trabalhadores

Contra a fraude nos Transportes

• FESTRU recorre à greve

A situação verificada actualmente nos transportes públicos obrigou os sindicatos representativos e a Federação (FESTRU) a marcar uma greve para anteontem e a adoptar outras formas de luta no seguimento do anúncio de colocação «em hasta pública para trespasse» do **Centro de Mercadorias da Rodoviária Nacional** e dos «negócios da Quinta do Lambert e da Quinta das Laranjeiras» que, segundo a FESTRU, poderão ser «uma ponta do véu que destapa uma política de investimentos do Metro ao serviço da especulação imobiliária». Nessas e em outras empresas do sector empresarial do Estado, e também privadas como a **MDF**, a actuação gestonária do Governo é fortemente posta em causa pelos trabalhadores e pelas suas organizações representativas, designadamente sindicatos e comissões de trabalhadores.

Numa nota intitulada «A verdade é como o azeite», a Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos sublinha que «as notícias vindas a público relativas à gestão do Metro confirmam e avolumam as preocupações da FESTRU». Pedindo o apuramento de responsabilidades, a Federação sindical acrescenta que os negócios especulativos do CG do Metropolitano de Lisboa se inserem numa «política de destruição do sector empresarial do Estado» e que à actividade especulativa (terrenos comprados pelo Metro muito acima do seu valor) «não será estranho o presidente da Câmara, Krus Abecasis».

Plenário e greve

A marcação de um plenário geral em Lisboa coincidia, entretanto, com a greve anunciada para anteontem no **Centro de Mercadorias da RN**, que tem 1171 trabalhadores e instalações por todo o País.

Com 53 locais de trabalho e 269 viaturas, este serviço da **Rodoviária Nacional** pertence ao sector público da economia e, segundo a lei e a Constituição, não pode ser trespasado.

No entanto, o conselho de gerência, que mantém a confiança deste Governo, mandou publicar no mês passado uma série de anúncios segundo os quais está na disposição de «negociar o trespasse do seu estabelecimento comercial denominado Centro de Mercadorias».

Recorde-se que, além do elevado número de trabalhadores que emprega (para já sem quaisquer garantias quanto ao futuro imediato dos postos de trabalho), o Centro está equipado para responder aos mais variados serviços, afirma a FESTRU, «na área do combinado e porta-a-porta, automóveis, carga geral, transportes especiais, "TIR", cimento, combustíveis e indivisíveis».

Assinale-se, no entanto, que o negócio proposto pelo CG da RN, à primeira vista sedutor, tem sido ao longo dos anos de tal modo mal gerido que, a conti-

nuar assim, pode vir a não interessar a ninguém.

A advertência é feita **mais uma vez** pela FESTRU que, com a frequência necessária, mas nunca ouvida pelos responsáveis principais — os que estão agora também em gestão neste Governo — tem exigido a substituição dos gestores da RN por gente capaz, que não ajude sistematicamente a pôr as grandes empresas de rastros para depois dizerem, ou alguém por eles, que as nacionalizações não prestam, que são um sorvedouro e tudo o mais que há de pior — menos para os bolsos dos mesmos gestores, inatingíveis por qualquer desgaste, nacionalizado ou não.

Sem culpas no cartório

Entretanto, ninguém é responsabilizado e muito menos penalizado, a não ser os trabalhadores. Na **Metalúrgica Duarte Ferreira** o patrão, abundantemente provido de dinheiros pelo Governo PS/PSD, não quer pagar sequer as indemnizações aos despedidos. Só o fará — diz ele — se estes prescindirem de 10 meses de salários em atraso e outras dívidas mais antigas. Os trabalhadores protestam há meses contra este abuso. As suas organizações representativas exigem a reposição da legalidade. Mas o ministro do Trabalho, vice-presidente do PSD, diz que não tem nada com isso; que a culpa é do PS e este, como não podia deixar de ser, diz que a culpa é do PSD.

Quem se abotoa com os dinheiros públicos e apoia a política que está é que não tem culpa nenhuma. Naturalmente.

Terra

Reforma Agrária resiste a desmandos do governo

Numa violação frontal da Constituição e da legalidade democrática o Governo de gestão PS/PSD retomou nas últimas semanas a ofensiva contra a Reforma Agrária promovendo acções que configuram, para além de um inadmissível abuso de poder, uma tentativa desesperada — antevisão de uma derrota em Outubro próximo — de aproveitar o pouco tempo que lhe sobra no sentido de satisfazer a sua clientela eleitoral, entregando-lhe o maior número possível de terras, gados, máquinas e outros bens pertencentes aos trabalhadores.

Esta actuação é tanto mais preocupante porquanto parte de um governo de gestão cujas competências estão constitucionalmente limitadas, decorrendo em pleno período eleitoral e num momento em que os trabalhadores se encontram empenhados em ultimar as colheitas e em preparar as sementeiras.

Na sua acção desestabilizadora o governo tem-se socorrido de autênticos aparatos militares constituídos por centenas de gnr's equipados de todo o material repressivo, os quais cercam povoações e cooperativas, impedem a circulação, mantêm um clima intimidatório dando cobertura a verdadeiros assaltos à

mão armada que culminam processos onde imperam a ilegalidade e a corrupção.

A este respeito, recordem-se as constantes denúncias dos trabalhadores contra funcionários e corruptos da Direcção Regional da Agricultura do Alentejo a quem não têm faltado «luvas» para despachar os processos.

Só assim se compreende, aliás, que tais funcionários, intimamente ligados aos agrários, permitam, estimulem e executem processos contendo gravíssimas ilegalidades desde entregas de gado a indivíduos que nunca deles foram proprietários, à tentativa de entrega de terras contra o parecer de acórdãos do Supre-

mo Tribunal Administrativo (STA) favoráveis às UCP's/Cooperativas.

O governo e o MAP têm já, deste modo, despachado para entrega durante os próximos dias mais de 50 processos ilegais que totalizam para cima de 13 mil hectares a distribuir, entre outros, por agrários como Murteira Grave que já possui mais de dois mil hectares, D. Luís Passanha, José Manuel Andrade, Cortes Moura e Infante da Câmara.

A estas manobras provocatórias do governo e à vasta teia de ilegalidades e corrupção que concertadamente actua com a conivência do ministro e do governo continuam, entretanto, a opor-se decidida e corajosamente os trabalhadores da Reforma Agrária e as suas organizações, os quais não só não reconhecem qualquer legitimidade nos actos levados a cabo pelo executivo como se mostram dispostos a resistir por todos os meios constitucionalmente previstos para pôr fim aos desmandos e repor a legalidade democrática.

Nacional

Dias da URSS em Portugal

A semelhança dos anos anteriores, a Associação Portugal-URSS vai comemorar no nosso país o 68.º aniversário da Revolução de Outubro, promovendo para tal os dias da URSS no nosso país.

Nas comemorações, que se desenrolarão de 24 de Outubro a 6 de Novembro, participa uma delegação da República Socialista Soviética da Ucrânia.

Paralelamente, uma delegação portuguesa estará presente nos dias de Portugal na União Soviética.

Para a Associação Portugal-URSS, «o objectivo desta troca

de delegações é estreitar as relações entre os dois povos e alargar o conhecimento mútuo, procurando minorar os efeitos do obscurantismo fascista e da não existência, ainda hoje, de um acordo cultural entre os dois Estados».

Da embaixada da República Socialista Soviética da Ucrânia que visitará o nosso país, faz parte uma delegação artística que actuará de norte a sul.

São os seguintes, os espectáculos programados em Portugal: em Outubro, no dia 26 haverá espectáculo em Vila Real de Santo António, dia 27 será a vez

de Beja, para depois se seguir Évora. Já no dia 29, os artistas soviéticos actuarão em Montemor-o-Novo e, no último dia do mês, será a vez de Lisboa poder assistir ao espectáculo que se realizará no Coliseu dos Recreios.

No primeiro dia de Novembro, a delegação soviética actuará em Almada, para depois se dirigir, dia 2, para a Marinha Grande, a caminho de Coimbra, onde actuará no dia 3. Dia 5 será a vez de Tomar e, finalmente, no dia 6, será Alhandra que se poderá deliciar com a actuação destes artistas da República Socialista Soviética da Ucrânia.

Greve na EPAC

• ORTs rejeitam desmembramento e exigem devolução

Nos seguimentos de outras formas de luta e de uma série ininterrupta de protestos, incluindo posições muito firmes do movimento sindical unitário, as organizações representativas (ORTs) dos trabalhadores da EPAC decidiram ir para a greve.

Anunciada para a próxima quinta-feira, 19, a paralisação, aprovada em plenário na sede em Lisboa, é uma forma de resistência ao desmembramento e entrega ilegal da **Empresa Pública de Abastecimento de Cereais** ao lucro especulador dos grandes moageiros e multinacionais.

Um dos responsáveis pela negociata é Álvaro Barreto (PSD) ministro da Agricultura em gestão. O outro é o ministro das Finanças e do Plano, Ernâni Lopes. Ambos autorizam, neste caso, verdadeiras fraudes.

As ORTs e os sindicatos exigem a anulação dos diplomas PS/PSD, segundo os quais já foram entregues bens da EPAC a associações de industriais, que devem devolvê-los.

O desmembramento da EPAC inscreve-se no assalto generalizado a tudo o que dê lucros no sector empresarial do Estado.

Este Governo não refreia — pelo contrário, tem facilitado — a gula dos grandes capitais pelos mercados de bens de primeira necessidade, sem se importar com as consequências muito graves que esse assalto terá nos preços e nos próprios postos de trabalho ameaçados na EPAC.

Recorde-se que o património desta empresa pública atinge valores capazes de aguçar o apetite dos grandes «liberalizadores». Entre esses valores destacam-se 514 celeiros e armazéns, laboratórios, dois terminais portuários e 31 silos regionais.

Homenagem a Baptista Pereira

Baptista Pereira, o nadador que estabeleceu o recorde da Europa de distância e permanência na água, vai ser homenageado nos próximos dias 20, 21 e 22.

A homenagem, da responsabilidade de uma comissão promotora, realiza-se na sua terra natal, em Alhandra. Baptista Pereira faleceu o ano passado, e esta homenagem pretende ser um tributo à memória deste grande atleta imortalizado com o nome de Gineto no romance de Soeiro Pereira Gomes «Os Esteiros».

O programa inicia-se pelas 21 horas do dia 20 com a abertura da exposição comemorativa da vida deste atleta na Sociedade Euterpe Alhandrense, a que se seguirá uma sessão, no mesmo local, com a projecção de filmes e vídeo.

No sábado, serão descerradas

placas toponímicas nas ruas de Alhandra, posto o que haverá romagem ao cemitério. Já da parte da tarde, haverá provas de natação e de pólo-aquático nas piscinas de Vila Franca de Xira. Há noite é tempo para arraial, na paraça 7 de Março, em Alhandra, com a Orquestra Ligeira do Exército.

Finalmente, no domingo as comemorações terão a zona ribeirinha por palco. Aí, haverá ginástica, judo e halterofilia, ao que se segue uma prova de rio entre Vila Franca e Alhandra. Depois, a encerrar esta homenagem a Baptista Pereira, é tempo para um almoço de confraternização.

Sorteio

Atenção a todos! Já se realizou o sorteio da prancha de Windsurf rifada pelos Pioneiros de Portugal. O sorteio realizou-se no passado dia 9 e o número premiado foi o 1373.

A organização pede a quem tiver o número premiado que contacte com Pioneiros de Portugal,

rua Professor Lima Basto, n.º 140, 1.º Esquerdo, em Lisboa.

Se foi você o sortilhado que a partir de agora terá mais um atractivo nas longas tardes dos próximos verões, então está de parabéns. E não se esqueça, contacte com os Pioneiros de Portugal, para a morada que indicamos.

Mostrar a escrita e as contas

É curioso verificar nesta época de intensa campanha eleitoral que a quase generalidade das forças concorrentes se desunham em promessas e se emburham em patrioteirices de naftalina esquecendo-se... de prestar contas. E prestar contas é, neste caso, falar do que se fez, mostrar a obra que ficou à vista, explicar como foi o dia-a-dia de responsabilidades cívicas entretanto assumidas por todos, quer no Governo (e aí em «exclusivo» PS/PSD/CDS), quer nas autarquias.

Não é exagero afirmar que neste último campo, o do exercício do Poder Local democrático, só a APU dá a cara e mostra a escrita e as contas. Os restantes «companheiros» autárquicos fazem o que é, neles, rotina quanto ao Governo: escondem, deturpam, inventam e aldrabam. Prestar contas? Que diabo de ideia!

Só que este «diabo de ideia» constitui, desde sempre, um acto quotidiano da Aliança Povo Unido onde quer que exerça funções autárquicas. Toda a gente sabe disso, a começar pelas populações directamente interessadas. Respiguemos apenas alguns exemplos recentes, dos chegados à nossa Redacção.

Em **Ourlque** — concelho alentejano que a APU arrebatou ao PPD/PSD nas últimas eleições gerais autárquicas — a «**Informação APU**» deste mês troca por miúdos os subsídios entretanto concedidos pelo município (450 contos à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da vila, 575,6 contos aos clubes desportivos, 417,5 contos a outras entidades), explicando ainda que em 1984 foi oferecido aos bombeiros um *jipe* «Portaro» completamente recuperado, enquanto a Câmara já pagou 332 contos para o projecto do quartel novo, cuja obra financiará em 20% do seu custo total, cabendo ao Poder Central o financiamento dos restantes 80%.

Entetanto através da cedência de máquinas a preços extremamente baixos, realizaram-se trabalhos de alqueive e/ou desma-

tação para pequenos agricultores, «o que significou, para muitos, assegurar a produção e ultrapassar o constante aumento das dificuldades no exercício da sua actividade» (entre 1984 e 1985 serviram-se 260 agricultores, e prestaram-se serviços de 1285 horas/máquina numa área estimada em 1150 ha).

Quanto às obras feitas pela Câmara no actual mandato, remetemos o leitor para o gráfico que apresentamos ao lado, bem mais elucidativo que qualquer descrição, chamando a atenção que **todos** os melhoramentos vieram dar resposta a necessidades prementes e velhos anseios das populações de um concelho que uma gestão PPD/PSD ainda mais atolou em dificuldades.

Uma nota final: estas informações constam apenas do boletim deste mês, ficando para trás todos os que, regularmente, têm chegado às mãos das populações através de outros boletins a dar conta do andamento da autarquia e auscultando o parecer dos munícipes.

A transperência, com a APU, começa por ser **um facto** – só depois se transforma numa palavra a integrar em qualquer discurso...

Programa cumprido

Em **Sesimbra** a APU fez, entretanto, um breve balanço do último mandato, começando por sublinhar que, «ao contrário de qualquer outra força política concorrente às eleições autárquicas de 1982, a Aliança Povo Unido divulgou em milhares de exemplares distribuídos o programa que se propôs realizar durante os anos de 1983, 84 e 85». Fácil portanto se torna verificar que «o programa da APU está praticamente cumprido e, em vários domínios, ultrapassado, apesar de faltarem ainda cinco meses para concluirmos o nosso mandato».

E prossegue o documento: «Foi possível lançar obras e fazer investimentos não programados, mas necessários e inadiáveis, para repor a capacidade de funcionamento de importantes infra-estruturas, atingidas por acidentes imprevisíveis, nomeadamente o assoreamento de furos de captação, a ruptura de um

importante reservatório de água, os estragos na rede viária do concelho provocados pelo mau tempo no final de 1983 e o lançamento de outras obras que, já no decorrer do mandato, se mostraram urgentes».

No conjunto, tais acidentes exigiram investimentos suplementares de várias dezenas de milhares de contos, «mas nem por isso ficou afectada a capacidade de realização do programa proposto». Além disso a APU de Sesimbra recorda que «maior importância terá o trabalho desenvolvido se atendermos ao quadro geral que caracterizou a vida política, económica e social do País, durante os últimos anos (agravamento das condições de vida das populações, que assim passaram a solicitar muito mais os apoios das autarquias, redução anual de verbas para o Poder Local, transferência de responsabilidades sem a correspondente participação financeira, etc.).

Em síntese, o documento da APU de Sesimbra refere as actividades camarárias nos campos da **gestão urbanística** (plano de promenor de Santana, reconversão das áreas degradadas de Albufeira e Quinta do Conde, arranjos de espaços públicos, etc.), da **habitação e melhoria das condições de vida das populações** (atribuição de 52 novos fogos de habitação social, adjudicação da construção de mais 62, apoios às cooperativas de habitação, fornecimento de dezenas de projectos para a autoconstrução, criação de equipamento de uso colectivo, etc.), de **arruamentos, estradas e caminhos** (aquisição de novo e importante equipamento, pavimentação e abertura de dezenas de quilómetros de estrada), do **saneamento básico e higiene pública** (abertura de três novos furos de captação de água, ampliação da rede pública de abastecimento de água, mais de 10 km de drenagens de esgotos,

melhoria da recolha do lixo, etc.), na **educação, saúde e apoio à 3.ª idade** (garantia dos transportes escolares, construção, ampliação e reequipamento de escolas, criação de um centro de dia para a 3.ª idade), da **animação cultural e desportiva** (publicação de obras de autores de Sesimbra ou de interesse para o município, realização de exposições e espectáculos, recuperação de jogos tradicionais e cegadas, etc.).

Referindo-se ainda ao fluxo turístico que o concelho suporta na época estival, o documento informa que «hoje garantimos abastecimento de água, drenagem de esgotos, recolha de lixo doméstico e manutenção de uma rede viária para mais de 60 000 habitantes, apesar de residirem no concelho apenas 23 000 pessoas». E sublinha a importância – de que se orgulha – da colaboração com as populações.

APU de Coimbra denuncia

A lei na boca de burlões e o País pasto das chamas

A Aliança Povo Unido do distrito de Coimbra emitiu recentemente um protesto e dois comunicados onde, de um modo geral, se fazem sérias críticas ao Governo e aos partidos que o integram e se põem em relevo as graves consequências para o País da continuação da acção deste executivo.

Foz; 3.º — Enquanto acusa a APU de violar a Lei Eleitoral, o que é falso, o PS continua a pagar e a afixar propaganda política utilizando o processo de publicidade paga que, essa sim, é proibida pela Lei Eleitoral. E concluiu o documento da APU:

«O PS ao mesmo tempo que se assume, de facto, como o campeão dos atentados às liberdades e direitos, designadamente do direito à livre expressão e à Informação, como o campeão das ilegalidades, da manipulação da comunicação social estatizada, das acções ou tentativas de intimidação e prepotência, tenta confundir a opinião pública desviando a actuação nefasta do demitido Governo PS/PSD que exorbita, a toda a hora, as suas limitadas funções de gestão».

Após recordar que as matas não são limpas, os caminhos florestais estão degradados e intransitáveis e as serras se tornaram mais indefesas com o seu despovoamento provocado por uma florestação que destrói a economia das populações serranas, o comunicado afirma:

«Os bombeiros queixam-se da falta de apoio do Governo para pagar o combustível e as reparações dos carros e a aquisição de equipamento. Não há uma política florestal, nem sequer um Código Florestal Português — é a anarquia e a irresponsabilidade reinantes. Por outro lado, toda esta situação acaba, de facto, por beneficiar os grandes especuladores do negócio das madeiras e em especial as multinacionais de celulose que pretendem adquirir, com a cumplicidade do ministro da Agricultura do PSD, Álvaro Barreto, grandes áreas florestais para prover o seu auto-abastecimento, no sentido de que, dominado o mercado, possam impor posteriormente os baixos preços aos pequenos e médios produtores florestais.».

E recorda a APU que «se é necessário tomar medidas de prevenção, há também que tomar medidas de apoio aos agricultores após as calamidades», pelo que a Aliança Povo Unido «exige do Governo de gestão do PS e do PSD que adopte medidas de escoamento de salvados (madeiras queimadas) a preços justos, criando parques de recolha e triagem junto das principais vias de comunicação, que crie condições de apoio ao repovoamento das áreas queimadas, e que em vez de esbanjar os dinheiros públicos em passeatas e comezettinas, e em vez de dar aumentos escandalosos aos ministros e deputados, que atribua indemnizações justas aos lesados pelos fogos».

A questão dos fogos

A última nota da APU de Coimbra afirma em título que o «**Governo não defende produtores florestais contra incêndios**», situação particularmente trágica no distrito de Coimbra, onde as chamas já devastaram milhares de hectares de floresta nos concelhos de Penacova, Arganil, Oliveira do Hospital, Tábua, Pampilhosa da Serra, Gois, Lousã, Coimbra, Penela, Condeixa, Soure e Figueira da Foz.

E diz a APU de Coimbra: «Os fogos ocorrem cada vez com maior frequência e tomam cada vez maiores proporções, porque ou o "crime compensa", e nesses casos há que punir os criminosos, ou porque os últimos governos da responsabilidade do PS, PSD e CDS não adoptaram medidas adequadas de prevenção, detecção e combate eficazes aos incêndios.».

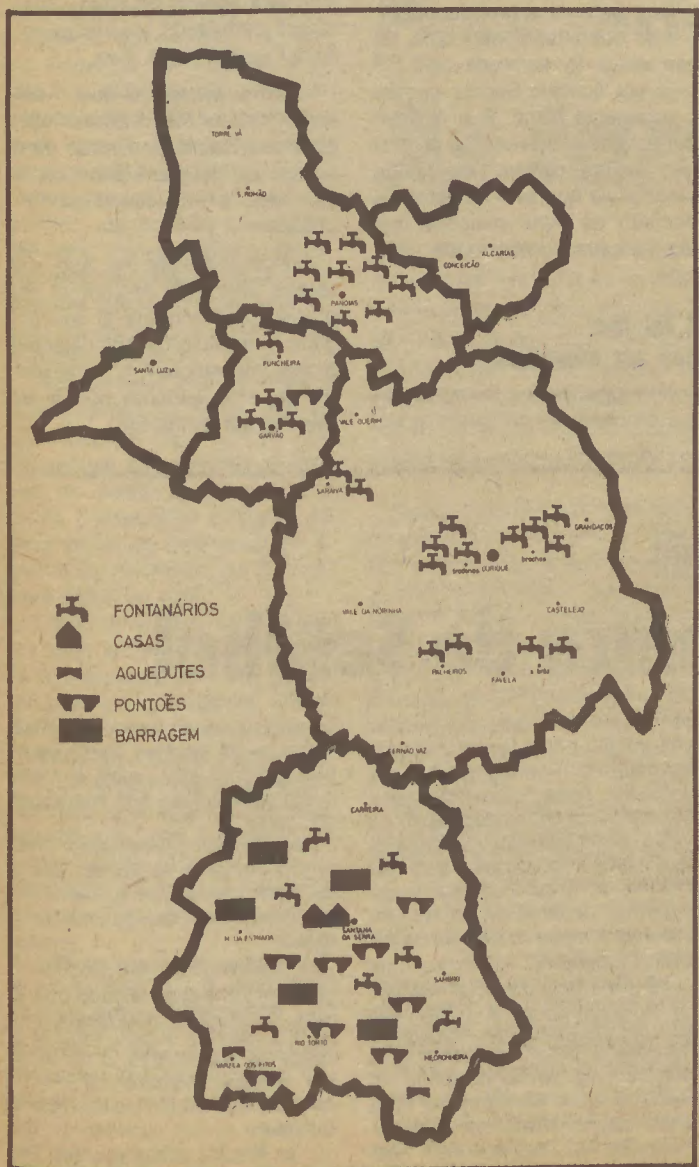
O protesto manifesta-se contra «a forma ostensivamente discriminatória como a televisão e a rádio trataram a visita de Álvaro Cunhal ao distrito de Coimbra nos dias 31 de Agosto e 1 de Setembro, aquando da apresentação dos candidatos da APU por este círculo eleitoral e da visita ao Baixo Mondego», considerando que «só uma prática de censura selectiva por parte dos maiores responsáveis da RTP e da Rádio, incidindo sobre as iniciativas mais importantes do PCP e da APU, pode justificar o completo silenciamento desta grande jornada de esclarecimento político e de contacto directo com os trabalhadores, os agricultores e demais população de Coimbra e do Baixo Mondego».

Só para ilustrar: no «Último Jornal» (RTP) de domingo, 1 de Setembro, foi dito que o fim-de-semana tinha sido de acalmia, sem grandes iniciativas, «um fim-de-semana de férias políticas», na judiciosa apreciação lida pelo locutor. Ora a APU, como refere o comunicado da distrital de Coimbra, «nas suas iniciativas no distrito de Coimbra desse preciso fim-de-semana ocupou mais de 7 horas com intervenções políticas de diálogo com a população, organizou uma caravana de 20 automóveis que acompanhou Álvaro Cunhal e que fez paragens em **nove** localidades de **quatro** concelhos. De uma ou de outra forma, participaram cerca de 20 000 pessoas!».

Agarra!
— diz o ladrão...

Quanto aos comunicados, o primeiro prende-se, em certa medida, com o assunto anterior: a informação e a propaganda eleitoral. Diz a APU de Coimbra: «Em comunicado que o "Jornal de Notícias" noticia, a Comissão Técnica Eleitoral de Coimbra do PS acusou a Aliança Povo Unido de violar a Lei Eleitoral ao afixar a propaganda em várias localidades deste distrito, designadamente nos concelhos de Coimbra, Montemor-o-Velho e Figueira da Foz. Refere ainda este comunicado que a APU violou a Lei Eleitoral e que o PS "vai efectuar diligências junto da CNE e dos órgãos autárquicos para corrigir a acção da APU", o que, traduzindo, quer dizer que o PS se prepara para destruir a propaganda da APU utilizando os seus homens de mão nas autarquias desta região.».

A tal nota, responde a APU de Coimbra com clareza que: 1.º — É prática do PCP (e da APU) fazer propaganda política ao longo de todo o ano, exercendo, aliás, um direito constitucionalmente consagrado, pelo que é natural que a tenha feito também em campanha pré-eleitoral; 2.º — Nos concelhos referenciados na nota do Partido Socialista encontrava-se já afixada alguma propaganda política do PS, de diversos tipos, principalmente em Coimbra, Ameal, Pereira do Campo, Ereira e Figueira da



Poder Local

APU adverte contra situação inadmissível

O Governo ao serviço de Soares não marca as eleições autárquicas dentro dos prazos legais

Limitado o governo às suas funções de gestão, após ter sido demitido, a realidade tem mostrado que limites é coisa desconhecida na actividade da coligação dirigida por Soares. Em muitos pontos da sua actividade, o executivo ou ultrapassa limites ou, desrespeitando também a lei, não quer saber de imposições legais ou constitucionais. O facto de, em 12 de Setembro, ter deixado passar a primeira das datas limite para a marcação, que lhe compete, das eleições gerais para os órgãos autárquicos, é mais uma prova de que este governo não deveria ter ficado em funções; de que, além de demitido, deveria ter sido imediatamente arredado dos ministérios.

Isto mesmo foi sublinhado na passada sexta-feira, em conferência de imprensa convocada pela Comissão Coordenadora Nacional da Aliança Povo Unido. O camarada Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, e António Galhordas, vice-presidente do MDP/CDE, que se encontravam acompanhados de Vítor Dias, do CC do PCP e, de João Amaral, deputado comunista, chamaram a atenção dos jornalistas para a gravidade dos factos que apontámos.

Os limites

Impondo a lei que as eleições para as autarquias se realizem num domingo de Dezembro, e determinando que «o dia das eleições gerais será marcado por decreto do governo com, pelo menos, 80 dias de antecedência», as datas limites para a marcação das eleições são os dias 12 de Setembro — já pas-

sado —, 19 de Setembro — hoje mesmo —, ou, por fim, 26 de Setembro. Isto para que as eleições possam «cair» nos dias 1 de Dezembro — já impossível —, 8 de Dezembro — se hoje, por extraordinária coincidência o governo fosse obrigado a marcá-las —, ou 15 de Dezembro...

A Aliança Povo Unido sublinhou entretanto que as datas referidas não contam com as que, a partir de 15 de Dezembro poderiam ser consideradas — por serem naturalmente inconvenientes, dado o período de Natal e Ano Novo, para a realização de actos eleitorais gerais.

No entanto, e «dado que os mandatos dos actuais eleitos cessam nos primeiros dias de Janeiro», afirmou-se ainda na conferência de imprensa, «as eleições gerais devem legalmente realizar-se até meados de Dezembro», o que coloca de fora a possibilidade de, por lei, serem marcadas datas posteriores a 15 de Dezembro.

De facto, como se sublinha, a definição do período do mandato marca o limite dentro do qual devem ser realizadas as eleições gerais para aplicação das regras democráticas decorrentes da Constituição em matéria de órgãos electivos. Conforme estipula a Constituição — Artigo 121.º — «ninguém pode exercer a título vitalício qualquer cargo político de âmbito nacional, regional ou local»; por outro lado, o princípio do sufrágio periódico, também afirmado pela Constituição, manda aplicar «o sufrágio directo, secreto e periódico da designação dos titulares dos órgãos electivos de soberania, das regiões autónomas e do Poder Local».

A lei impõe, portanto, que as eleições autárquicas se realizem no próximo mês de Dezembro. Se o período dos mandatos dos eleitos actualmente em funções é de três anos — não havendo modificações dos imperativos legais —, termina nos primeiros dias de Janeiro. Mais uma razão para que os actos eleitorais que visam a escolha de novos eleitos se concretize em meados de Dezembro, a tempo de que estes possam assumir o seu mandato no termo do mandato dos anteriores.

Violação

A questão que se coloca não é, porém, uma questão de pressa. Se de outro governo se tratasse, mal não haveria em esperar e o prazo ainda se mantém, aberto, à marcação de eleições dentro dos prazos legais. O facto é que, esgotado o primeiro prazo, não há, da parte do governo, indícios sobre a intenção de cumprir os prazos legais. Pelo contrário — as recentes afirmações de Almeida Santos, referidas e contestadas na conferên-

cia de imprensa da APU, são tendentes ao seu adiamento «para data posterior à realização das eleições presidenciais»!

Por isso mesmo, a Comissão Coordenadora da APU entendeu «ser necessário denunciar publicamente a situação e reclamar dos órgãos de soberania as acções necessárias à garantia da legalidade, com marcação de eleições gerais autárquicas para Dezembro do corrente ano de 1985».

Os participantes na conferência revelaram, de resto, que cartas haviam sido enviadas, sobre o assunto, ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao presidente da Assembleia da República, ao presidente da Comissão Nacional de Eleições, ao presidente do Tribunal Constitucional e ao provedor de Justiça.

Vinculado o governo — com o poder mas também com o dever — a marcar as eleições dentro dos limites bem expressos pela Constituição e pela lei — este não pode violar os «limites e imposições» que daí resultam. Portanto, os dias 1, 8 e 15 de Dezembro são os marcos que possibilitam o cumprimento dos diplomas. E não outros.

Não pode, portanto, o governo, «sem razões jurídicas válidas, adiar as eleições (e prolongar os actuais mandatos) já que tal procedimento violaria as disposições» já citadas e a que está obrigado. O facto de os eleitos se manterem em funções até serem legalmente substituídos não serve de desculpa. Só o facto de não ter havido listas concorrentes ao acto eleitoral poderia explicar tal situação.

A excepção, «não pode resultar nunca de critérios de oportunidade política sob pena de negação do princípio da legalidade».

Malabarismos

Se está provado que a lei determina a realização das eleições autárquicas para meados de Dezembro de 1985, tudo ficaria claro se o governo acatasse a lei. Outros órgãos também já se pronunciaram directa ou indirectamente sobre o assunto. Na conferência de imprensa da Aliança Povo Unido foram referidos a Assembleia da República, a Comissão Nacional de Eleições e, até, o «presidente» da Associação Nacional de Municípios.

A AR pronunciou-se, de resto por unanimidade, «no sentido do expresso reconhecimento de que as eleições gerais autárquicas se deveriam realizar em 1985 (e portanto em Dezembro)». «No mesmo sentido se pronunciou a Comissão Nacional de Eleições, quando recentemente solicitou informações ao governo sobre as eleições autárquicas, referindo-as expressamente como as «autárquicas de 1985». O próprio «presidente» da ANM, Torres Pereira, em declarações à Anop, se mostrou em «total desacordo» com o adiamento, manifestando que é seu convencimento de que a maioria dos autarcas é de opinião de que «o calendário deve ser cumprido» e de que as autárquicas «devem ser realizadas depois das legislativas e antes das presidenciais».

Por outro lado, nenhuma razão válida foi invocada pelo PS — e por Almeida Santos — para o adiamento ilegal. E o ministro de Estado não refutou a acusação de manobrista político e eleitoralista que está no cerne da decisão de adiar eleições que têm um prazo nitidamente definido.

A lei tem que ser cumprida

Interrogações se levantam sobre os motivos que levam, e tal-

vez continuem a levar, os governantes a não cumprir a lei neste caso específico. Que pretendem? Que espera o Primeiro-Ministro, o mais alto responsável por este incumprimento? Que leva Almeida Santos a fazer declarações que contrariam o determinado constitucionalmente?

«Não é admissível em democracia que interesses partidários se sobreponham ao cumprimento da lei», assinala o comunicado distribuído pela APU aos órgãos de comunicação social. No entanto, nas considerações posteriores, deixa ver que são realmente tais interesses que movem o governo e os seus mais altos responsáveis — com destaque para Mário Soares — a tais atitudes.

«O dr. Mário Soares», lê-se no comunicado, «pode reear que os resultados negativos do PS nas eleições autárquicas sejam desfavoráveis à sua anunciada candidatura presidencial. Pode, por outro lado, o PS entender que lhe seria mais oportuno concretizar certas coligações autárquicas em momento posterior às eleições legislativas e presidenciais».

«Mas o que é inadmissível é que o PS utilize a sua posição no aparelho de Estado (e concretamente no governo de gestão) para serviço de meros interesses partidários, desrespeitando a Constituição e a lei».

«Não é admissível que o primeiro-ministro Mário Soares utilize a sua função de Estado para serviço do cidadão Mário Soares candidato à Presidência da República».

Sublinhando, por fim, que «os factos descritos reclamam da opinião democrática e dos órgãos e instituições competentes pronta intervenção», o comunicado da APU salienta que a lei tem de ser cumprida.

Ultimato a Gonelha

A Câmara Municipal de Peniche enviou recentemente ao Ministro da Saúde um telex que divulgou depois e no qual convida aquele governante, membro do PS, a desloca-se ao concelho e a «ver com os seus olhos o que foi o Hospital de Peniche e hoje não passa do mais degradante depósito de doentes».

O telex, assinado por Fátima Pata em representação de uma Câmara de maioria PS, é severo para o ministro:

«Venha perguntar aos doentes quem é o seu médico», convida. «Porque está ali? Pergunte aos médicos qual é a sua função naquela casa. Pergunte aos enfermeiros quem coordena o seu trabalho. Quem vigia as terapêuticas? Quem segue os doentes? Quem lhes dá alta?»

E continua:

«Venha ver o mais degradado ambiente hoteleiro do concelho e perguntar ao Delegado de Saúde se lhe dá licenciamento sanitário. Venha ver com os seus olhos. Julgar com o seu entendimento e definir a situação, tomar uma decisão.»

Antes de terminar, solicitando a actuação do ministro e precisando que, se por um lado a Câmara o apoiará com trabalho, por outro não lhe perdoará a indiferença, o telex enviado a Gonelha sublinha:

«Esta Câmara não pode mais tolerar aquela agressão, aquele insulto, aquele usurpar do direito à saúde e às condições de trabalho. Somos todos humanos medianamente inteligentes e compreendemos as dificuldades que o nosso país atravessa. O que se esgotou foi a capacidade de tolerar o intolerável, o desrespeito pelo ser humano dependente por doença aqui ninguém sabe de quem.»

Cultura, trabalho, luta distinguidos pela Câmara de Setúbal

Um conjunto de personalidades e instituições foram escolhidas pela Câmara Municipal de Setúbal para lhes ser atribuída a medalha de honra de cidade. Na sessão solene realizada na noite do passado domingo — que ao mesmo tempo foi feriado municipal e dia de Bocage — as medalhas contemplaram não apenas personalidades e instituições muito conhecidas, como também o esforço dedicado dos trabalhadores. De José Afonso aos trabalhadores da Setenave, a honra da cidade mediu-se em cultura, em trabalho, em luta.

Foram distinguidos os pintores Luciano dos Santos e Álvaro Perdigão; a Academia de Música

e Belas Artes «Luís Todt» que comemorou o seu 25.º aniversário: a Banda da Sociedade «Perpetua Azeitonense». Isto no campo das artes e da música.

No desporto, a medalha foi para o «Vitória Futebol Clube», fundado em 1910, e que desenvolve uma intensa actividade na promoção desportiva.

No campo cultural, para além do nome de José Afonso — «um dos símbolos da resistência ao regime fascista», que há muito reside no concelho — outro artista foi distinguido: Américo Ribeiro, um fotógrafo que ao longo de cinco décadas tem registado a memória da cidade do Sado.

A mais antiga colectividade —

centenária — e que continua a desenvolver um largo trabalho associativo recebeu também a distinção. Trata-se da Sociedade Musical Capricho Setubalense.

Os trabalhadores da Setenave, representados pela sua Comissão de Trabalhadores, receberam a medalha de honra. Sobre eles afirmou a Câmara Municipal de Setúbal:

«A eles se deve um extraordinário contributo para a viabilização de uma empresa fundamental para o desenvolvimento económico, não só no concelho de Setúbal mas também de uma vasta região envolvente. Os trabalhadores da Setenave têm constituído desde 1974 um dos

baluartes da defesa do regime saído do 25 de Abril, tendo sempre demonstrado o mais elevado espírito de defesa dos interesses do País.»

Dentro em breve oferecerão um monumento ao 25 de Abril e às nacionalizações a implantar na Praça de Portugal, naquela cidade.

Medalhas de honra da Paz e Liberdade foram entregues a dois destacados antifascistas. A Carlos Alberto Júnior, natural e residente em Azeitão, e a Salvador Amália, membro da URAP, nascido em Setúbal onde reside também.

Por fim foi atribuída uma medalha à empresa INAPA.

Internacional



A perspectiva do fim já está presente

A heróica luta contra o "apartheid" do povo da África do Sul está a gerar, pela sua intensidade e envergadura, uma nova situação. Ninguém saberá ainda dizer para quando a vitória — uma vitória que vai alterar decisivamente o mapa político do continente — mas a sua perspectiva já se ergue como uma certeza tão evidente que é o próprio capital a reconhecê-lo na prática.

Não nos referimos às teóricas decisões sobre sanções ou vagas condenações do «apartheid». Ainda que essas tomadas de posição também tenham o seu significado político. Por exemplo, se Reagan se vê na necessidade de avançar com a retórica proibição da concessão de empréstimos ao governo da África do Sul, mantendo simultaneamente a autorização de tais empréstimos a entidades sul-africanas, estamos no reino da pura demagogia. Tanto mais que a delegação norte-americana votou no Conselho de Segurança da ONU, a aplicação de autênticas sanções. Mas não é menos verdade que tal demagogia traduz uma certa necessidade de se demarcar, aos olhos da opinião pública, da política criminoso, terrorista, do «apartheid», de se demarcar de uma brutalidade repressiva que já levou ao assassinato de dezenas e dezenas de patriotas negros.

Referimo-nos sim ao esforço dos que directamente têm os seus capitais na África do Sul, no sentido de acautelar interesses, na medida do possível — e já na perspectiva evidente de uma vitória do movimento de libertação da África do Sul, de uma vitória do ANC.

Como é sabido, na passada 6.ª feira, em Mfuwe, na Zâmbia, uma delegação do ANC, chefiada pelo seu presidente, Oliver Tambo, e uma representação de homens de negócios sul-africanos, de importantes grupos económicos que operam no país, encabeçada pelo presidente da multinacional «Anglo-American», Gavin Relly, tiveram um encontro para debate de perspectivas futuras.

As posições em presença são naturalmente muito diferentes, tão antagónicas como os interesses em causa. E isso ficou bem claro com as declarações de Oliver Tambo: «Explicámos que não poderemos deixar actuar as grandes empresas como o fazem actualmente. Elas represen-

tam uma riqueza formidável no meio de uma pobreza inqualificável. Devem ser tomadas medidas para ultrapassar esse fosso e deverá haver no país uma distribuição mais equitativa da riqueza».

Entretanto o presidente da «Anglo-American» vê-se na contingência de reconhecer: «sejam quais forem as suas convicções,

é perfeitamente legítimo que os sul-africanos se reúnam para discutir o futuro do seu país».

Não há que pensar que os monopolistas subitamente se convertam à luta anti-apartheid. Contactam simplesmente que tão odioso regime político se está a afundar. E não se querem afundar com ele. Uma sintomática posição de realismo político.

Pretória continua a contar com o multiforme apoio do imperialismo, dos grandes países capitalistas, de Washington a Londres, de Bona a Bruxelas. Por isso, na África do Sul, morre-se com balas na rua, de tortura nas prisões, morre-se de fome nos «ghettos» negros. A política de

agressão e desestabilização de Pretória continua a causar perdas imensas aos povos dos países da zona: 10 biliões de dólares nos últimos anos, segundo um estudo publicado pela Conferência para a Coordenação e Desenvolvimento da África Austral (SADCC), o que é superior a toda a ajuda estrangeira concedida aos países desta organização nos últimos cinco anos.

Mas os indícios da certeza na vitória — mesmo por parte dos que muito irão perder com ela — são indesmentíveis. Uma razão mais para uma crescente solidariedade com o povo da África do Sul, com os povos vítimas da política agressiva de Pretória.

Paz e socialismo

As tarefas do povo vietnamita

Para o povo vietnamita 1985 é um ano particularmente importante. Há dias foi comemorado o 40.º aniversário da independência. Mas assinala-se ainda o 10.º aniversário da liberdade do sul, que é também o 10.º aniversário da vitória histórica sobre os invasores norte-americanos; o 55.º aniversário da fundação do Partido; e o 95.º do nascimento de Ho Chi Minh, o «tio Ho», dirigente histórico da luta do povo vietnamita pela independência e o socialismo.

Neste momento, as principais tarefas que se colocam ao povo do Vietnam são: a edificação do socialismo em todo o país, o que significa também a superação total de diferenças entre o Norte e o Sul; e a defesa da independência e da integridade territorial, tarefa imposta pela persistência de actos agressivos na fronteira com a China.

No cumprimento destas tarefas, êxitos importantes têm sido obtidos. Na pesca e na agricultura, sectores fundamentais da economia nacional, o aumento de rendimento tem vindo a ser uma constante, em particular nos últimos anos. Concretamente, em relação à produção de arroz, registou-se o ano passado um aumento de quase um milhão de toneladas. Graças aos novos métodos que estão a ser utilizados, a produção por habitante aumentou em mais de 20 kg,

mesmo tendo em conta o forte acréscimo de natalidade. O objectivo próximo é a auto-suficiência (de momento importam-se cereais para o gado).

Recentemente teve início a exploração de petróleo em Vung Tau, no Sul do país, abrindo uma outra dimensão ao desenvolvimento industrial e à economia do país.

Para a obra de reconstrução em curso falta ao povo vietnamita apenas uma coisa — fundamental — a Paz. Uma paz por que persistentemente se luta.

Em 15 e 16 de Agosto, na capital da República Popular do Kampuchea, Phnom Penh, realizou-se a 11.ª Conferência de Ministros dos Negócios Estrangeiros da República Popular do Kampuchea, da República Democrática Popular do Laos e da República Socialista do Vietnam.

Na Conferência fez-se balanço

da situação na zona, em particular no que respeita ao Kampuchea; salientou-se o apoio a contactos com países da zona, com destaque para os países da ASEAN; referiu-se a necessida-

Angola invadida?

Paz impossível com «apartheid»

Angola de novo invadida — eis a notícia que, com arrogância e descaramento, nos chega de Pretória. Que «justifica» mais um acto de agressão com o velho pretexto de que se trata de perseguir elementos do movimento de libertação da Namíbia (SWAPO), que estariam a planear (!) o bombardeamento de bases militares na Namíbia e o ataque a áreas residenciais no norte deste país ocupado por Pretória.

Salta à vista o absurdo do pretexto. Mas sobretudo o à vontade com que se pretende pôr em causa as regras de relações entre Estados a nível internacional. Pretória arroga-se o direito de defrontar as decisões da ONU relativas à independência de um país que ocupa ilegalmente. Arroga-se o direito de sistematicamente irromper pelas fronteiras de outro (de que ainda ocupa uma faixa de território). E para isso sabe até encontrar «justificações».

É claro que o que está mais uma vez em causa é o direito do povo da Namíbia a uma verdadeira independência; é o direito de Angola a construir em paz o caminho que escolheu; é o direito do povo sul-africano a gerir os destinos do seu país.

E a única justificação para os crimes cometidos, a nível interno como externo, pelo regime de «apartheid», é o multiforme e constante apoio concedido pelo imperialismo.

Encurralado pela grande luta do povo sul-africano nas fronteiras do que considera seus domínios, pela luta do povo namibiano pela independência e ainda pelos êxitos registados em Angola, no plano socioeconómico e militar, o poder racista instalado em Pretória só conhece uma resposta: a da violência. Os factos indicam entretanto que cada vez menos essa resposta lhe traz os frutos desejados. A África Austral necessita de paz. E a paz só é possível com o fim do «apartheid».



Internacional

Genebra, Paz e futuro são sinónimos

Inicia-se hoje uma nova etapa das conversações de Genebra. Em condições que se pode considerar bem longe de serem favoráveis. E no entanto esta nova etapa é uma realidade e sem dúvida traduz a convicção das forças da paz de que na difícil batalha em curso passos em frente são possíveis. Qual a realidade neste reinício dos contactos em Genebra entre a União Soviética e os Estados Unidos?

• Um primeiro elemento: **nada de concreto foi possível obter até agora.** Mais — Washington está a tentar deturpar inteiramente o próprio elemento central do entendimento alcançado em Janeiro último, ou seja, o íntimo inter-relacionamento entre todas as questões em debate: armamentos nucleares, estratégicos e táticos e armamentos espaciais.

• Seis dias antes do reinício dos trabalhos de Genebra, os **Estados Unidos anunciam o seu primeiro ensaio, conseguindo, com uma arma anti-satélite.** Isto após terem dado o seu não à declaração de uma moratória unilateral, relativa a explosões nucleares, por parte da União Soviética. Ou seja, os Estados Unidos têm vindo a inviabilizar qualquer entendimento, regídem nos pontos comuns inicialmente alcançados, e avançam na concretização dos seus projectos militaristas. A pretexto de que se trata de «investigação» é verdade, mas foi uma «investigação» do mesmo género que conduziu à criação da primeira bomba atómica com os dramáticos resultados conhecidos.

• De acentuar que, simultaneamente, se aposta no **agravamento das relações com a União Soviética** se defende a

tese absurda de que negociações com a URSS só na base da força (o que, além do mais, testemunha da deliberada ignorância das mais elementares lições da história, desde a própria formação da República dos Soviéticos). Em particular no que se refere à militarização do Espaço — uma componente essencial das próprias conversações — há afirmações categóricas de que isso nem sequer é para discutir. Já este mês, em conferência de imprensa a jornalistas de países membros da NATO, Caspar Weinberger diria que os «Estados Unidos nem sequer tencionam conversar com a União Soviética sobre qualquer limitação à actividade desenvolvida no âmbito do IDS (o projecto de militarização do Espaço)». E ainda: «A renúncia ao sistema de defesa estratégica (IDS) é um passo que o presidente não pode dar e é uma questão tão importante que não deve ser considerada como objecto de discussão».

Fica-nos a dúvida de que é que deverá ser objecto de discussão...

Os factos alinhados são dados objectivos da realidade. É aquilo com que contamos hoje. E parece bem pouco animador. Pelo que a questão surgiria naturalmente: então para quê Gene-



bra? Há alguma perspectiva de conseguir algo de concreto e positivo?

Claro que a primeira resposta — do mais simples bom senso, é: **não há alternativa.**

E porque não há alternativa de facto, o agravamento da situação gerado com a nova fase em gestação da corrida aos armamentos, conduzirá inevitavelmente — e já há factos hoje — a uma maior envergadura e **amplitude do movimento da paz**, por um lado; e a **fissuras no campo do capital**, onde a consciência de que se está a brincar, não só com o fogo, mas com a sua expressão máxima — o holocausto final, não pode deixar de existir (consciência acicatada pelo movimento de massas, também contra as gravosas consequências sociais da corrida aos armamentos).

Para a compreensão do presente e suas perspectivas, a experiência do passado — a **experiência histórica** — também ajuda.

E importa aqui recordar, por exemplo, que num dos momentos críticos por que passou a história contemporânea — a chamada «crise dos mísseis», de Cuba — foi possível um entendimento (e não se tratou de um recuo unilateral da URSS como se pretende fazer crer — os mísseis norte-americanos foram igualmente retirados).

Ou ainda, como foi referido pelo camarada Gorbachev a jornalistas da revista «Time»: «Em tempos conseguimos encontrar, apesar de uma situação complexa, vias para o estabelecimento

da cooperação com a administração dos Estados Unidos dirigida por R. Nixon. Naquela altura foram aprovadas resoluções muito importantes.

«Recorde os anos sessenta. Então, a situação internacional também era difícil. Apesar disso, foi assinado, em 1963, o tratado sobre a proibição dos ensaios nucleares em três meios, documento muito importante que está em vigor ainda hoje.

«Isto é um facto da história. Mas a história é importante quando dela se tiram lições. Portanto, impõe-se encerrar o actual estado de coisas a partir de posições estatais responsáveis e encontrar vias para sanear a situação e normalizar as relações soviético-americanas».

Isto passou-se nos anos 60. Hoje, a situação é mais favorável às forças progressistas. Basta olhar para a América Latina; ou avaliar o significado do encontro de homens do capital multinacional com dirigentes do ANC, movimento de libertação da África do Sul; ter em conta o abismo crescente entre a situação de crise do mundo capitalista e os progressos muito palpáveis averbados pelo socialismo. Estamos perante o maior movimento da paz alguma vez existente na história da Humanidade.

Por isso — sem escamotear os imensos perigos, as dificuldades reais, o longo e árduo caminho que há a percorrer — há razões para confiar e sobretudo para lutar. Paz e futuro são neste momento sinónimos.

Um Espaço sem armas

Precedentes e possibilidades

A União Soviética propôs a inserção na agenda de trabalhos do quadragésimo período de sessões da Assembleia Geral da ONU a questão «**Sobre a cooperação internacional na exploração pacífica do espaço cósmico, em condições de não militarização.**»

Um documento-proposta que é testemunho do que já foi possível obter e das perspectivas que se abrem. Pelo que é importante destacar alguns elementos.

Os precedentes

«A União Soviética, abrindo as primeiras rotas cósmicas, apresentou na ONU, ainda em 1958, a proposta de interditar a exploração do espaço cósmico com fins militares.

«Embora naquela altura não se conseguisse solucionar radicalmente o problema da não-militarização do cosmos, nas décadas de 60 e 70 foram celebrados importantes tratados que vieram restringir significativamente as possibilidades da exploração bélica no espaço. Trata-se dos tratados multilaterais sobre proibição dos ensaios com armas nucleares em três meios (ar-cosmos-mar), assinado em 1963, e sobretudo os princípios regentes da actividade dos Estados na investigação e exploração do espaço cósmico, incluindo a Lua e outros corpos celestes (1967), bem como do tratado soviético-norte-americano sobre a limitação dos

sistemas de defesa antimísil (1972) e de uma série de outros acordos.»

As possibilidades

«O arranque para o cosmos e a passagem à exploração prática das suas vastidões infinitas é uma das mais extraordinárias realizações técnico-científicas da humanidade.»

Mas: «Estamos perante um ponto de viragem na solução da civilização, que impõe uma alternativa: ou o início de uma época de impetuosa exploração e de aproveitamento do espaço para o bem do Homem, ou a transformação do cosmos numa fonte de perigo mortal para o mesmo homem.»

Por isso a União Soviética avança propostas concretas.

«A convocação de uma Conferência Internacional representativa, com a participação, entre outros, dos Estados detentores de grandes potenciais espaciais, para estudar em todos os seus aspectos a questão da cooperação internacional na exploração pacífica do espaço em condições da sua não-militarização, e para acordar as principais orientações e os princípios desta cooperação.

«A mesma conferência poderia examinar a questão da formação de uma organização espacial mundial para a cooperação internacional na investigação e exploração pacífica do espaço cósmico.»

AVANTE!

«O governo de Salazar conspira com os ateadores de uma nova guerra contra a Paz e a segurança dos povos e põe, para isso, o território nacional e as vidas dos cidadãos portugueses à disposição dos imperialistas anglo-americanos.

«A assinatura do Pacto do Atlântico pelo governo salazarista é contrária aos interesses nacionais. O Pacto do Atlântico coloca Portugal no campo dos fomentadores de uma nova guerra e põe em perigo a própria independência nacional.

«Dentro dos planos provocatórios dos ateadores de uma nova guerra está o envio de milhares de soldados portugueses para Macau. O envio dessas tropas mostra a disposição em que está o governo de provocar um conflito internacional na China — para assim poder servir os interesses dos imperialistas anglo-americanos — nem que para isso faça derramar sangue português e sacrificar milhares de vidas.»

«**O Comité Central Define as Tarefas do Partido na Luta contra o Fascismo, e em Defesa do Povo, da Democracia e da Paz**» — «Avante!», VI Série, n.º 140, Setembro de 1949).

Avante!

«As operárias têxteis da fábrica da Senhora da Hora, no Porto, através da sua luta contra as ameaças, vexames, castigos que o patronato emprega para tornar ainda mais miserável a sua situação de exploradas, deram um exemplo que deve ser seguido por todos os operários e operárias.

«No dia 1 de Junho foram suspensas 8 mulheres porque a teia estava esbarrotada. No dia 2 foram suspensas 11 mulheres.

«Estes castigos levantaram os maiores protestos e muitos teares pararam como sinal de protesto. Os encarregados, verdadeiros lacaios do Manuel Pinto de Azevedo, chamaram-lhes grevistas e ameaçaram-nas com a PIDE. Mas nada fez calar as valentes operárias, que continuaram a protestar, formando uma Comissão e procurando avistar-se com a gerência para exigir providências, sem o conseguir.

«Poucos dias depois pretendiam castigar 41 mulheres da secção dos lenços, mas estas juntaram-se e foram à gerência e protestaram com tanta firmeza que a gerência foi obrigada a recuar anulando os castigos e as multas.»

«**As Mulheres Lutam Victoriosamente Pelas suas Reivindicações**» — «Avante!», VI Série, n.º 151, Setembro de 1950)

AVANTE!

«Presentemente em S. Pedro da Cova (Porto), um turno de mineiros que trabalhava ao domingo e descansava ao sábado formou uma comissão de unidade que se avistou com a gerência e reclamou que o domingo passasse a ser o dia de descanso. A comissão apresentou-se à gerência com uma petição assinada por 70 mineiros, só não assinando todos (cerca de mais 30) por as condições de trabalho no interior da mina o não permitirem.

«Chamados à gerência, todos os mineiros de turno, com excepção de um só, apoiaram unanimemente a sua comissão e os patrões acabaram por ceder.»

«**Os Mineiros Lutam e Vencem**» — «Avante!», VI Série, n.º 180, Setembro de 1953)

A carta

Almeida Santos, terceiro candidato a deputado na lista do PS pelo círculo do Porto, anda a escrever às pessoas para que o elejam primeiro-ministro. Confirmei isto — eu, que também sou uma pessoa — quando há dias abri a caixa do correio e lá tinha o «caro cidadão» à espera, rematado por um jubiloso «Se me conhece um pouco, sabe que o que prometo faço!». Só que não sou eleitor pelo círculo do Porto, pois vivo em Lisboa, tal como o não é o meu pai, que nunca saiu do Ribatejo, e muito menos a minha tia, que já morreu vai para cima de 12 anos. Ora se é natural que Almeida Santos desconheça o passamento da minha tia (na altura o doutor andava por Moçambique a preparar a sua carreira democrática), já parece estranho que ignore a impossibilidade legal destes seus interlocutores em lhe corresponder ao apelo. É que nenhum, morto ou vivo, está recenseado no círculo eleitoral do Porto — como, de resto, as cartas enviadas amavelmente o reconhecem, ao chegarem com os respectivos endereços correctíssimos (apenas uma observação miúda: o meu «Manoel» é com u. Espero que não me leve a mal, mas para a próxima, já sabe. Não é por nada, mas não gosto de andar para aí com o nome espanholado).

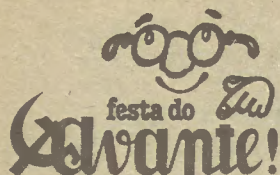
De qualquer modo apreciámos saber «sponte sua» (esta é boa, ó doutor! Latim puro, sem plebeísmos!) que foi escolhido pelos órgãos do seu partido para chefiar o próximo governo PS. Sinceramente lhe desejamos que os órgãos disso não se esqueçam, sobretudo se tal oportunidade, como tudo indica, só tiver perspectivas de concretização daqui a uma data de anos, quando o País já estiver mais esquecido do que é um governo PS e os órgãos do seu partido menos lembrados das escolhas que fizeram. Talvez nessa altura lhe possamos retribuir a presente amabilidade das suas cartas, escrevendo nós próprios aos referidos órgãos a testemunhar o actual compromisso para consigo (mas sem compromisso quanto à

minha tia, evidentemente, dada a sua incapacidade que — como já tive oportunidade de o informar — se até há 12 anos atrás era apenas eleitoral, de então para cá passou a ser total). Quanto à sua carta não há que se lhe aponte. O papel é excelente, a redacção esmerada, as cores uma maravilha. E a sua caligrafia um cursivo encantador, nada dos gatafunhos com que tantos doutores constroem cabalísticas pretensões a armar ao intelectual e a pôr as farmácias em polvorosa. Um intelectual não necessita de garantir charadas para mostrar que o é — como o prova a legibilidade cuitor. Além disso o pedido que nos faz é claro: quer, simplesmente, que o elejamos primeiro-ministro. Ora aqui é que as coisas ficam menos claras. Mesmo que pudésse-

mos votar no Porto, como diabo o elegeríamos primeiro-ministro se o senhor é terceiro candidato a deputado? À sua frente estão pelo menos mais dois e um deles é nem menos que o presidente do seu partido... Isto para falarmos apenas da lista do Porto, a tal onde o relegaram para um modesto terceiro lugar. Que dirão, entretanto, os seus correligionários que encabeçam os restantes círculos, nomeadamente o de Lisboa? Que dirão, mesmo, todos os segundos de todas as listas concorrentes, ainda por cima num partido cheio de sensibilidades?

Ná... Há qualquer coisa que não bate certo e se calhar o doutor nem deu por isso. Dizem-lhe que vai ser o primeiro e colocam-no em terceiro?! Elegem-no candidato de uma candidatura que não existe?! Escondem-lhe Lisboa e mandam-no para o Porto?! Põem-no a prometer coisas numa carta e desatam a enviar fotocópias pela lista telefónica, a vivos e a mortos, indiscriminadamente, à molhada de um milhão e meio de envelopes?! Já viu a figura?!... E já viu a despesa em que o seu nome anda envolvido?!

Se eu fosse a si, desconfiava. E sobretudo não andava por aí a garantir ao País, pelo próprio punho, que «o que prometo faço»! Olhe que há ribaltas que não passam de caminhos de má fama...
P.S. — Doutor! Que ideia é essa de o PS ter «salvo o País da rotura» e feito «a recuperação do poder de compra dos portugueses»? De facto, se a gente o conhece pouco, você não nos conhece mesmo nada, ó caro concidano!



CONVIDADOS ESTRANGEIROS FALAM AO «AVANTE!»

Todos os anos participam na Festa do «Avante!» dezenas de representantes de partidos comunistas e operários e de movimentos de todas as partes do mundo, unidos, na diversidade das suas lutas e das suas realidades nacionais, no combate comum pela justiça social, pelo progresso e pela paz. Assim aconteceu mais uma vez este ano, com a presença

— uma das maiores de sempre — de quatro dezenas de delegações. E também como já vem sendo tradição, registamos nas nossas páginas as opiniões de alguns dos nossos convidados, dando assim continuidade à expressão prática de uma das mais importantes componentes da Festa: o internacionalismo.

APESAR DE INGERÊNCIAS E CALÚNIAS

A Etiópia recomeça a viver

— diz o camarada Taddesse Meskel em entrevista ao «Avante!»

Situada no chamado Corno de África, a Etiópia é um país que disfruta de uma importância estratégica geopolítica que sempre lhe valeu a cobiça do imperialismo. Com uma civilização milenária mas estagnada no tempo sob o jugo da exploração feudal quase até aos nossos dias, tornou-se alvo das atenções de todo o mundo em 1974, quando jovens militares progressistas levam a cabo com sucesso um golpe de Estado que depõe Hailé Selassié e dão início a um processo revolucionário.

De então para cá as centrais da (des)informação burguesa não mais deixaram de ter a Etiópia na mira, utilizando e explorando todos os pretextos, mesmo os mais dramáticos para o povo etíope, para desacreditar e destruir a revolução.

Quem pode esquecer as terríveis imagens da fome provocada pela seca que tão duramente flagelou a Etiópia, acompanhada dos mais vis comentários cujo objectivo claro era responsabilizar pela catástrofe o regime etíope, de opção socialista?

Do muito que se falou, pouco de facto se disse sobre a realidade complexa da Etiópia. Na Festa do «Avante!», representando o «Serto Ader», órgão do Comité Central do Partido dos Trabalhadores da Etiópia, esteve o camarada Taddesse Wolde Meskel, a quem pedimos que fizesse o ponto da situação que se vive no seu país.

Um problema antigo

Em primeiro lugar, disse, gostaria de lembrar que o problema da seca na Etiópia existe há cerca de um século, registando-se de forma cíclica, devido a razões que se prendem com questões de ordem geográfica, ecológica e populacional.

A nossa civilização começou pelo Norte, sendo aí que se regista a mais elevada concentração populacional; trata-se de uma região situada na cintura do Sahel, um deserto que tende a aumentar. O abate de árvores, a utilização intensiva da terra durante gerações, a concentração de pessoas, provocam desequilíbrios ecológicos graves. As secas são aí frequentes.

Só depois da Revolução se co-

meçaram a tomar medidas para tentar resolver este problema. Há dez anos o governo criou uma comissão encarregue de socorrer e reinstalar as pessoas afectadas pela seca; em conjunto com a população das zonas não afectadas, elaborou-se um programa de auxílio. Mas as dificuldades foram aumentando à medida que a seca se mantinha e o problema ultrapassou as capacidades dessa comissão.

Foi então que se pediu ajuda à comunidade internacional. Mas a ajuda não chegou a tempo. Entretanto as populações começaram a morrer. Eram 10 milhões de pessoas afectadas pela seca e pela fome.

Contar com o auxílio apostar no desenvolvimento

Ao contrário do que a imprensa capitalista procurou fazer crer, não foram as autoridades etíopes mas sim os aliados do imperialismo que tentaram usar o auxílio às vítimas da seca como uma arma política.

Enquanto o nosso Partido, o governo e o povo tentavam juntar as pessoas capazes de trabalhar e, deslocá-las para as terras férteis do Sul que nunca foram exploradas e onde há rios em abundância, instalando-as e dando-lhes assistência, os países capitalistas acusavam-nos de as estar a forçar ao exílio e pretendiam que as ajudas fossem canalizadas para o Norte, onde a situação de seca era agravada pela acção dos grupos separatistas que eles próprios financiam.

Foi sobretudo graças aos países socialistas, os primeiros a responder ao nosso apelo com fornecimento de bens alimentares, materiais e financeiros, bem como às organizações humanitárias de todo o mundo, que conseguimos reinstalar grande parte das populações afectadas. A ONU, que tem um observador permanente em Addis-Abeba, sabe bem que as autoridades etíopes não utilizam a assistência humanitária como uma arma política.

A nossa preocupação, para além da resposta imediata ao problema da fome, é no entanto a de criar condições para que ela não se repita. Para isso contamos com o nos-

so trabalho e com a continuação do auxílio internacional.

Recomeçar a viver

Os problemas da Etiópia estão longe de estar resolvidos, mas um intenso trabalho está a ser feito a pensar no futuro.

O Partido e o governo, diz o camarada Meskel, estabeleceram um plano para a plantação e defesa das árvores; está a desviar-se o curso de alguns rios para a irrigação de terras; constroem-se barragens; ensina-se a população a utilizar novas tecnologias; fertiliza-se a terra; exploram-se novas regiões; organiza-se o trabalho colectivo e criam-se as infra-estruturas indispensáveis. Contamos com o apoio de organizações como a FAO, a UNICEF, a ONU e tantas outras. Mas nada disto seria possível sem a confiança do povo etíope no governo e no Partido, sem a cadeia de solidariedade interna que leva as populações a ajudarem-se mutuamente.

Estamos a recomeçar a viver. Sem cedências ao imperialismo. O que é a nossa grande vitória. ■

ALEMANHA FEDERAL

A luta contra o desemprego assume um carácter vital

Os trabalhadores de há muito sabem que o progresso social e a corrida aos armamentos são incompatíveis. Esta a questão — hoje particularmente importante, face à política de crescente militarização da vida socioeconómica promovida pelo imperialismo — com que iniciámos a nossa conversa com os camaradas oeste-alemães, Thomas Friedemeyer, presidente da organização regional de Hamburgo e Jens Flegel, secretário da mesma organização.

«Debate-se no Bundestag (Parlamento) um orçamento que prevê a contracção de uma nova dívida, de 23 biliões e meio de marcos». Para quê?

«Grande parte destina-se a despesas com armamento, o que significa, simultaneamente, a eliminação de despesas sociais. Ou seja, o grande capital aposta no apoio à corrida aos armamentos, nomeadamente ao estacionamento de cada vez mais armas na RFA, aposta no apoio à administração Reagan. Para os trabalhadores isso significa, em termos sociais, menos lugares nos jardins infantis para os seus filhos, novos aumentos das rendas de casa, da electricidade, da água, degradação da assistência social na doença. E em particular, agravamento do desemprego: 2 milhões e meio de trabalhadores, ou seja mais de 10% da mão-de-obra do país, e isto segundo os números oficiais.»

Uma situação que objectivamente cria uma situação propícia ao desencadear de lutas de massas.

«E assim é. Está programada neste momento uma grande jornada de luta a culminar em 19 de Outubro com manifestações em três cidades alemãs, de que os principais objectivos são: a expressão do protesto contra o desemprego, contra os cortes nas despesas sociais, a exigência de criação de novos postos de trabalho.

«Consideramos por outro lado que estas manifestações se inserem no processo de luta contra a actual coligação no poder, tendo já em vista, nomeadamente, a campanha para as eleições de 1987. Ou seja, são greves políticas.»

Do gravíssimo problema do desemprego — comum a todo o mundo capitalista —, e das lutas operárias contra tal situação, passámos, naturalmente, para o que foi uma grande luta operária recente na RFA — a **batalha pelas 35 horas** semanais de trabalho.

«É um meio importante para combater o desemprego, abrir a possibilidade de criação de novos postos de trabalho: mas apenas um meio e não a receita única».

E os camaradas avançam a ideia que o grande progresso da automação na RFA, e a consequente criação de riqueza, torna possível uma exigência como a das 35 horas semanais, também para que os trabalhadores ganhem algo com o aumento de produtividade do seu trabalho.

As grandes lutas sindicais do ano passado, tiveram como resultado a semana de 38 horas e meia para grande parte dos trabalhadores.

«Um resultado positivo. Mas se os sindicatos tivessem mobilizado todas as suas forças teria sido possível alcançar o objectivo proposto. O problema é a classe operária não estar unida. Nesse sentido, a jornada de acção prevista para Outubro, é já um sintoma

de progresso. Nela estão presentes, ainda que com um grau de mobilização variável, todos os sindicatos que mais se empenharam na batalha pelas 35 horas.»

A luta contra o desemprego, pela criação de novos postos de trabalho, assume, nas condições concretas da RFA (como em outros países capitalistas) formas várias. Luta-se por que os novos investimentos sejam efectivamente geradores de um número significativo de postos de trabalho. Luta-se para tentar deter um processo em que racionalização significa mais e mais trabalhadores sem trabalho.

Os camaradas dizem com ironia: «**Nos Estados Unidos as pessoas perguntam-se se o único caminho que se lhes abre é serem vendidos de Mac Donald...**». Mas a questão já nem é bem essa. Se a eliminação de postos de trabalho começou

de facto pela produção, hoje atinge igualmente o sector terciário, a banca, os seguros, o funcionalismo.

Assim, a luta contra o desemprego assume um carácter cada dia mais vital, e interessa objectivamente camadas cada vez mais amplas da população.

Resultados concretos da luta? Já os há, apesar de limitados. Por exemplo, «na Volkswagen, com a obtenção das 38 horas e meia foi possível aumentar em 5 mil o número de postos de trabalho. Calcula-se que, com as 35 horas, o acréscimo de postos de trabalho seria de 10 mil».

Voltamos ao tema inicial: progresso social e corrida aos armamentos são incompatíveis. E entramos no âmago de uma outra batalha, estreitamente ligada à luta pela defesa dos interesses dos trabalhadores: a **luta pela Paz**.

Os camaradas de Hamburgo salientam simultaneamente o carácter global da luta pela paz — na medida em que os vários projectos e ramos de desenvolvimento militar, das armas no Cosmos, aos mísseis nucleares na Europa, das chamadas armas convencionais às químicas, estão interligadas, e todos se prendem à política militarista do imperialismo —, e o seu carácter unitário.



Luta pela paz e luta contra o desemprego, duas faces de uma mesma batalha em que a juventude da RFA activamente se empenha

Relembra o êxito do Apelo Treffer para referir uma recente iniciativa de trabalhadores científicos na RFA — que contou com amplo apoio, quer do DKP (comunistas), quer do SPD (apesar das suas ambiguidades) e outras organizações sociais e religiosas contra a militarização do Espaço.

À laia de conclusão destacamos uma afirmação feita ao longo da nos-

sa breve entrevista: «80% da população da RFA está contra a instalação de mísseis nucleares norte-americanos no território da RFA». Os mísseis estão a ser instalados. A luta continua. Mas o facto referido vale também por si. Como expressão do abismo entre os interesses e vontade popular e a política dos governos do capital. ■

GRÉCIA

«CEE, uma experiência catastrófica»

Uma experiência catastrófica — é esta a expressão utilizada pelo camarada George Georgiopoulos, do jornal dos comunistas gregos, «Rizospastis», quando caracteriza a situação criada nos quatro anos volvidos, desde a integração da Grécia na CEE.

«Uma experiência muito dura à qual só o Partido Comunista — no momento da decisão — se opôs, infelizmente sem termos conseguido impedir a sua concretização. E estamos certos que, neste momento, grande parte dos trabalhadores, grande parte do nosso povo, desejaria a saída do nosso país da CEE».

O camarada Georgiopoulos alinha factos, testemunho das gravosas consequências, para a grande maioria da população, da integração na CEE.

«É evidente que os problemas são inerentes ao próprio sistema capitalista, resultam da crise do sistema. Mas todos eles foram agravados com a entrada na CEE».

Surge antes do mais a dramática questão do **desemprego**, que atinge de forma crescente as massas trabalhadoras. Segundo os números oficiais, o desemprego atinge 9,4% da população activa. Mas os números oficiais deixam de fora uma grande parte de desempregados e situações ligadas ao desemprego.

Por exemplo, «não estão incluídos

os jovens à procura do primeiro emprego. Tal como não se tem em conta o grande número de pessoas que se vê forçada a fazer um trabalho que nada tem a ver com as suas habilitações; e ainda o trabalho ao domicílio, que deixa em particular muitas mulheres sem quaisquer direitos sociais ou sindicais, dependentes do pagamento à peça, segundo as regras impostas pelo patronado».

Significativamente, uma das palavras de ordem características nas manifestações de trabalhadores na Grécia é: «**O desemprego é uma prenda da CEE**».

No campo económico são muito vastas as consequências negativas da integração. A **indústria** foi profunda-

mente atingida. Dos têxteis à metalurgia, passando pela construção naval e construção civil (ramos industriais comuns aos existentes no nosso país).

«Na metalurgia, uma grande fábrica que detinha a maioria da produção, foi encerrada, a indústria automóvel praticamente liquidada. Em geral, as indústrias gregas estão hoje nas mãos dos monopólios e das multinacionais».

Na **agricultura** as consequências foram também devastadoras.

«Somos obrigados a não exportar produtos típicos do país, como fruta, laranjas em particular, tomates, azeite».

E há um caso bem significativo: o do açúcar. Anteriormente a Grécia era auto-suficiente, e ainda exportava açúcar. A situação hoje, com o encerramento de várias fábricas de açúcar e severas limitações na produção, é que o país começou a importar este produto.

«Em síntese: a agricultura grega está dependente dos objectivos de produção dos países ricos da CEE. Aliás a palavra de ordem central das grandes manifestações de agricultores no nosso país, face à constante degradação da sua situação, é — «Que-

remos preços de Atenas e não de Bruxelas».

«Uma luta muito dura». Também no que respeita à política externa. E a conversa vai inevitavelmente conduzir-nos à questão das **bases americanas** no país. «Há 42 bases militares no país, das quais as mais importantes são 5 ou 6».

Como é sabido o governo do PASOK prometeu o encerramento das bases americanas. Uma das grandes exigências populares.

Mas a verdade é que o **governo diz aos trabalhadores que as bases serão encerradas, enquanto que com os americanos o que se discute, são as condições da sua futura utilização**. E muitas manobras serão possíveis. «Podem encerrar algumas bases menos importantes, ou passar mesmo a mais importante, a de Creta, para o controlo da NATO...» E tudo continuaria na mesma.

Perspectivas? A luta. O esclarecimento das massas. Uma árdua batalha do quotidiano. Porque «se o governo se limita a usar uma linguagem socialista, as massas querem de facto uma prática política socialista». ■



A ÁFRICA DO SUL NA HORA DA VIRAGEM

«Marchamos para a liberdade»

afirma Essop Pahad

representante do «African Communist»

A situação que se vive hoje na África do Sul é irreversível. O regime racista de Pretória poderá, através dos mais diversos expedientes, conseguir retardar um pouco o processo revolucionário de libertação nacional, mas não conseguirá pará-lo. Não haverá reformas que salvem o *partheid*. O *apartheid*, como diz o nosso povo, não pode ser reformado. Tem de ser destruído!

As palavras são do camarada sul-africano Essop Pahad, representante da revista «African Communist», na Festa do «Avante!», em entrevista concedida ao nosso jornal.

Uma entrevista que começou de forma inesperada. Ao ser interrogado sobre se a luta do povo sul-africano atingiu já de facto o ponto de viragem a partir do qual não é possível fazê-la retroceder, o camarada Pahad respondeu com um longo «sim» onde era notório o espanto de que tal facto pudesse ser posto em causa.

Fizemo-nos entender. Não é a primeira vez, ao longo da História da África do Sul, que a luta de massas atinge um elevado nível de combatividade e mobilização. E no entanto houve retrocessos, as forças democráticas foram seriamente golpeadas, o regime prosseguiu a sua política de opressão e discriminação. Pelo que a questão que se coloca é: o que tem hoje de diferente este ascenso da luta popular?

O camarada Pahad não hesita ao explicar a diferença que marca de facto todo o caminho percorrido desde as grandes lutas nos anos 60 e 70 até à década que agora vivemos.

Numa breve retrospectiva, recorda os acontecimentos de Shapperville, o início da luta armada contra o regime racista e as debilidades da organização do Congresso Nacional Africano e do Partido Comunista da África do Sul.

Nessa altura, diz, grande parte da direcção do ANC e do Partido foi presa, tendo sido destruída quase toda a nossa organização clandestina. Fomos obrigados a recuar e a começar de novo. Durante alguns anos parecia estarmos sempre na defesa em relação ao inimigo, sem nunca tomarmos a iniciativa da acção.

Não foram tempos fáceis esses, em que a própria situação dos países vizinhos da África do Sul, ainda sob o colonialismo, tornava extremamente difícil o nosso trabalho a partir do exterior. Mas nunca desistimos, nem depusemos as armas.

Começar de novo

Com grande esforço reorganizámos as nossas estruturas clandestinas e iniciámos a tarefa de fazer entrar os nossos quadros no país, o que contribuiu para criar de novo uma atmosfera de resistência e elevar o moral das massas, ao mesmo tempo que o ANC recuperava a sua projecção e aceitação popular reforçadas com a saída dos presos de 60 que imediatamente voltaram ao trabalho político.

Os anos 70 ficaram marcados por um notório desenvolvimento das lutas operárias e da organização sindical.

Quando em 1976 o agudizar da crise económica leva ao levantamento do Soweto, já se faz sentir a melhoria da organização e mobilização de massas.

A brutal repressão dos racistas não fez esmorecer a luta. Milhares de jovens deixaram o país nessa altura para se juntar ao ANC, dando-lhe novo sangue e nova dinâmica. Enri-quecidos com as lições de 60 e melhor organizados, contávamos agora também com uma situação internacional mais favorável. O fim das ditaduras fascistas em Portugal, Grécia, Espanha, e a libertação das ex-colónias portuguesas tiveram na África do Sul um impacto tremendo. Os exemplos de Angola e Moçambique, sobretudo, países vizinhos que se libertaram pela luta armada, constituíram para nós um grande estímulo.

A explosão popular

A dinâmica que a luta de massas ganha, em particular a partir do ano passado, assemelha-se muito a uma explosão. Organizada? Ou vivendo em grande medida à base da espontaneidade das massas para quem todas as oportunidades são boas para manifestar a sua profunda revolta contra o *apartheid*?

Embora existam actos espontâneos, não é a espontaneidade que caracteriza a actual fase da luta — diz o camarada Pahad. Muito pelo contrário, a grande diferença em relação aos anos 60 e 70 reside na organização que confere um alto nível e uma grande amplitude às lutas.

O mesmo se pode dizer em relação à classe operária sul-africana, que nos últimos dois anos levou a cabo duas greves gerais, apesar do que significa fazer greve no nosso país. Isso não teria sido possível sem uma grande organização, um grande espírito de luta. E é bom não esquecer que na África do Sul todas as greves são políticas...

As nossas estruturas são hoje muito mais fortes do que no passado, dispomos de mais quadros e melhor formados, melhor treinados para a luta. Não temos dúvidas quanto ao espírito combativo das massas. O nosso povo está disposto a fazer o sacrifício supremo.

Uma situação nova

Demonstrando o grande passo em frente dado pelas forças progressis-

tas, em que o ANC e o Partido Comunista ocupam um papel-chave, o representante do «African Communist» recorda como têm vindo a ser cumpridas as orientações e objectivos propostos para a liquidação do regime. O clima de instabilidade criado, a par do agravamento da crise económica, levou a que pela primeira vez a África do Sul deixasse de ser a terra dos lucros fabulosos e fáceis para as multinacionais; a confiança dos investidores externos, criada pela sobreexploração do regime racista, é hoje inexistente.

O ANC, afirma o camarada Essop Pahad, lançou como palavra de ordem tornar ingovernáveis grandes zonas do país. Isso é já uma realidade, e não apenas onde vigora o estado de emergência. Em muitas regiões, não há qualquer governo, apenas ocupação militar; os que colaboravam com os racistas foram forçados a fugir.

E esta situação é irreversível. A iniciativa está agora nas nossas mãos.

O outro braço da revolução

Tornou-se impossível falar da África do Sul, da luta nacional pela libertação, sem referir o nome de Nelson Mandela. Todos exigem a sua libertação, incluindo os representantes dos monopólios, do imperialismo...

É verdade. Para o nosso povo, Nelson Mandela sempre foi um herói, mas depois de recusar negociar a sua libertação, sob condições impostas pelo regime, tornou-se num herói ainda mais respeitado e admirado, se tal é possível. Mesmo os que sempre estiveram com o regime o reconhecem. Mas quando hoje apelam à sua libertação, ou quando os representantes da indústria e do comércio pedem para falar com o ANC, visam um único objectivo: salvar o que for possível do capitalismo.

Os mais realistas já concluíram que não há futuro para o *apartheid*, e que a força-alternativa somos nós. A nossa resposta é que estamos dispostos a conversar com todos esses sectores, não para passar um cartão de sanidade ao *apartheid*, mas porque somos de facto a alternativa e cabe-nos resolver os problemas nacionais.

O imperialismo, em particular o norte-americano, não se tem poupado a esforços para encontrar uma terceira força, qualquer coisa como uma burguesia negra que permitisse, no futuro, a continuação da África do Sul como país capitalista.

Um pouco à semelhança do que se faz em Angola e Moçambique, com os seus apoios à Renamo e à Unita. Mas não o tem conseguido.

E que o não consiga de futuro, diz o camarada Pahad, depende uma vez mais da nossa força, da nossa

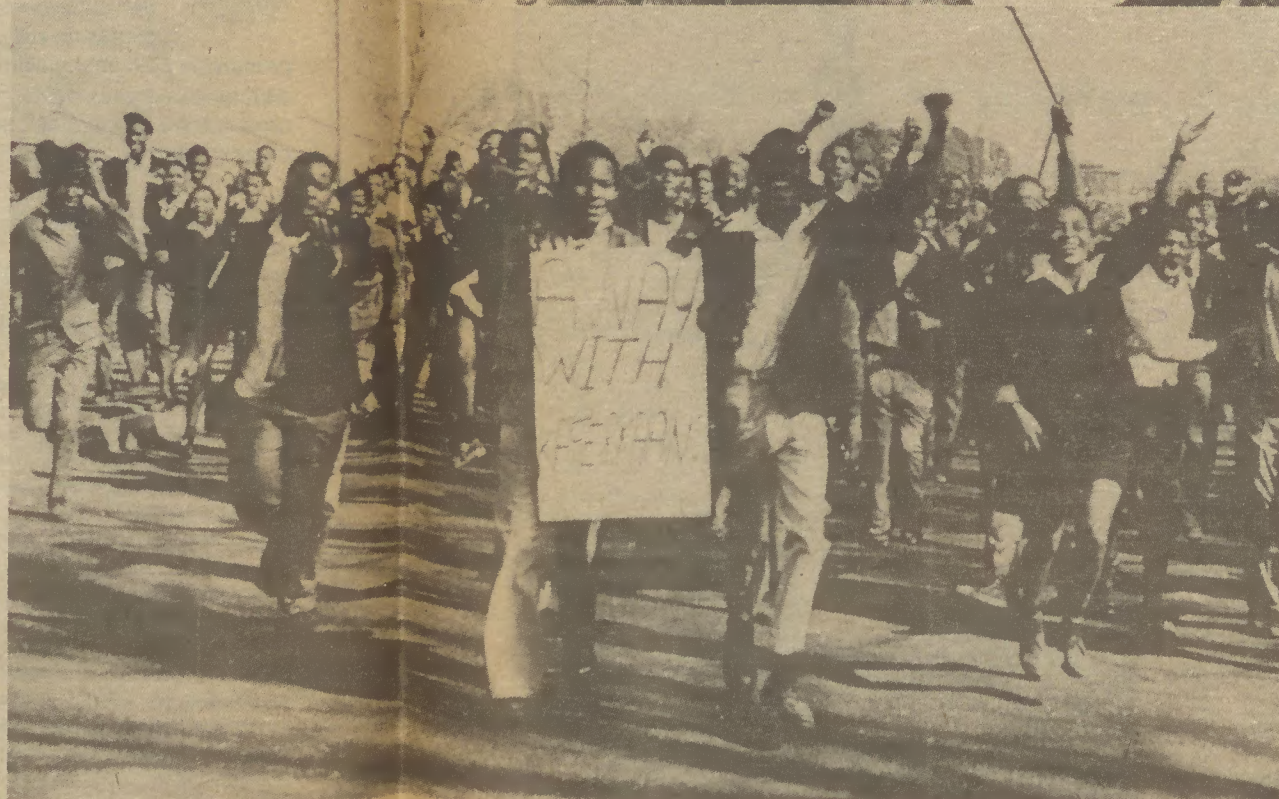
capacidade de mobilização, de mobilização de massas.

É uma luta titânica, mas estamos confiantes de que venceremos essa batalha. Temos a nível interno o apoio popular e, a nível externo, o apoio de todos os povos e países progressistas.

A solidariedade internacional tem sido para nós o outro braço da revolução. E à cabeça dessa solid-



A presença massiva da juventude nas manifestações na África do Sul são testemunho e garantia que é o futuro — sem «apartheid» — que está em causa



riedade tem estado sempre a União Soviética, que não fala da ajuda que dá à luta do nosso povo, mas sem a qual... o que seria de nós?

Contamos também com o apoio de organizações como a OUA, os Não-Alinhados, as Nações Unidas, os novos países africanos, os partidos irmãos que, como o PCP, nos dispensam uma solidariedade activa e estimulam com o seu exemplo.

O caminho não é fácil, mas estamos em marcha para a liberdade.

A confiança do camarada Essop Pahad é partilhada pelos povos de todo o mundo. Na recente conferência ministerial dos Não-Alinhados, realizada em Luanda, foi decidido marcar a Cimeira do Movimento, no próximo ano, para o Zimbábue. Como se comentou então, estava-se a ficar cada vez mais próximo da África do Sul. ■

Roland Leroy,
director de «L'Humanité»

«Estou profundamente impressionado com a vossa Festa»

«Estou profundamente impressionado com a vossa Festa» — são as primeiras palavras do camarada Rolan Leroy, membro do Bureau Político do PCF e director do «L'Humanité». Palavras que aliás iríamos ouvir mais vezes por parte de outras delegações de partidos irmãos: «A meu ver, a Festa de «L'Humanité» e a Festa do «Avante!» são Festas irmãs. E o que chama a atenção é que o mesmo factor que as torna semelhantes simultaneamente as diferencia. É que ambas são profundamente populares, expressão da realidade política nacional. E aí está a diferença, porque diferentes também são as situações que se vivem em ambos os países».

O camarada refere diferentes problemas que fazem parte da nossa realidade quotidiana e em particular «esse facto social escandaloso que é o dos trabalhadores sem salário».

Situações nacionais naturalmente diferentes mas também com aspectos semelhantes. «Em Portugal como em França os responsáveis são claros: o grande capital e as forças políticas que concretizam a sua orientação. Em Portugal isso ressalta muito bem, com a concretização de todas as combinações possíveis entre o PS e a direita, que vão sempre mantendo a mesma política.

«Nesta perspectiva senti na vossa Festa uma grande consciência da necessidade de mudança. O que assume particular significado em véspera de eleições». Da «incurião» pela Festa passámos para o que é a actual realidade francesa, dos pontos de contacto das diferenças.

«Há algumas impressionantes semelhanças entre as políticas desenvolvidas pelos governos dos nossos dois países. Este Verão o governo socialista francês tomou algumas medidas de verdadeiro desmantelamento de ramos essenciais da indústria, numa média de supressão de 5 mil postos de trabalho por semana. Foram liquidados ou fortemente atingidos ramos essenciais da indústria, e com elevada tecnologia, como o automóvel, electrónica e meios de comunicação, construção naval, construção de máquinas.

«Nalguns casos, procede-se à desmontagem de máquinas, para posteriormente serem remontadas em particular em Espanha, reimportando-se depois a produção para França. Trata-se de uma prática corrente das multinacionais». Estes os factos mais gerais no plano económico. Com uma referência obrigatória à grande batalha que se

desenvolve na Renault.

E no plano político?

«Podemos dizer que neste momento são três os objectivos da direcção do PSF nesse plano: preparar o que chamam «co-habitação» de forças no poder, naturalmente com a direita; tentar aparecer como a muralha da esquerda face à direita; um grande esforço no sentido de marginalizar o Partido Comunista Francês».

Face às dificuldades óbvias que os socialistas com uma prática claramente de direita, foi lançada «uma campanha anticomunista fantástica». Rádio, TV, participam activamente nessa campanha. O anti-sovietismo e o anticomunismo mais primários estão na ordem do dia. O conceito que domina é a concepção de Reagan, do «Império do mal».

«Agimos contra esta campanha denunciando a sua origem e os seus objectivos, mas também demonstrando que uma política que atinge os comunistas, atinge, mais tarde ou mais cedo, todos os democratas».

Em geral «estamos defrontados com uma grande batalha ideológica, uma batalha em que importa mostrar que a crise não é inevitável, que o desemprego e os aumentos de preços não são uma fatalidade. Há outra política possível — e nesse sentido avançamos as nossas propostas concretas. Mas para que tal política seja possível, colocam-se três condições: o desenvolvimento da luta popular; a unidade de todos os que se opõem à política actual; o reforço do PCF.

«A experiência mostra que a redução da influência do PCF é contrária aos interesses dos trabalhadores e do país. Por isso é necessário que os comunistas possam influir de forma significativa na vida do seu país, do seu povo. ■

URUGUAI

Derrubada a ditadura há que consolidar a democracia

O povo do Uruguai comemorou no passado dia 25 de Agosto, pela primeira vez em liberdade após doze anos de ditadura militar, o seu dia nacional. Em impressionantes manifestações de massas, os uruguaios saíram de novo à rua para afirmar que a sua luta pela consolidação da

democracia continua.

Poucos dias depois, em Lisboa, os camaradas Graciela Fernandez e Manuel Piñeiro, representantes do Partido Comunista do Uruguai à Festa do «Avante!», falavam ao nosso jornal do que foi a dura luta contra a ditadura e das novas tarefas que agora se colocam às forças progressistas do seu país.

Durante doze anos os militares torturaram, prenderam, fizeram desaparecer centenas de patriotas, levaram milhares ao exílio, sanearam milhares de funcionários públicos, encerraram sindicatos, censuraram a imprensa, tentaram por todos os meios liquidar as bases democráticas do nosso sistema de ensino, eliminaram todos os direitos, liberdades e garantias do nosso povo.

Mas não conseguiram apagar da memória popular a longa tradição democrática do Uruguai, o profundo apego das massas à justiça e à democracia. Todas as tentativas de institucionalização da ditadura se traduziram num estrondoso fracasso, como sucedeu por exemplo no referendo realizado em 1980 e depois nas eleições internas em 82.

Da ditadura à democracia burguesa

Mas a euforia popular que antecedeu as eleições nos finais do ano pas-

sado, tal como a esperança visível logo após a eleição de Sanguinetti como presidente da República, cedeu hoje lugar às mais sérias preocupações.

A braços com uma elevada dívida externa, um considerável número de desempregados (15%), com um poder de compra reduzido em mais de 50% e a sombra sinistra do FMI pairando sobre o país, o povo uruguai sabe que o futuro não será fácil.

Daí, afirmam os nossos camaradas do PCU, os esforços que os comunistas e as outras forças que integram a Frente Ampla continuam a desenvolver para conseguir uma plataforma comum que dê resposta aos problemas nacionais salvaguardando os interesses das massas populares. A unidade conseguida para liquidar a ditadura é hoje mais difícil, quando os partidos tradicionais são arrastados pela sua ape-

tência pelo poder e a defesa dos seus interesses de classe.

Na Frente Ampla estão hoje agrupadas praticamente todas as forças de esquerda, enquanto os partidos Blanco e Colorado agregam as restantes num leque muito diversificado que vai desde a direita a certos sectores de esquerda.

O diálogo, embora difícil, prossegue.

Os objectivos imediatos

Reactivar a economia, repor o poder de compra dos trabalhadores, desmantelar todo o aparelho repressivo, reintegrar os saneados, são algumas das tarefas imediatas que se colocam no Uruguai.

Sem a aprovação e aplicação de

medidas nesse sentido não poderemos falar de uma verdadeira democracia. As tentativas que têm sido feitas para afastar os representantes sindicais das conversações para a elaboração de um plano de reconstrução nacional mostram que a tarefa não vai ser fácil. Também a política económica seguida pelo presidente Sanguinetti, com as suas cedências ao FMI, mostra que não será com ele que o povo uruguai avançará no caminho do progresso e da democracia.

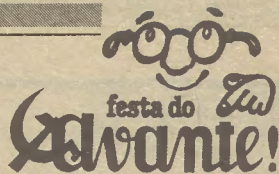
Não possuímos nenhuma bola de cristal para prever o futuro, mas sabemos que ele dependerá sobretudo de nós, da nossa luta, da mobilização das forças populares.

Na sua festa nacional, os uruguaios fizeram ouvir uma palavra de ordem que pode ser um alerta: «A causa dos povos não admite demora». ■



Uma nova fase da vida do povo do Uruguai. Hoje a exigência é uma política a favor das massas trabalhadoras: «A causa dos povos não admite nenhuma demora»

■ José Paulo Oliveira



A face desportiva da 10.ª Festa do Avante!

• Quatro apontamentos

Sobre uma Festa do «Avante!» nunca se consegue contar tudo. Um mundo de novidades e sensações, de coisas maravilhosas que se passaram, percorre a nossa memória semanas ou mesmo meses depois da Festa ter fechado as suas portas.

Pegando no exemplo (entre tantos possíveis) da **Cidade do Desporto**, o repórter de serviço foi ao bloco de notas e escolheu estes quatro apontamentos soltos (entre tantos possíveis):

Da Universíada, no Japão ao Alto da Ajuda

Cerca de 12 mil pessoas assistiram aos dois festivais internacionais de ginástica da 10.ª Festa do «Avante!» e aplaudiram com vigor um conjunto de atletas de elevada craveira, geralmente habituados a recintos e a estruturas de apoio bem diferentes do que é possível ter no Alto da Ajuda, na Cidade do Desporto. Mas nem isso, nem o calor, ou no caso de alguns membros de representação soviética, nem o facto de terem dispendido grandes esforços numa competição internacional realizada nas vésperas da Festa (estamos a falar das Universíadas-85, que tiveram lugar no Japão), foram motivos para uma «quebra» no entusiasmo e na cuidada apresentação técnica e artística dos ginastas da URSS, Checoslováquia e Polónia, que vimos na nossa Festa. E que, num quadro vivo de juventude e de amizade, também compartilhado por alguns ginastas portugueses, incluindo os de duas colectividades (**Academia Almadense** e **Unidos FC de Tortosendo**), deram um maior brilhantismo a uma Festa inesquecível neste ano de 1985.

No quadro do programa desportivo da Festa, a ginástica desportiva, acrobática e rítmica teve na Ajuda um novo exemplo do que de melhor se vai fazendo no Mundo, fruto das condições e do trabalho desportivo proporcionado em nações que estão a construir as sociedades do futuro. Ficamos à espera do programa desportivo para a Festa de 86.

Duas «coisas» que se ligam tão bem...

Juventude e Desporto são coisas que além de soarem bem ao ouvido, se ligam de forma harmoniosa. A Festa confirmou esta ideia, neste Ano Internacional da Juventude, e do recente XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

Jovens, muitos jovens de ambos os sexos, oriundos das mais diversas regiões do País, estudantes ou trabalhadores, ou «candidatos» a uma das actividades, foram presença animada, viva e constante na Cidade do Desporto do Alto da Ajuda.

Enfrentando a soviética Elena Fatalibekova, Grande Mestre Internacional (GMI) feminina, ou o jovem Rui Silva Pereira, figura prestigiada do nosso Xadrez, muitos jovens estiveram entre as dezenas de jogadores que disputaram as simultâneas da

Festa. Nas Damas não era difícil encontrar jovens entre os curiosos que seguiam atentamente o desenrolar do VII Torneio da Festa.

As equipas de futebol de salão que se defrontaram eram constituídas por jovens, rapazes e raparigas, de Lisboa, de Peniche (Leiria) e de Pinhel (Guarda).

Na malha corrida e na malha pequena, modalidades que em princípio costumam mobilizar os menos jovens, os torneios da Festa mostraram que alguns jovens têm justo e merecido interesse pelos jogos populares e tradicionais, participando com entusiasmo na sua prática e na sua divulgação, como vem sucedendo em vários concelhos do distrito de Setúbal.

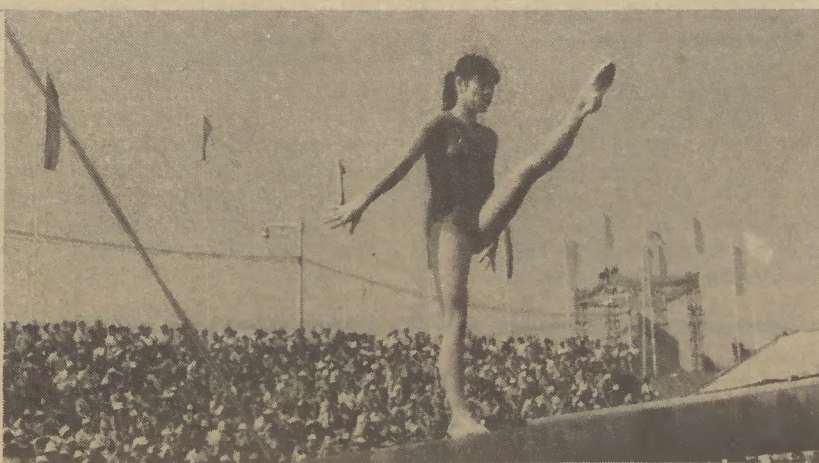
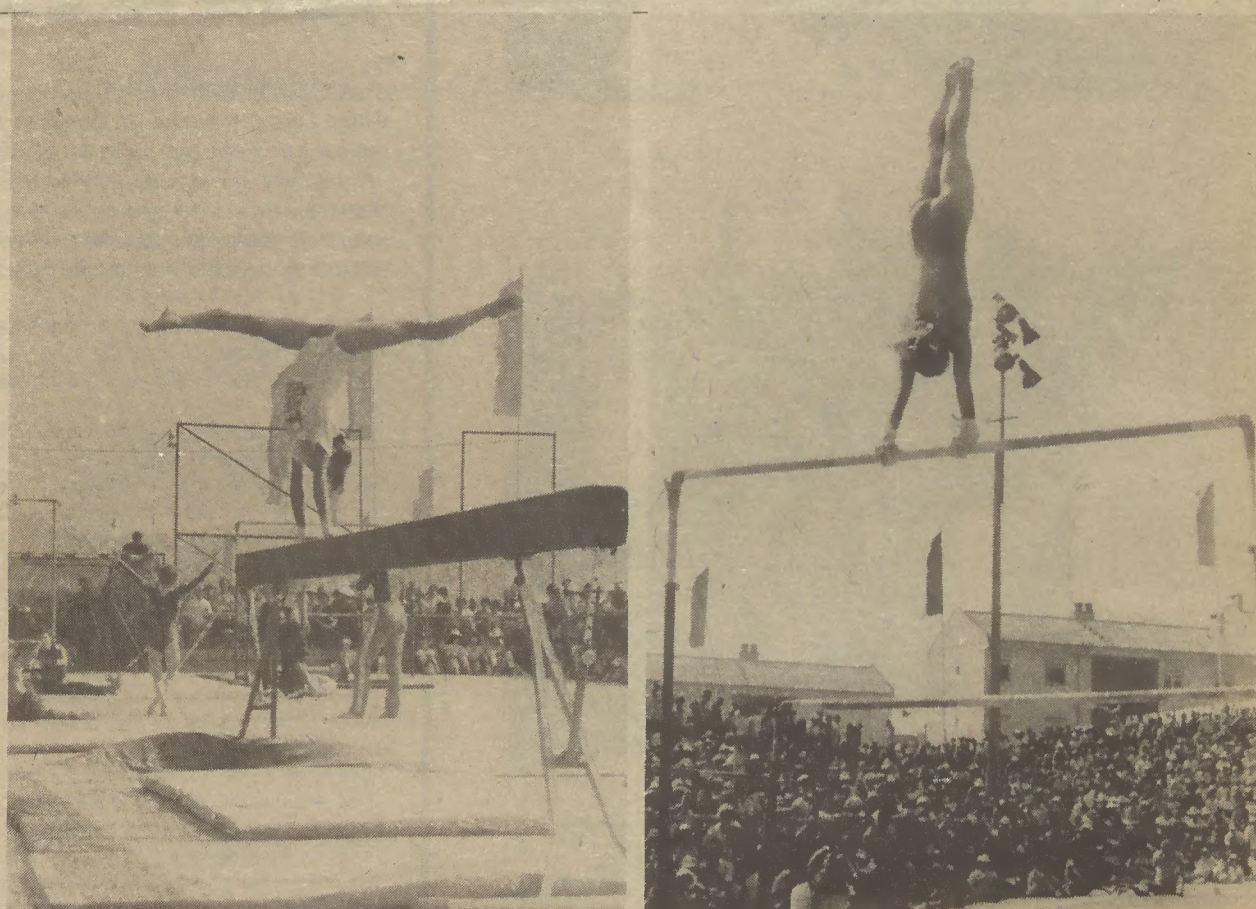
Juventude foi ainda a marca viva de todas as demonstrações desportivas realizadas no polivalente, enquadrado quase sempre por vasto público, incluindo muitos jovens.

Ver a Festa, do outro lado da rede

Olhos colados à rede, expressão atenta, olhos muito vivos, ela não perdia naquela manhã soalheira de domingo o belo espectáculo de ginástica que decorria uns metros mais abaixo, no recinto polivalente da Cidade do Desporto. Ela, uma jovem dos seus 20 anos, estava entre os muitos «mirões» que do lado de fora da Festa não perdem um pedaço da sua movimentação e da sua beleza. E como é a Cidade do Desporto que está ali à mão de semear... por ali se fica.

Não resistimos e fomos ao seu encontro. Desconfiada no início, acabou por nos falar abertamente da sua vida, dos seus projectos e aspirações, dos seus sonhos. Vítima do contrato a prazo e do salário de miséria, a jovem Sofia confessa que as coisas não lhe correm bem. A passagem da escola a uma loja de confecções, num Centro Comercial na grande cidade, não foi tão boa como a jovem Sofia tinha idealizado. Motivos de satisfação são poucos, infelizmente. Mas a vida não pára e a esperança não pode morrer. A Sofia não é jovem para desmoralizar e comenta com um sorriso tão belo como a Festa: **«Vir à Festa do «Avante!», mesmo ficando do lado de fora, ajuda a enfrentar melhor as coisas más da vida. É como se aqui viesse carregar as baterias com a alegria e com a esperança combativa que enche este convívio, e que até passa para o lado de cá da rede.»**

Ainda bem que o repórter de serviço à Cidade do Desporto tinha no bolso aquela EP do tio velhote que acabou por não ir à Ajuda...



«Damas internacionais» — as damas do futuro?

Verdadeiramente inédita na Festa do «Avante!» foi a presença das «damas internacionais» (há quem as conheça por «damas polacas»), modalidade que está a despertar um crescente interesse entre os damistas portugueses, particularmente entre os mais jovens.

Daniel Seita Machado, jovem alentejano que já venceu uma edição do Torneio de Damas («clássicas») da Festa do «Avante!», foi o grande impulsionador da presença das «damas internacionais» no grande convívio do Alto da Ajuda. Com a sua força de vontade e contando com a colaboração da Câmara Municipal de Serpa, que cedeu um tabuleiro magnético para afixação na parede e alguns tabuleiros para a disputa dos jogos, Daniel Seita Machado realizou uma simultânea e organizou o I Torneio de Damas Internacionais da Festa do «Avante!», que registou a seguinte classificação: 1.º, Daniel Machado, Serpa, 6 pontos; 2.º, Vítor Sequeira, Algués, 4 pontos; 3.º, José Simão, Al-

mada e 4.º, Fernando Greiha, Cova da Piedade, ambos com um ponto.

Como nos diria o vencedor do Torneio, o objectivo desta iniciativa foi dar um contributo para a divulgação de uma modalidade interessante, mal conhecida no nosso país, mas que no futuro, e à semelhança do que se passa já em cerca de meia centena de países (União Soviética, França, Holanda, etc.), terá certamente grande projecção entre os jogadores de damas, não só pelas características técnicas do jogo, como pelas possibilidades de intercâmbio e de contacto internacional de uma modalidade que, ao contrário das damas «clássicas», tem regras comuns para todo o Mundo.

A reportagem do «Avante!» teve oportunidade de ouvir algumas informações sobre a modalidade, numa agradável troca de impressões com **Mário Diniz Vaz**, vice-presidente da Federação Portuguesa de Damas, **Daniel Seita Machado** e **Artur Matos Marques**, professor em Almada, colaborador da nossa secção de Damas de Xadrez.

No século passado e ainda durante uma boa parcela deste século, os franceses constituíam a grande potên-

cia das damas internacionais, cuja origem histórica é alvo de polémica, pensando-se que tenham nascido na Polónia. Os holandeses foram também a pouco e pouco marcando uma presença muito forte nas competições, a par da União Soviética, hoje a força mais poderosa e onde o jogo tem grande popularidade. Como já referimos, as «damas internacionais» são jogadas actualmente em 50 países de diferentes continentes.

A sede da Federação Mundial do Jogo de Damas («internacionais») funcionam em **Amesterdão**, na Holanda. No nosso país, a partir da Federação da Damas, está em curso um esforço de aproximação à actividade internacional, pensando-se mesmo na adesão à Federação Mundial, o que exigiria a colaboração financeira da Direcção-Geral dos Desportos.

Diniz Vaz e Matos Marques recordaram na nossa conversa alguns aspectos históricos da presença das damas internacionais em Portugal. Desde um torneio disputado há 15 anos em Almada, até à passagem de holandeses por Lisboa. A revista **«Estratégia»**, nos anos trinta, publicava problemas de damas internacionais. O mesmo fez a **«Gazeta do Sul»**. Actualmente, o **«Diário do Alentejo»** tem uma secção quinzenal dedicada à modalidade, que merece também viva atenção na **Revista Enciclopédica Damista** (publicação portuguesa mensal).

Uma última palavra para referir os motivos do interesse crescente pela damas internacionais. É um jogo mais atraente, mais competitivo e em certos aspectos mais engenhoso e difícil do que as damas clássicas. Há como uma «aproximação» ao espírito do xadrez. Em vez dos 64 das «clássicas», esta modalidade é jogada num tabuleiro de 100 quadrados e em vez de se «comer» para a frente «come-se» para trás. ■

a TV

A grande paródia

A pressão da opinião pública acabou por se impor e os debates entre os partidos vieram a realizar-se, e não a dois, como queriam PS e PSD. A «estratégia da aranha» sofreu assim o primeiro revés...

Tais debates contribuíram sem dúvida para o esclarecimento dos portugueses na responsabilização do agravamento da crise e na procura de novos rumos para sair dela.

Álvaro Cunhal mostrou claramente que não merece nenhuma confiança aquele que «sacode a água do capote» e que, num festival de hipocrisia, passa pela crise como se não fosse nada com ele...

Almeida Santos e Cavaco Silva mantinham-se nessa posição. Prometiam «resolver os problemas» — mas não diziam quem tinha criado os problemas...

Uma paródia!

PS-PSD: o arroz fingido

O representante do PS, Almeida Santos, também conhecido no meio pelo «indigitado», fez-se particularmente notado pela grosseria, pela debilidade política, pela tráfalhe ideológica.

O ponto mais alto da sua ruína política aconteceu quando Álvaro Cunhal leu extratos de um acordo PCP-PS, em 1974, onde este partido se propunha defender valores que actualmente repudia. Nesse momento, a câmara focou a cara (uma delas) de Almeida Santos: inchada, balofa, os olhos mortuários como de um pugilista que tivesse ido ao tapete...

Novamente ficou sem resposta (mexia papéis, distraía-se...) quando Álvaro Cunhal provou que o PS e o PSD apenas se fingiam zangados: na prática, entendem-se, conjugam esforços, elaboram esquemas de actuação conjunta. Propõem, por exemplo, alianças para combater a APU, nas autárquicas...

Torna-se deste modo, mais evidente a palhaçada dos chefes, chefinhos e chefões de partidos. Seu único objectivo é combater os trabalhadores, atacar os seus direitos, afastá-los das áreas das decisões.

Chegam a ser grotescos. Chegam, em matéria de hipocrisia a ser pornográficos. Repare-se no drama dos salários em atraso. Diz Almeida que a sua gente tem legislação para resolver o problema, isto quando:

- a) Mário Soares declarara que os únicos culpados eram as empresas e que o governo não podia intervir;
- b) os responsáveis do PS afirmavam que o problema não se resolvia por via legislativa;
- c) o PS, enquanto podia, não mexeu uma palha para lhe pôr cobro...

Repare-se ainda no vigor, na «coragem» com que o PS ataca agora AD. Acusa-a de ter conduzido o País à beira do abismo...

Mas, se é assim, pergunta-se: onde estava o PS quando a AD se propunha arruinar o País? Quando o PCP e outras forças democráticas mobilizavam a intervenção popular, que fazia o PS? Pois bem: o PS ou deixava, nas calmas, que o CDS e o PSD queimassem Portugal, pregando que a AD tinha legitimidade para governar até ao fim (!!!), ou, inclusivamente, colaborava com ela...

Não esqueçamos nunca que Soares veio ao Telejornal tentar desmobilizar a greve geral contra o governo AD de destruição nacional.

Agora, «atacam»; mas na altura, colaboravam. Pensam eles que o povo tem a memória curta?...

Ilegalidade, passividade e cumplicidade

Sim. Os debates foram úteis para o esclarecimento da situação. Mas, à margem deles, processa-se uma actividade desinformativa como nunca se verificou na televisão.

Os dias que precederam a abertura oficial da campanha foram, nesse aspecto, de uma especial agressividade. Valeu tudo incluindo morder nas canelas e tirar olhos...

Foi-nos prometido que haveria séria vigilância nos aspectos das informações do acto eleitoral. Até hoje, porém, nos domínios da informação corrente, nada se fez. A manipulação é escandalosa.

Veja-se o Telejornal do próprio dia 15, dia da abertura da campanha: Mário Soares visita Águeda oficialmente; faz um discurso eleitoralista; telejornal reproduz esse discurso e não o contabiliza em tempo de antena!

A imoralidade salta à vista. Trata-se de um claro abuso do poder. Digamos: um abuso de confiança. Assistimos à utilização da máquina do Estado posta ao serviço da máquina partidária. Ostensivamente. Provocadoramente.

Ficar passivo é ser cúmplice.

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Campanha eleitoral: uma oportunidade de esclarecimento

Abriu a campanha eleitoral. À demagogia das promessas dos partidos da direita a APU opõe uma firme vontade de esclarecer. A imprensa que acompanha as iniciativas da APU tem sido sensível à competência, à seriedade e ao carácter dialogante com que os candidatos da coligação democrática apresentam às populações as suas propostas.

As promessas e as realidades

• «Contra a campanha eleitoralista do PS, PSD e CDS, alertamos o nosso povo para ajuizar não pelo que eles prometem, mas pelo que eles fizeram quando estiveram no governo», afirmou, ontem, no Porto, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, durante o comício de apresentação dos candidatos a deputados da APU por aquele círculo.

O dirigente comunista lembrou também que «logo que esses partidos voltarem ao governo esqueçam-se as promessas feitas na campanha e retomem as linhas fundamentais da política que têm seguido até agora...»

(«Diário de Notícias», 16. Set.)

Riqueza cultural e política

• «Fascinante, foi a expressão da minha fonte nortenha, incapaz de conter a sua admiração pela «riqueza cultural e política» da intervenção de Cunhal. Referiu-me ainda a presença no encontro de pintores como Ângelo de Sousa e Henrique Silva, do escritor Papiano Carlos, do historiador Armando Castro, do enenador Norberto Barroca, de dois grandes actores portuenses, Alexandre Falcão e Júlio Cardoso, além de dezenas de professores e quadros técnicos e jovens universitários.

No plano político destacou a exposição de Cunhal sobre a «inevitabilidade» de um governo próximo das suas teses, ou seja, um executivo «Democrático de Salvação Nacional». Recorreu, para o efeito, o líder do PCP a prolongada análise marxista para acentuar que estão criadas as condições para que seja alterado o quadro parlamentar. Aludiu, tal como no comício, mais tarde, à hipótese do «arco constitucional», envolvendo o PS, PSD e CDS, ou seja, uma coligação onde pela primeira vez não haveria oposição à direita do PS. «Seria clarificador, sublinhou Cunhal, que, em defesa ainda da sua tese de Governo de Salvação, falou da possibilidade de «pesadas derrotas» do PS e do PSD, e de «novas dinâmicas» no interior desses partidos e abrindo caminho a dirigentes ou figuras salientes capazes de outra perspectiva política.

No plano cultural causou impacto o modo fácil e eloquente usado por Álvaro Cunhal para defender o princípio de que na Arte não há modelos, escolas ou

estilos definidos. E a documentar a importância dessa liberdade de criação artística evocou exemplos históricos. Caso da pintura e dos pintores medievais e flamengos que, embora trabalhando por encomenda, quase sempre da Igreja, nunca deixaram de mostrar nas suas telas, nos seus rostos e nas suas figuras populares, que «a actividade criadora não cabe em moldes, nem tem limites...».

Depois foi o convívio numa freguesia de Valongo com os trabalhadores da CIFA, há 33 meses sem salários. Trata-se de uma empresa actualmente em poder do grupo dos Mellos e cujo dinheiro gasto em subsídios de desemprego ou desviado para outros fins daria para a sua viabilização...».

(«Diário de Lisboa», 16. Set.)

O «Vouguinha»

• «Aqui, em Aveiro, organizámos uma iniciativa especial. Alugámos um comboio, o «Vouguinha», e, no domingo, com todos os candidatos, vamos de Espinho a Sever do Vouga, parando em todas as aldeias onde houver apeadeiro, para contactos com a população. Este comboio tem uma simbologia especial porque, tal como a APU, vai percorrer todo o distrito e continua a circular, embora a CP tenha tentado acabar com ele.

DN — Quais são os principais problemas do círculo eleitoral de Aveiro?

ZS — Os mais graves são a nível social. Há quatro mil trabalhadores, de 50 empresas, com salários em atraso, há 20 mil desempregados, segundo números oficiais. Claro que vamos lutar contra isto, como aliás já antes fizemos, no Parlamento.

O segundo problema é a poluição. É preciso defender a ria de Aveiro e necessárias são, também, medidas contra a poluição urbana e industrial. Por outro lado, no Norte do distrito, no concelho da Feira, registou-se um surto de hepatite, noticiado em todos os jornais. É necessário implementar o saneamento básico e garantir água canalizada a toda a gente.

Gostava de referir, ainda, o programa de desenvolvimento agrícola do Baixo Vouga, que permitirá tornar produtivos campos hoje ao abandono. O projecto tem 30 anos, nunca foi cumprido. Penso que é prioritário torná-lo uma realidade...».

(Zita Seabra ao «Diário de Notícias», 16. Set.)

Nem um insulto nem uma má palavra

• «A APU, pela mão de Álvaro Brasileiro, meteu, ontem, «uma lança em África». Com efeito, este candidato comunista pelo distrito de Santarém esteve, pacificamente, a conversar, no mercado e na feira, com gente de Rio Maior. Nem um insulto, nem uma má palavra.

Pelos vistos, são «mais as vozes que as nozes» em Rio Maior, onde em 1975 se fabricavam as célebres «mocas», feitas com o propósito único de «bater nos comunistas», e onde, igualmente, se podia ver escrito na placa que indicava a entrada na cidade «aqui começa Portugal», gabando-se de ser fronteira inextinguível à passagem comunista para o Norte do País.

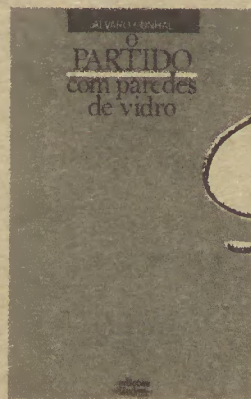
«Ainda há dois anos isto seria impossível», dizia-nos Álvaro Brasileiro.

E não foi sem uma certa tensão que o candidato da APU entrou no mercado para ali distribuir o jornal de campanha da coligação a que pertence. Veículo de propaganda, mas, mais do que isso, pretexto para uma conversa amena com a população.

«Cada um é como cada qual», dizia o candidato, estendendo o jornal. «O que é preciso é as pessoas informarem-se. Hoje vimos aqui nós, amanhã virão os outros. Sem esclarecimento é que ninguém pode saber em quem votar...»

(«Diário de Notícias», 17. Set.)

Trabalhamos lutamos vivemos com transparência



272 págs.
300\$00

De dentro para nós, comunistas, de fora para quem nos observa, propomo-nos dizer com verdade como somos, como pensamos, como actuamos, como lutamos, como vivemos, nós, os comunistas portugueses. Tudo será dito, tornando transparentes as paredes do nosso Partido, de forma a que quem está de fora possa observar o Partido como que através de paredes de vidro.

A verdadeira imagem do PCP

edições
Avante!

De poleiro

De poleiro, o Governo continua a manipular a campanha eleitoral que já abriu. Da manipulação da Comunicação Social estatizada à propaganda assente em meios que só o executivo proporciona, aí se servem os partidos da coligação defunta — mas que ainda mexe — para lançar poeira nos olhos dos eleitores. Algumas exigências são aparentemente atendidas, inaugurações fabricam-se, adiamentos de decisões anteriores protegem a imagem degradada dos governantes. Com efeito, ao mesmo tempo que se gabam ou se desculparam de toda a acção governativa, ao mesmo tempo que se mordem cá fora para eleitor ver e ouvir, reunidos no Conselho, os ministros do PS e do PSD defendem-se uns aos outros. Foi o caso — ainda a procissão ia no adro — de protelar para depois das eleições a entrada em vigor da lei das rendas, procurando impedir que o cidadão mal informado desse conta de que ia enfiar o seu voto

no saco dos que lhe metiam as mãos nos bolsos. Foi o caso, recente, do adiamento previsto para o mês corrente, dos encerramentos de matadouros. Foi o caso da ida a correr — com abundância de ministros e de secretários de Estado — para se mostrarem junto da tragédia de Alcáçache, ao mesmo tempo que se não comoviam com a estranha falta de meios para socorrer as vítimas do desastre. Vampiros de poleiro, servem-se dele para preparar novo repasto.

... Enquanto é tempo

O Governo não se serve apenas do poleiro para daí, mais facilmente, modelar a imagem favorável a apresentar às eleições. Nem estas eleições legislativas são o seu único fito. Fita mais longe. Não é por acaso que se vai esquecendo de marcar as eleições autárquicas e fala — através do indigitado Almeida Santos — na hipótese, ilegal, de virem a realizar-se depois das presidenciais.

Pontos Cardeais

Asseguraria assim que Mário Soares pudesse concorrer a Belém sem o peso de uma fresca derrota do PS nas autarquias. Por outro lado, estar no governo é poder continuar a obra de destruição económica e de desestabilização social e política. Ainda há poucos dias o Governo PS/PSD lançou sobre cooperativas da Reforma Agrária um verdadeiro assalto. Na sexta-feira passada, a UCP Salvador Joaquim do Pomar foi assaltada por 500 guardas da GNR, não contando os cavalos e cães que os acompanhavam. Num aparato de guerra civil. Se não for posto imediatamente fora dos bancos do poder — enquanto é tempo — os governantes continuarão a destruir e a mover uma

verdadeira «guerra social» aos trabalhadores. Para se «governarem», enquanto é tempo...

Apagar fogos

Enquanto alguns partidos não se atrevem a sair a terreiro, na campanha eleitoral, sem primeiro se mostrarem, devotamente, a assistir a uma missinha — caso, não único, do CDS — outros lançam-se imediatamente na fogueira da batalha eleitoral. E prometem... apagar fogos! O poeta soarista Manuel Alegre, que uma semana atrás confessava ao «Semanário» que, na sua opinião, «o resultado mais catastrófico destas eleições» seria... «ganhá-las» (!), foi a Coimbra e... prometeu. Prometer não é nada de especial para um soarista. Uma vez mais, porém, as promessas valem o que valeram as realidades de muitos anos de governos com o PS. Se Manuel Alegre prometeu um programa de combate aos incêndios que têm devastado aquela região do País, o mais que se pode prever é que, se o PS ganhasse as eleições, a catástrofe consumar-se-ia. Não são as palavras incendiárias que acabam com a política do «deixa arder».

A urna

Terceiro candidato pelo Porto, o «socialista» Almeida Santos, pessoa cuja actividade de antes do 25 de Abril foi grata ao coração dos savimbis da Unita, foi a Faro. Por ter decerto apertado as mãos a alguns correlegionários, o «indigitado» deixou a euforia subir-lhe à cabeça. E afirmou que «a minha mão foi uma urna onde os algarvios depositaram milhares de votos»... Já se sabia que ele tinha ajudado Mário Soares a abrir o punho do PS e a enfiar o socialismo na gaveta. Se Lucas Pires falou em jazigo, comentando o abandono a que o PS votou o socialismo, Almeida Santos corrigiu-o. A urna é para enterrar de vez o socialismo. E o País.

Promessas

No Algarve, Almeida Santos prometeu mundos e fundos. Na televisão, descaradamente, até chegou a prometer o Alqueva para o Alentejo. No Algarve prometeu a «ponte sobre o Guadiana», «a estrada transversal de barlavento a sotavento», a «segunda ponte de Portimão», as barragens de Odelouca e Odeleite, e — ainda!!! — «um plano de gestão de água para o Algarve». Um seu parceiro de partido não se fica, porém, atrás. O cabeça de lista PS por Viseu, também membro do Governo, prometeu nada menos de três — 3 — cadeias de televisão. Só para o distrito. Com a vocação soarista para meter na prisão os trabalhadores, fica-se a sismar se não terá sido de outras «cadeias» que o governante queria falar.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Ia o Soares já de tombo em tombo deslizando, gorducho, na valeta. A barriga soava como um bombo. E pensavam compinchas de igual treta: «Era bom arranjarmos-lhe um biombo...» Avança então na arenga ceboleira a voz de sono do doutor Almeida...

II

A escolha soarista já deu brado. O Almeida, que era pau pra toda a obra, sai de rastos do longo aprendizado, em torcidos paleios se desdobra. Sem ninguém saber como, é indigitado, nova factura de promessas cobra. Ei-lo, pelas paredes, o delfim com a deslavada popa do Tin-Tin...

III

Diz ele com um riso mau de gelo: «O que prometo, faço». E assim passa com tal descaramento, tal desvelo, tal doce mão no condimento e massa, que uma coisa é ouvi-lo, outra entendê-lo: o que diz tem o ar de uma ameaça. Se ele, chegando lá, o que diz dá, mal é, sabendo o que ele nos deu já...

IV

As palavras do Almeida têm sintaxe sim, a sintaxe da exploração. Mente, redondamente, face a face, mente... com excelente pontuação. Nele, a literatura é um disfarce no grande carnaval da confusão. Mas já todo o vernáculo lhe esquece nas ânsias de dizer yes, yes...

V

Ele canta de Soares a epopeia e tanto fingimento a voz lhe invade que de seu dono cada coisa feia transforma em oiro bom da Antiga Idade. De lixos e traições a larga teia na voz do Almeida atinge a santidade. No entanto, o Almeida sabe — e se assim berra ao outro e a si na mesma cova enterra...

VI

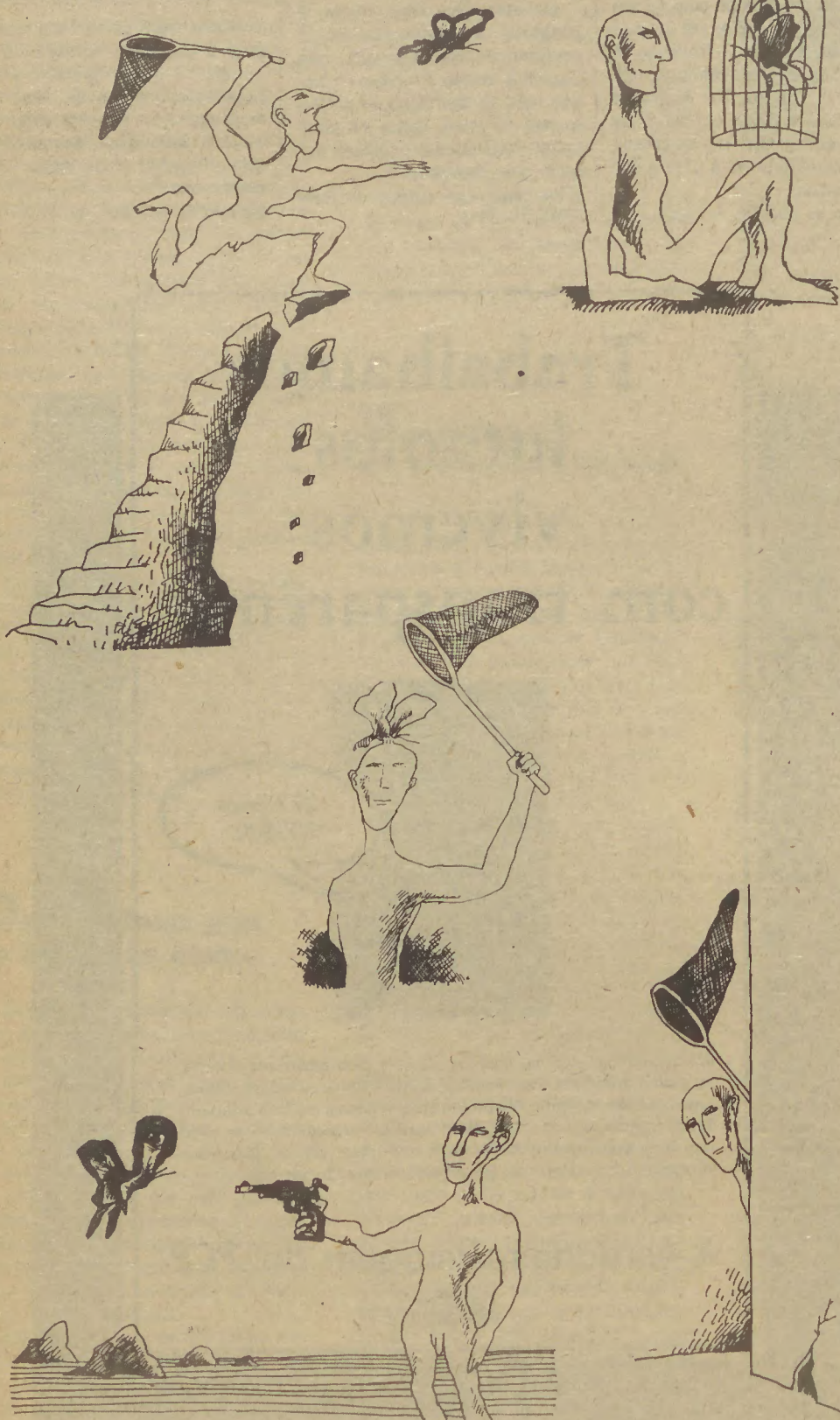
Não senhores do marketing: a gente não vai na embalagem da cantiga. No Almeida mente a capa de inocente ele habilmente joga-se na intriga ele novo não é, não é diferente, ele é do Soares um pão de briga ele é somente o desodorisanque de um mal cheiroso sovaquismo ianque...

VII

O Almeida Santos veio para engano do povo que o Soares enganara. Se na primeira cai qualquer fulano cair-se na segunda é já mais raro. A ratazana fica no seu cano e manda outra, enfim, com outra cara mas não resulta a manha de tal lesma: a cara é outra, a porcária é a mesma...

HUMOR Por NUEZ

(in Cuba Internacional)



Agenda

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 612

19 de Setembro de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Quinta 19

• LISBOA

Penha de França

Sessão de esclarecimento às 21.30 com Dias Lourenço, da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Benfica
Sessão na Escola Secundária do Bairro de S. João, às 21.30, com o candidato Anselmo Aníbal.

Mira Sintra
Sessão às 21 horas, com o candidato João Amaral.

Loures
Visita ao mercado e empresas Precix, Knorr, Covina, com a presença da candidata Odete Filipe.

Queluz
Visita ao mercado pela candidata Joaquina Silvério.

Brandos
Visita ao mercado e porta-a-porta com as candidatas Helena Basto e Alda Nogueira.

Loures
Porta-a-porta na Apelação com a presença de M. Ribeiro.

• AVEIRO

Ovar
Visita ao mercado às 10 horas com Zita Seabra. Contacto com os trabalhadores da empresa Califa, às 11 e contacto com os trabalhadores da F. Ramada (fábrica 1, em Casal), também com Zita Seabra, às 12.30 horas.

Espinho
Porta-a-porta no Bairro de Anta às 18 horas com Zita Seabra.

• VISEU

Sessão/festa em Santiago (Viseu) no Largo junto à Igreja às 21.15 horas com o Grupo Musical «Viva a Música», e com a presença do candidato e cabeça de lista Jaime Gralheiro.

Mangualde
Contactos com os trabalhadores na empresa Malhas Cila.

Tondela
Porta-a-porta na freguesia de Figueiral, Corticada. Distribuição de propaganda em Lamego, Tondela, Mortágua, Castro Daire, Penedono.

• MADEIRA

Sessão de apresentação de candidatos no Sindicato da Construção Civil, com Blaquí Teixeira.

• CASTELO BRANCO

Penamacor
Sessão em Salvador, na Escola Primária, às 20 horas.

Proença-a-Nova
Sessão em Sobreira Formosa na Escola Primária às 21 horas.

Fundão
Sessão em Santo da Casa (Fundão) na Casa do Povo, às 21 horas.

• VILA REAL

Contacto com a população na Feira de

Canedo de Jales. Contacto com os trabalhadores das Águas do Vidago.

• BEJA

Ficalho
Sessão de esclarecimento na Sociedade «1.º de Dezembro» às 20 horas com a cabeça de lista Bernardina Sebastião.

Neves, Baleizão, Quinta
Sessão de esclarecimento em Neves (Casa do Povo), às 18 horas; Baleizão (Casa do Povo), às 14 horas e Quinta (Casa do Povo), às 16 horas com a presença do candidato Belchior Pereira.

• BRAGANÇA

Vimioso
Contacto com a população e distribuição de propaganda em Caçarelhas.

• PORTALEGRE

Avia
Sessão de esclarecimento em Maralhão, no Posto Médico às 20.30 com a presença do candidato Joaquim Manuel.

Campo Maior
Colóquio sobre a CEE, em Campo Maior, na Casa do Povo, às 21 horas com a presença do candidato Joaquim Miranda e Luis Roque.

Degoladas
Sessão na Sociedade de 21 com a presença dos candidatos Maria Eugénia, António Peralta e Diamantino Dias.

Torre das Vargens
Sessão na Torre das Vargens, às 19 com José Amante e Casimiro Menezes.

Santana
Sessão em Santana, na Casa do Povo, às 21 horas com a presença de Diogo Júlio.

Reguengos
Porta-a-porta em Reguengos, com a presença de Diogo Júlio.

• BRAGA

Vila Nova de Famalicão
Sessão de esclarecimento, em Landim.

Vieira do Minho
Sessão de esclarecimento, em Campa.

Fafe
Sessão de esclarecimento, em Arnim.

Guimarães
Sessões de esclarecimento em Ínsias e em Gêmeos, ambas às 21 horas. Sessão de esclarecimento em Infantas. Sessão de esclarecimento em Souto (Santa Maria).

Braga
Sessões de esclarecimento em Mira de Tibães e em Real.

Celorico de Basto
Visita à Feira em Ferrel (Celorico de Basto) com a presença de candidatos APU.

Barcelos
Rádio Juvenil e vídeo.

Santarém
Abrantes

Durante a hora de almoço, distribuição de propaganda nas empresas em Abran-

tes com a participação dos candidatos Mário Rodrigues e João Constantino.

Coruche
As 21.00 horas no Centro Social de Erra (Coruche) sessão com o candidato Dionísio Moisés. As 21.00 horas, sessão na Escola Primária de Courelas Amoreirinha, com Armando Rodrigues.

Santarém
As 17 horas contactos com a população e carro de som na freguesia de Santa Iria com os candidatos Luísa Mesquita e José Ambrósio.

Tomar
As 16 horas, distribuição de propaganda na empresa «Matre-na» (Tomar) com o candidato António Rosa Dias.

Torres Novas
As 17 horas, distribuição de propaganda em algumas empresas com a participação dos candidatos António Canais e António Conde. Das 8 às 20 horas, rádio juvenil em Alpiarça com a participação de Álvaro Brasileiro.

• PORTO

Rio Tinto
Sessão de esclarecimento na Igreja, às 21 com o candidato Gaspar Martins. Sessão de esclarecimento na Estação, às 21 com o candidato Henrique Lemos.

Gaia
Sessão de esclarecimento na Madalena, às 21.30 com Sérgio Teixeira.

Gondomar
Sessão de esclarecimento em Branzelo, Melres (Gondomar) às 21 horas com José Alves.

«Meetings» em empresas
Meeting às 12 horas, na MDF com António Mota, na DESCO às 17 com António Mota, na «Litolusitânia», às 13 horas com Armando Teixeira da Silva, na «Lito Maia», às 18 horas, com Armando Teixeira da Silva, na Têxtil Vilela, às 13.30 com Conceição Soares, na «Sogrape», às 7.30 com Gaspar Martins, na Real Vinícola, às 12 com Gaspar Martins, na Vinhos Borges, às 18, com Gaspar Martins, na «Sitenor», às 14 com Ilda Figueiredo, na «Nacitex», às 13 com Ilda Figueiredo, na Ferreirinha, às 18, com Ilda Figueiredo, na «Jotocar», às 12, com Manuel Almeida, na «Indufer», às 18, com Manuel Almeida, na «Texmalha», às 12 com Manuel Freitas, na «Jacinto», às 13 com Manuel Freitas, na Móveis Castelo (P. Ferreira), às 12.30 com Vieira Mendes, na F. Rodrigues (P. Ferreira), às 12 com Vieira Mendes, na «Lutem» (P. Ferreira), às 13.45, com Vieira Mendes.

Porto-a-Porta
Pelas 18.30 em Sta. Marinha (Gala), com a presença da candidata Conceição Soares; pelas 18 horas, no Bairro do Sobrelho, Maia; pelas 15 horas no Bairro da Várzea,

Fânzeres; pelas 15 horas, no Bairro das Cabanas, Rio Tinto; no Bairro da Ponte, pelas 15 horas; pelas 18 horas em Carcaveiros (Matosinhos).

• GUARDA

S. Julião
Sessão de cinema na casa da Junta de Freguesia.

Gouveia
Distribuição de propaganda com carro de som, junto ao mercado.

Seia
Sessão de cinema, em Torroseto.

Foz Côa
Sessão de cinema em Touça.

• FARO

Visita de Carlos Brito, da Comissão Política do Comité Central do PCP à empresa Torres Brito (Corticeira) e do candidato L. Belles, pelas 10 horas.

Faro
Mini-comício em Faro pelas 12 horas junto às Oficinas da Auto Alto Roses e da Baptista Russo.

Loulé
Mini-comício na Nave Barão, pelas 19 horas em Loulé, com a presença do candidato João Guerra; sessão de esclarecimento na Escola da Pena (Loulé) pelas 21 horas com a presença de João Guerra.

Olhão
Sessão de esclarecimento no Largo da Feira (Olhão) pelas 21 horas com a presença da candidata Isabel Elias.

Lagoa
Sessão de esclarecimento na Bela Vista, Lagoa, pelas 21 horas com a presença de Marcolino Jorge e Luis Catarino.

Setúbal
Visita de candidatos à «Setenave», «Mague», «Renault» e «Movauto» em Setúbal; Passagem de filmes no Largo da Misericórdia, Setúbal, pelas 21 horas.

• SETÚBAL

Torre da Marinha
Comício de Octávio Pato da Comissão Política do CC do PCP na Torre da Marinha às 21 horas.

Moita
Domingos Abrantes da Comissão Política do CC do PCP visita o concelho da Moita.

Almada
José Vitoriano da Comissão Política do CC do PCP visita o concelho de Almada.

Seixal
Visita ao distrito do Seixal, dos candidatos com a presença de Octávio Pato, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Foros da Casa Nova
Sessão de esclarecimento nos Foros da Casa Nova, pelas 21 horas, com Luísa Araújo, membro do Secretariado do Comité Central do PCP e Ferreira Costa.

Barreiro
Iniciativa com os reformados na Casa da Cultura da Migalga

(Barreiro) pelas 16 horas; Sessão na Penha (Barreiro), pelas 21.30 horas; Sessão de esclarecimento no Bairro 4 (Barreiro), Primeiro de Maio, pelas 21.30 horas.

Grândola
Sessão de esclarecimento nas Ameiras (Grândola) pelas 21 horas com a presença da candidata Odete Santos; Sessão de esclarecimento em Azinheira de Barros (Grândola), pelas 21 horas.

Moita
Visita de candidatos pelo distrito da Moita; Rádio Móvel (Vídeo) durante o dia na Baixa da Banheira e à noite na Moita; Sessão de esclarecimento no Gaio (Moita) com a presença do candidato Brito Apolónia, pelas 21 horas.

Santiago do Cacém
Visita de candidatos pelo concelho de Santiago do Cacém; Sessão de esclarecimento nas Relvas (Santiago do Cacém) com a presença do candidato Modesto Pereira; Sessão de esclarecimento na Cruz João Mendes (Santiago do Cacém) com a presença do candidato Eduardo Maximino.

Foros da Casa Nova
Sessão de esclarecimento nos Foros da Casa Nova, com a presença do candidato Rogério Brito.

Sesimbra
Visita de candidatos ao concelho de Sesimbra; Sessão de esclarecimento na Aldeia do Meco (Sesimbra), pelas 21 horas com a presença da candidata Conceição Moraes.

Setúbal
Visita de candidatos à «Setenave», «Mague», «Renault» e «Movauto» em Setúbal; Passagem de filmes no Largo da Misericórdia, Setúbal, pelas 21 horas.

Santa Justa
Sessão de esclarecimento no Centro Social pelas 21 horas, com a presença de Raimundo Cabral, da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Coruche
Sessões de esclarecimento em Foros Lagoiços pelas 21 horas na Colectividade com a presença de Vítor Fernandes e em Feixe na Escola Primária pelas 21 horas com Dionísio Moisés.

Rio Maior
Sessão na Marmeleira na Casa do Povo pelas 21 horas com António Lode; distribuição de propaganda em Rio Maior, às 17.30 horas.

Santarém
Sessão na Portela das Padeiras pelas 21.30 horas na Sociedade Cruz Cristo Futebol Clube com José Ambrósio; sessão no Salão da Junta, às 21.30 horas com Eugénio Pisco; sessão na Romeira na Colectividade pelas 21.30 horas com António Canais.

Vila Nova de Ourém
Sessão em Vila Nova de Ourém nos Bombeiros pelas 21.30 horas com Sérgio Ribeiro.

Tomar
Sessão em Curvela na Escola pelas

21 horas com António Rosa Dias.

• FARO
Visita à Feira com Carlos Brito e F. Amaro, J. Paulino e Luís Catarino.

Poço Barreto
Sessão às 21 horas com José Vitoriano e José Leal.

Portimão
Sessão na Sociedade Recreativa da Figueira (Portimão) com Carlos Brito e Marcolino Jorge.

Silves
Visita à Feira Anual de S. Bartolomeu de Messines com Margarida Tengarrinha.

Olhão
Sessão de esclarecimento na Fuzeta às 21 horas com Cândido Mariano, José Cruz e Isabel Elias.

Loulé
Sessão em Boli-queime às 21 horas na Casa do Povo com João Guerra.

Lagoa
Sessão na Sociedade de Estômbar às 21 horas com Fernando Almaro.

Lagos
Sessão na Escola de Bensafim às 21 horas com Joaquim Paulino.

Sessão na Sociedade de Montenegro
às 21.30 horas com Lúcio Beles e António Mendonça.

• BRAGA
Sessão em Nogueiró às 21 horas na Escola Primária; sessão em Ferreiros, na Sede da Junta de Freguesia às 21 horas; sessão em Adufe, na Sede da Junta de Freguesia pelas 21 horas.

Guimarães
Sessão em Sande S. Martinho na Escola Primária pelas 21 horas; sessão em Tabuadelo na Escola Primária pelas 21 horas; sessão em Vizela na escola primária pelas 21 horas; sessão em S. Faustino na Escola Primária pelas 21 horas; distribuição de documentos e contactos com a população na Feira de Guimarães.

Cabeceiras de Basto
Sessão-festa em Arco de Baulhe na Escola Primária pelas 21 horas.

Vila Nova de Barcelos
Sessão de esclarecimento nos Bombeiros pelas 21.30 horas com Dias Lourenço e António Rosa Dias.

Santa Justa
Sessão de esclarecimento no Centro Social pelas 21 horas, com a presença de Raimundo Cabral, da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Coruche
Sessões de esclarecimento em Foros Lagoiços pelas 21 horas na Colectividade com a presença de Vítor Fernandes e em Feixe na Escola Primária pelas 21 horas com Dionísio Moisés.

Rio Maior
Sessão na Marmeleira na Casa do Povo pelas 21 horas com António Lode; distribuição de propaganda em Rio Maior, às 17.30 horas.

Santarém
Sessão na Portela das Padeiras pelas 21.30 horas na Sociedade Cruz Cristo Futebol Clube com José Ambrósio; sessão no Salão da Junta, às 21.30 horas com Eugénio Pisco; sessão na Romeira na Colectividade pelas 21.30 horas com António Canais.

Vila Nova de Ourém
Sessão em Vila Nova de Ourém nos Bombeiros pelas 21.30 horas com Sérgio Ribeiro.

Tomar
Sessão em Curvela na Escola pelas

21 horas com António Rosa Dias.

• FARO
Visita à Feira com Carlos Brito e F. Amaro, J. Paulino e Luís Catarino.

Poço Barreto
Sessão às 21 horas com José Vitoriano e José Leal.

Portimão
Sessão na Sociedade Recreativa da Figueira (Portimão) com Carlos Brito e Marcolino Jorge.

Silves
Visita à Feira Anual de S. Bartolomeu de Messines com Margarida Tengarrinha.

Olhão
Sessão de esclarecimento na Fuzeta às 21 horas com Cândido Mariano, José Cruz e Isabel Elias.

Loulé
Sessão em Boli-queime às 21 horas na Casa do Povo com João Guerra.

Lagoa
Sessão na Sociedade de Estômbar às 21 horas com Fernando Almaro.

Lagos
Sessão na Escola de Bensafim às 21 horas com Joaquim Paulino.

Sessão na Sociedade de Montenegro
às 21.30 horas com Lúcio Beles e António Mendonça.

• BRAGA
Sessão em Nogueiró às 21 horas na Escola Primária; sessão em Ferreiros, na Sede da Junta de Freguesia às 21 horas; sessão em Adufe, na Sede da Junta de Freguesia pelas 21 horas.

Guimarães
Sessão em Sande S. Martinho na Escola Primária pelas 21 horas; sessão em Tabuadelo na Escola Primária pelas 21 horas; sessão em Vizela na escola primária pelas 21 horas; sessão em S. Faustino na Escola Primária pelas 21 horas; distribuição de documentos e contactos com a população na Feira de Guimarães.

Cabeceiras de Basto
Sessão-festa em Arco de Baulhe na Escola Primária pelas 21 horas.

Vila Nova de Barcelos
Sessão de esclarecimento nos Bombeiros pelas 21.30 horas com Dias Lourenço e António Rosa Dias.

Santa Justa
Sessão de esclarecimento no Centro Social pelas 21 horas, com a presença de Raimundo Cabral, da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Coruche
Sessões de esclarecimento em Foros Lagoiços pelas 21 horas na Colectividade com a presença de Vítor Fernandes e em Feixe na Escola Primária pelas 21 horas com Dionísio Moisés.

Rio Maior
Sessão na Marmeleira na Casa do Povo pelas 21 horas com António Lode; distribuição de propaganda em Rio Maior, às 17.30 horas.

Santarém
Sessão na Portela das Padeiras pelas 21.30 horas na Sociedade Cruz Cristo Futebol Clube com José Ambrósio; sessão no Salão da Junta, às 21.30 horas com Eugénio Pisco; sessão na Romeira na Colectividade pelas 21.30 horas com António Canais.

Vila Nova de Ourém
Sessão em Vila Nova de Ourém nos Bombeiros pelas 21.30 horas com Sérgio Ribeiro.

Tomar
Sessão em Curvela na Escola pelas

21 horas com António Rosa Dias.

• LISBOA
Rio de Mouro

Comício com José Casanova às 21.00 horas, à Praceta da Rua Vasco da Gama.

Amadora
Comício com Octávio Pato na Reboreira, na Praça Felix Correia, pelas 21 horas.

Lisboa
Contactos com a população no Cais do Sodré das 14 às 19 horas com João Silva; sessão na Ajuda, no Armadorese pelas 21.30 horas, com Jorge Lemos; sessão na Freguesia de Santo Condestável, na Verbo pelas 21.30 horas com Carlos Carvalhas.

Estoril
Sessão às 21 horas com Aurélio Santos.

Cruz Quebrada
Sessão no SIMEQ pelas 21.30 horas com João Amaral.

Torres Vedras
Sessão de esclarecimento em Vila Seca pelas 21 horas com Manuel Fernandes; sessão em Outeiro da Cabeça pelas 21 horas, com Anselmo Aníbal.

Alenquer
Sessão em Mercena (Alenquer) no Paiol pelas 21 horas com Manuel Pedro.

Loures
Comício em Santo António dos Cavaleiros (Loures) pelas 21.30 horas com Severiano Falcão e José Brás.

Sintra
Contactos com a população em S. Pedro de Sintra durante

No CDRC pelas

Tempo de Antena RTP

Dia 21, (Sábado)

às 20.40

Dia 23, (Segunda-feira)

às 20.30

Rádio Renascença

Dia 19, às 20.45

Dia 20, às 05.30

Dia 22, às 20.30

Dia 23, às 05.30

Dia 24, às 20.30

Antena 1 e Rádio Comercial

Dia 20, às 18.45

Dia 22, às 15.45

Dia 24, às 18.30

lo; visita às fábricas de M.P. Roldão, Ricardo Galo, Dâmaso, Tomé Feteira, das 9 horas da manhã às 21 horas (Marinha Grande-Leiria).

Caldas da Rainha
Distribuição de propaganda e contacto das populações das 9.30 às 17 horas com António Orcinha.

• CASTELO BRANCO

Alpedrinha
Sessão de esclarecimento no Clube pelas 21.30 horas com José Soeiro e Ana Rita.

\$. Miguel
Sessão na Casa do Povo pelas 21.30 horas com José Paulo Gascão.

Carvalhal
Sessão na Escola pelas 21.30 horas com José Corseiro.

Lanhoso
Sessão na Escola pelas 21.30 horas com Teles André e Luís Garra.

Aldela Souto
Sessão na escola pelas 21.30 horas com a presença de Fausto e João Prata.

Barcelos
Sessão em Pousa pelas 21 horas; sessão em S. Veríssimo às 21 horas.

Terras do Bouro
Sessão em Valdozendo pelas 21 horas.

Famalicão
Sessão de esclarecimento em Pedome na Escola Boa Vista pelas 21 horas.

Vila Verde
Rádio-Video pelas 9 horas da manhã.

• LEIRIA

Marinha Grande
Sessão-festa de apresentação de candidatos e espectácu-

todo o dia com Joaquina Silvério e Alda Nogueira.

Amadora
Visita ao mercado e contacto com a população no Bairro da Mina com Helena Bastos.

Lisboa
Visita e contacto com a população no mercado do Forno do Tijolo e do Bairro da Liberdade com Fernanda Lapa e Joaquim Labaredas.

• VISEU
Sessão-festa em Vildemoinhos (Viseu) no largo frente ao café pelas 21.15 horas com Jaime Gralheiro.

Mangualde
Sessão de esclarecimento em Espinho pelas 21.15 horas com Carlos Fraião e Tereza Cruz.

Tondela
Sessão-festa em Canas de Santa Maria na escola pelas 21.15 horas com Manuel Florindo.

Sessões de esclarecimento
— Castro Daire nos Bombeiros Voluntários pelas 21.15 horas; em Sande (Lamego) na Casa do Povo pelas 21.15 horas e em Folgosa (Armamar) na Associação Cultural pelas 21.15 horas.

• AVEIRO
Arouca
Visita e contacto com as populações na Feira pelas 9.30 horas com Zita Seabra.

Ovar
Espectáculo em Ovar pelas 21.30 horas com Zita Seabra.

Espinho
Espectáculo em Espinho pelas 23 horas com Zita Seabra.

• BEJA
Aljustrel

Sessão de esclarecimento em Ervide (Aljustrel) na Casa do Povo pelas 21.00 horas com Bernardina Sebastião.

TV o Programa

Quinta
19
RTP1

12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos, «As Aventuras de Marco Polo»
18.35 — Notícias
18.50 — Desporto
19.20 — A Mulher no Mundo, «Irlanda», 5.º ep.
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Bol. Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral
21.00 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — Triangular



23.00 — A Bela Otero, último ep.
00.00 — Último Jornal.

RTP2

19.30 — Desenhos Animados: «Recruta Bailey»
20.00 — Conheça Melhor
20.30 — Munch, Pintor da Angústia, 1.º programa
21.40 — Da... Música, homenagem a J. Brahms
22.30 — Jornal da Noite.

Sexta
20
RTP1

12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia», 98.º ep.
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.30 — Notícias
18.45 — Documentário da URTI
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral para a Assembleia da República-85
21.00 — Telenovela: «Louco Amor», 56.º ep.
21.45 — Sérgio Godinho no Coliseu
23.00 — Aniversário do Nascimento de Aquilino Ribeiro
00.00 — Último Jornal.

RTP2

19.30 — Desenhos Animados: «A Formiga Fenómeno»
20.00 — Recordações
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite.

Sábado
21
RTP1

13.00 — Tempo dos Mais Novos: «A Arca de Noé» e «Circofé»
14.00 — Série: «Os Três Duques»
15.00 — Revista de Touros
15.30 — Desafio à Aventura
16.30 — Feira de Santarém
17.30 — Programa da Direcção de Informação; Um Planeta para Amar
18.30 — 1.º Programa
19.45 — Totoloto
20.00 — Telejornal
20.30 — Campanha Eleitoral para a Assembleia da República-85



21.15 — O Bem-Amado
22.30 — XIV Festival Ibero-Americano da Canção-OTI. Transmissão directa de Sevilha
01.15 — Último Jornal.

RTP2

18.30 — Troféu
20.00 — Animação: «As pesadas tarefas domésticas»
20.30 — Filmoteca TV
21.30 — Terra Mãe, 2.º ep.


Domingo
RTP1

10.30 — 70 vezes 7
11.00 — Missa
12.00 — Tempo dos Mais Novos: «Era uma vez o espaço» e «O Cão Vagabundo»
13.05 — TV Rural
13.40 — Fórmula J
15.30 — Sessão da Tarde: «A Senda dos Elefantes», Real. William Dieterle (EUA/1954)
17.15 — I Concurso Eurovisão de Bailado
18.35 — No Mundo dos Fraggles, 15.º ep.
19.00 — Top Disco



20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral para a Assembleia da República-85
21.00 — Era Uma Vez Um Músico... «Rachmaninoff», Real. Roger Hanin
21.30 — O Grande Senhor, 5.º ep.
22.30 — Domingo Desportivo
23.30 — Último Jornal.

RTP2

18.45 — Novos Horizontes
19.15 — Nós... Por Cá
20.00 — Adágio
20.30 — Canal Livre: «Sintre e o Romantismo»
21.30 — Cine-Clube: «O Carteiro», Real. Robert Bresson (França/1959).


Segunda
RTP1

12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
18.00 — Tempo dos Mais Novos: «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
18.35 — Notícias
18.50 — Desportivamente
19.20 — O Mundo da Ciência
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Campanha Eleitoral Para a Assembleia da República-85



21.00 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — O Povo e a Música
22.45 — Opinião Pública
23.25 — Último Jornal.

RTP2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — O Povo e a Música
20.30 — Teatro para Sempre: «O Príncipe de Homburgo»
23.00 — Jornal da Noite.

Terça
RTP1

12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Telenovela: «Vila Faia», últ. episódio
18.00 — Tempo dos Mais Novos: Bell e Sebastião
18.35 — Notícias
18.50 — Século XX «O Mundo em Guerra», 21.º Ep.
19.45 — Boletim Meteorológico para a Agricultura
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral Para a Assembleia da República-85
21.00 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — O Corpo Humano, 20.º Ep.
22.15 — Actual
23.15 — Série: «Tudo em Família», 70.º Ep.
23.45 — Último Jornal.

RTP2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Videopolis, 6.º Ep.
20.30 — O Mundo em Guerra, «Portugal 1939/45»
21.00 — Sessão das Nove, «No Reino de Nápoles» Real. Werner Schröter (1978/Itália)
22.40 — Jornal da Noite.

Quarta
RTP1

12.00 — Notícias
12.05 — 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Fim de Século, 1.º Ep.
15.52 — Campeonato Mundial de Futebol — Fase de apuramento «Checoslováquia-Portugal»
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Trânsito
19.20 — Telemundo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.30 — Campanha Eleitoral Para a Assembleia da República-85
21.00 — Vamos Jogar no Totobola
21.15 — Telenovela: «Louco Amor»
21.45 — Noite de Cinema: «O Vigilante», Real. Francis Ford Coppola (1974/EUA)
23.40 — Último Jornal.

RTP2

17.57 — Campeonato Mundial de Futebol — Fase de apuramento «Suécia-RFA»
19.45 — Desenhos Animados: «As Misteriosas Cidades do Ouro»
20.00 — A Arte e as Coisas, 8.º Ep.
20.30 — O Mundo em Extinção
21.30 — Itinerários Artísticos: «De Verona a Bolonha», 7.º Ep.
22.30 — Jornal da Noite.



sença de candidatos; distribuição de documentos e contacto com a população na Feira de Cantanhede com os candidatos pelo distrito.

Distribuição de propaganda à porta das empresas:

— EDP (Lousã) pelas 17 horas; Estaleiros Municipais da Lousã; CIMPOR (Figueira da Foz) pelas 12.30 horas com António Rodrigues e António Menano; Francisco Martins (Coimbra) às 12 horas; LUMEL (Coimbra), às 13 horas; Auto-Sueca (Coimbra) às 13.30 horas.

Porta-a-porta no bairro Celas (Coimbra) pelas 19 horas e no Bairro Santa Comba (Oliveira), pelas 19 horas.

Sábado
BEJA

Castro Verde
Sessões de esclarecimento nas escolas primárias de Rolão (15.30), Guerreiro (17 h), Beringelinho (20 h).
Cuba
Sessão de esclarecimento na escola primária de Albergaria, às 19 h.

Ferreira do Alentejo
Sessões de esclarecimento nas Casas do Povo de Odivelas (15 h), Alfândega (18 h) e Pero Grande (21 h).
Mértola
Sessões de esclarecimento nas escolas primárias de Corte Pequena (18 h), Vale do Açor (19 h), Aldeia do Campo (20 h) e na Casa do Povo de Alcaria Ruiva (21 h).

Odemira
Sessões de esclarecimento em diversas localidades do concelho e espectáculo com José Viana em São Teotónio, na Casa do Povo, às 21 h. Espectáculo em Vila Nova de milfontes, às 21 h, na Casa do Povo.
Serpa
Sessões de esclarecimento no cinema de Plas, às 17 horas, e no Centro Cultural de Vale do Vargo, às 20 h.

Aljustrel
Distribuição de propaganda anunciando a visita dos candidatos da APU no dia seguinte. Entretanto, os candidatos pelo distrito de Beja visitam neste dia os concelhos de Barrancos, Castro Verde e Odemira.
Ourique
Porta-a-porta e distribuição de propaganda.

Vidigueira
Porta-a-porta e angariação de fundos.
Moura
Rádio e vídeo APU, das 8 às 20 h.

Almodôvar
Sessão de esclarecimento seguida de animação cultural em Santa Clara, no Centro Cultural, às 21 h.

Alvito
Sessão de esclarecimento, na Casa do Povo de Vila Nova da Baronia, às 19 h.
Barrancos
Espectáculo às 21 h na Casa do Povo.

Beja
Provas de ciclismo e atletismo, durante todo o dia. Colóquio sobre desporto, às

21.30, na Casa da Cultura de Beja.

LEIRIA

Peniche
Festa-comício na Associação, às 21 h, com o camarada Orcinha.

Marinha Grande
Porta-a-porta a partir das 8 horas.

Bombarral
Comício-festa, pelas 21 horas com a participação de Joaquim Gomes, da Comissão Política do CC.

Peniche
Sessão de apresentação dos candidatos seguida de espectáculo com a participação de vários artistas da região.

FARO

Olhão
Comício-festa, às 21.30. Intervenção de Carlos Brito, da Comissão Política do CC do PCP; actuação de Maria Guinot.

Silves
Porta-a-porta, em Silves, a partir das 9.30 com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP.

Odeceixe
Comício, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Odeceixe (Aljezur), às 16 horas.

LISBOA

Vila Franca de Xira
Segundo Festival de Folclore, às 16 horas, no Largo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, integrado na campanha da APU, com intervenção de Octávio Pato, da Comissão Política do CC do PCP.

Lisboa
Sessão-comício, na Voz do Operário, com Abolm Inglês, Rogério Paulo e o coronel Vicente da Silva, às 15 horas; às 10 horas, no mesmo local inauguração de uma exposição fotográfica sobre o 40.º aniversário do II Guerra Mundial; 10.30 — Início de torneios de xadrez, damas, dominó e sueca; 12.30 — almoço-conívio; 17.30 — sessão de variedades com diversos artistas convidados.

Canças
Jantar-conívio, às 21.30, com Severiano Falcão e Maria Amélia.

Fanhões
Porta-a-porta, durante todo o dia.

Alverca
Espectáculo, às 21 com Fernando Tordo.

Linda-a-Velha
Espectáculo, às 21.30 com Sexteto de Jazz de Lisboa.

Sobral
Espectáculo, às 21 com Luís Basto e João Fernando.

Odivelas
Espectáculo, às 19 com Paulo de Carvalho.

Viseu
Sessões nas seguintes localidades: 21.15 horas, Trevões (S. João da Pesqueira). Sala da Junta de Freguesia. Presença do candidato Manuel Pereira.

to e João Fernando.

Lisboa
Sessão, às 16, na Associação para Deficientes, com António Gonçalves e Alda Nogueira.

Cascais
Convívio, com sardinhada, às 15 em Malveira da Serra, com Manuel Pedro.

S. Domingos de Rana
Sessão, às 21.30 em Maticheleiros, com Manuel Pedro.

Lisboa
Sessão, às 21, no Casalense (Casal Ventoso), com João Amaral.

Lisboa
Porta-a-porta, a partir das 9.30 na freguesia de S. Isabel com Anselmo Aníbal.

Lisboa
Porta-a-porta, a partir das 9.30 h em Campolide.

Loures
Visita ao mercado e Centro Comercial da Portela durante todo o dia, com Odeite Filipe.

Avelas
Visita ao mercado durante todo o dia com Joaquina Silvério.

Amadora
Visita ao mercado dos Salgados, Pão de Açúcar; e porta-a-porta na Venda Nova com Helena Bastos.

Lisboa
Visita, durante a manhã, à Feira da Lada, com Fernanda Lapa.

Loures
Porta-a-porta, a partir das 9.30 com M. Ribeiro e José Brás.

Loures
Contacto com a população a partir das 10 na Póvoa de S. Adrião com Severiano Falcão.

Sacavém
Porta-a-porta, a partir das 9.30.

Canças
Jantar-conívio, às 21.30, com Severiano Falcão e Maria Amélia.

Fanhões
Porta-a-porta, durante todo o dia.

Alverca
Espectáculo, às 21 com Fernando Tordo.

Linda-a-Velha
Espectáculo, às 21.30 com Sexteto de Jazz de Lisboa.

Sobral
Espectáculo, às 21 com Luís Basto e João Fernando.

Odivelas
Espectáculo, às 19 com Paulo de Carvalho.

21.15 horas, Vouzela, no jardim, actuação dos grupos «Viva a Música» e «GUDBAI», presença dos candidatos Jaime Gralheiro e Alexandrino Matos.

BRAGA

Vila Nova de Famalicão (Joane), festa c/ Jorge Lomba.

Vila Nova de Famalicão (Carreira), Escola do Monte, sessão.

Barcelos (Barcelinhos), festa às 21 horas.

Guimarães (Ponte S. João), Escola da Ponte, sessão, às 21 horas.

Guimarães (Gandarela), Escola Primária, sessão, às 21 horas.

Guimarães (S. Torcato), Casa do Povo, sessão/festa, às 21 horas.

Guimarães (Serzedelo), Escola da Eirinha, sessão às 21 horas.

Guimarães (Guardizela), Escola Primária, sessão às 21 horas.

Celorico de Basto (Codeços), Escola Primária, sessão, às 21 h.

Vieira do Minho (Salamonde), Escola Primária, sessão/festa às 21 horas.

Fafe (Silvares), Escola Primária, sessão às 16 horas.

Esposende (Esposende), festa às 21 horas.

Braga (cidade), festa da juventude, com Rádio Macau, às 21 horas.

Vila Verde (Pico), distribuição de documentos às 9 horas.

Guimarães, rádio-Ídolo às 9 horas.

Braga, jantar PMCI's, às 20 horas.

Coimbra
Visita, a partir das 9 à feira de Pereira do Campo (Montemor-o-Velho) com Jaime Serra.

S. Margarida
Sessão de esclarecimento, às 21.30 com Jaime Serra.

Santarém
Porta-a-porta Em Rossio ao Sul do Tejo, Alvega, Vila Moreira, Fazendas de Almeirim, Marianos, Foros de Chamusca, Ulme, Citouto, Vale de Cavalos, Arripiado, Santana do Mato, Arzevadinha, Montinho dos Pegos, Foros de Coruche, Arroquelas (Rio Maior), Salvaterra de Magos, Minde e Riachos.

Fajarda Norte, às 18 h, com Dionísio Moisés; no Centro Social da Azerveira, às 18 h; na Casa de Melhoramentos de Arroquelas (Rio Maior), às 21 h, com Vítor Fernandes; na Casa do Povo de Glória do Ribatejo, às 21.30, com Dias Lourenço, da Comissão Política do CC do PCP; na escola de Arneiro das Milharças, às 21 h, com Eugénio Plasco e José Ambrósio; na Sociedade Recreativa de Azóia de Baixo, às 21 h, com Purificação Caravala; na colectividade de Mocarria, às 21 h; no Centro Social da Póvoa da Isenta, às 21 h, com Luísa Mesquita; na colectividade de Carregueiros, às 21.30, com Sérgio Ribeiro; na Sociedade Filarmónica de Mela Via, às 21 h, com Mário Rodrigues, na Casa do Povo de Riachos, às 21 h, com Álvaro Brasileiro; na colectividade da Charneca da Peralva, às 21.30 h, com Rosa Dias; no Montepio da Chamusca, às 21 h, com Sérgio Carrinho e José Melão.

Cartaxo
Apresentação de candidatos às eleições autárquicas, na escola primária de Vale da Pinta, às 21 h. Distribuição de propaganda no mercado do Cartaxo, às 9 h, com Luísa Mesquita.

Torres Novas
Espectáculo no cinema Virgínia, às 17 h, com Rão Kyao.

Abrantes
Porta-a-porta a partir das 10 horas, em Alvega (Abrantes) com Raimundo Cabral, da Comissão Política do CC do PCP.

S. Margarida
Sessão de esclarecimento, às 21.30 horas com Raimundo Cabral da Comissão Política do CC do PCP, em Santa Margarida.

Porto
Porta-a-porta na zona ribeirinha de Santa Marinha, às 10 horas, com Carlos Costa, da Comissão Política do CC do PCP. Comício no Jardim do Morro, em Gaia, às 21.30, com Ângelo Veloso, da Comissão Política do CC do PCP.

Porto
Intervenção de Carlos Costa, da Comissão Política do CC do PCP, na Festa da Juventude, em Arcos de Miragala, às 17 horas.

Gondomar
Comício com Carlos Costa, da Comissão Política do CC do PCP, na Escola Preparatória de Rio Tinto, em Gondomar.

Matosinhos
Comício com Ângelo Veloso, da Comissão Política do CC do PCP, no mercado de S. Mamede, em Matosinhos, às 15 horas.

S. Vitor
7.ª Festa da Unidade, em S. Vitor, Porto, às 21 horas, com

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

POVO UNIDO

Cinema

A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A O Clube	★★	—	—	—	—
B Dune	★	★★	★★	★★	—
C Identificação de Uma Mulher	—	★★★★★	★★★★★	★★★★★	—
D O Jogo do Falcão	★★	—	★★	—	—
E Moscovo Não Acredita em Lágrimas	—	★★	★	★★	—
F A Ocasão da Rosa	★★	—	★★	★★	—
G Reacção em Cadeia	★★	—	★★★	—	★★★
H A Rosa Púrpura do Cairo	★★★★	—	★★★★★	—	—
I Starman-O Homem das Estrelas	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★	★★★★
J A Testemunha	★★★	★★★	★★	★★	—

A — Real. John Hughes — Quarteto/4 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30) — S. Jorge/3 (14.30, 16.45, 19.15, 21.15) — Lisboa; Stop (18.45, 21.45) — Porto.
 B — Real. David Lynch — Alfa (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Borna (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Tivoli (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) Lisboa; Foco (19.00, 21.45) — Porto.
 C — Real. Michelangelo Antonioni — Estúdio 444 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa;
 D — Real. John Schlesinger — Condes (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Hollywood (14.00, 16.00, 19.00, 21.30, 24.00) Las Vegas/2 (14.00, 16.30, 19.00, 21.45, 24.00) — Lisboa.
 E — Real. Vladimir Menshov — Quinteto/3 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30, 23.30) — Lisboa;
 F — Real. Salvatore Piscielli — Quarteto/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30, 23.30) — Lisboa;
 G — Real. Mike Nichols — Cine 222 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) Lisboa; Cinestúdio Girassolium (15.00, 18.00, 21.30) — Coimbra; Casino (18.15, 21.45) — Estoril.
 H — Real. Woody Allen — Las Vegas/1 (14.00, 16.15, 18.45, 21.30, 24.00) Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — S. Jorge/2 (15.00, 17.00, 19.00, 21.30) — Lisboa; Trindade (18.00, 21.45) — Porto.
 I — Real. John Carpenter — Ávila (14.45, 17.00, 19.10, 21.45, 23.45) — Lisboa; Bebê (18.45, 21.45) — Porto; Miramar (15.15, 18.15, 21.45, 24.00) — Cascais.
 J — Real. Peter Weir — Alfa/3 (13.45, 16.15, 18.45, 21.30, 24.00) — Apolo 70 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa; Tivoli (14.00, 17.45, 21.15) — Coimbra; S. João (18.45, 21.45) — Stop/2 (19.00, 21.30) — Porto.

Classificação de
★ a ★★★★★

Exposições

Arqueologia Industrial. «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom./10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Colecção Calouste Gulbenkian. Expositas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação «Reservas da Colecção».

Colecção de pintura e escultura. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

Exposição de desenhos de Pasolini, no CAM.

Protótipo, colectiva de banda desenhada no «B'Arte», Rua de Boaventura, 16. Até 16/9.

«Um Rosto para Fernando Pessoa» — o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Salão de Colagem, Tapeçaria, Gravura e Objectos. Sociedade Nacional de Belas Artes, Rua Barata Salgueiro, 36, todos os dias das 14.00 às 20.00.

Vestir 1955-85. A

moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, Lumiar.

A cor e o desenho no Brasil (colectiva de 20 artistas) na Galeria de Exposições Temporárias, piso 1 da Fundação Gulbenkian. Quartas e sábados das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17. Encerra às segundas e feriados.

Clarabóias do Porto, de Fernando Aroso, na Casa do Infante (à Ribeira), todos os dias das 9.30 às 12.30 e das 14 às 17. PORTO.

Arte para as Férias. 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO.

Encontro com a Arte, colectiva de escultura, pintura, desenho, colagem e gravura, com Eduardo Nascimento, Helena Matia, José Mourão, Joaquim Lourenço, Isabel Pena, Marina e Mill, Abílio Febrá e Victor Pi, Na Quinta de S. Miguel (Quinta do Tivoli), sáb e dom/a partir das 15.00. Até 29/9. AMADORA.

Arquitectura e Escultura Góticas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA.

1.ª Bienal Nacional de Escultura ao Ar Livre. Até 29/9 nos jardins do Museu Municipal António Duarte. CALDAS DA RAINHA.

Eduardo Constantino, grés e porcelana, na Casa da Cultura das Caldas da Rainha.

De 7 a 29/9. CALDAS DA RAINHA.

Colectiva de pintura. De 3.ª a Dom./15 às 19, em A Galeria — R. Nova de Alfaro, Belém. CASCAIS.

Fernando Sobral, escultura, na Galeria Astolfi, Birre Centro, diariamente, excepto às 3.ª das 16.30 às 21. CASCAIS.

Colectiva de artes plásticas a favor dos artistas moçambicanos na casa TAIT, Rua de Entre Quintas, 219. De terça a quinta das 10 às 12.30 e das 14.30 às 17. Sexta e sábado das 10 às 12.30 e das 14.30 às 18. Encerra aos domingos e segundas. CASCAIS.

Exposição Nacional de Artes Plásticas de Pequeno Formato. Galeria da Junta do Turismo da Costa do Estoril nas Arcadas do Parque. ESTORIL.

Brinquedos americanos fabricados entre 1870 e 1955, no Museu da Cidade. Até ao fim do mês. ÉVORA.

Homenagem a Gil do Monte (Felicio José Passaro) — exposição bibliográfica no Museu. ÉVORA.

Colecção de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guima, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUIMARÃES.

Edith Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE.



Cipriano Dourado

Vida e Cultura Popular no Concelho de Santiago do Cacém, exposição organizada pela Câmara e patente no Museu Municipal até 21/9. SANTIAGO DO CACÉM.

Agos Jorbel, pintura, na Pousada de S. Filipe, diariamente das 10 às 22. Até 27/9. SETÚBAL.

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito. SETÚBAL.

Cidália de Brito, pintura. Restaurante Encoberto, Trav. de Santa Catarina, n.º 11. Todos os dias das 12 às 23.00. Até 13/9. SETÚBAL.

Fernanda Birrento, desenho e pintura, na Galeria Central, Praça do Bocage. SETÚBAL.

Rembrandt de Bocage, desenhos de Júlio Pomar, na Casa



Oliveiras Dias.
Maia
 Comício no Bairro do Sobrelho, em Maia, às 21 horas, com Henrique Lemos. Matosinhos
 Festa para a Juventude, na Cruz de Pau, Matosinhos, às 21.30, com Carlos Duarte. Porto

Festa no Bairro das Campinas, às 15 horas, com Oliveira Dias. Santo Tirso

Comício-festa em Trofa, às 21 horas, com Armando Teixeira da Silva e comício-festa nas Aves, à mesma hora, com Manuel Freitas.

Sessões de esclarecimento
 Na escola da Azinha, em Campo, Valongo; na escola do Barreiro, Alfena, Valongo, com Sérgio Teixeira; em Pé da Moura, Lomba, Gondomar, com José Alves — todas às 21.30 h; em St.ª Eulália, Lousada, com Manuel Almeida; em Lustosa, Pousada, com Maria José Ribeiro — ambas às 21 horas.

Porta-a-porta
 Em Vilar do Paraíso, Gaia, com Ilda Figueiredo, às 9 horas; às 10 horas, no Bairro do Cedro; às 15 horas, na Escarpa da Serra e à mesma hora em Santana, Leça do Balio; às 17.30, na Biquinha e Sedim, Matosinhos, com António Mota.

Meetings
 As 9 horas, no Pão de Açúcar de Gaia, com Gaspar Martins; à mesma hora na Feira de Rio Tinto, com Virgínia Moura; às 17 horas, na Feira de Melres, com Manuel Freitas; às 9 horas na Feira da Bela Vista, com Sérgio Teixeira.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com Carlos Ramalhes, na sala dos reformados, freguesia da Moita.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Bensafim e outras localidades próximas.

Monchique
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita
 Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita

Agenda

Beja
 Porta-a-porta, durante todo o dia, nas freguesias da cidade. Mértola

Ourique
 Visita de candidatos ao concelho com caravana automóvel e minicomicio. Vidigueira

Continuação do porta-a-porta e angariação de fundos, durante todo o dia. Almodôvar

Sessão cultural, na Casa da Junta de Santa Cruz, às 18 h. Castro Verde

Sessões de esclarecimento nos largos públicos de Monte Serro (10 h.), Neves (11 h.) e Figueira (15.30 horas); nas Escolas Primárias de Corvos (12 h.), Lombador (13 h.) e nas sociedades de Sete (17.30 h.) e Santa Bárbara (19.30 h.). Cuba

Sessão de esclarecimento no jardim público de Vila Ruiva às 19 h. Ferreira do Alentejo

Sessões de esclarecimento na Casa do Povo de Canhestros (15 h.) e na Escola Primária de Santa Margarida (18 h.). Sessão Cultural, às 16 h. na Casa do Povo de Ferreira do Alentejo. Moura

Espectáculo na Casa do Povo de Amareleja, às 21 h. Discoteca APU na Casa do Povo de Saffra, às 21 h. Odemira

Sessões de esclarecimento, às 20 h. nas Escolas Primárias das seguintes localidades: V. Ferro, Monte Estrada e Ribeira Salto. Serpa

Sessão de esclarecimento dedicada às mulheres, na Casa do Povo, às 15 horas. Faro

Comício-festa, às 21 h., com intervenção de Carlos Brito, da Comissão Política do CC do PCP; actuação de Maria Guinot. Lagos

Porta-a-porta, a partir das 15 horas, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Bensafim e outras localidades próximas. Monchique

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Sessão de esclarecimento, com José Vitoriano, da Comissão Política do CC do PCP, em Casais (Monchique), às 21 horas.

Moita

missão Política do CC do PCP, na Festa da Unidade, em S. Vitor, Porto, às 17 horas. As 18 h., inauguração do Centro de Trabalho Campo

Sessão de esclarecimento, às 15 horas, na Escola Preparatória de Balsemas, em Campo, Valongo, com José Alves.

SANTARÉM
Porta-a-porta
 Paul, Mouriscas, Raposa, Almeirim, Vale de Cavalos, Pinheiro Grande, Carregueira, Semideiro, Gaviãozinho, Couço, Branca, Frazão, Golegã, Brogueira, Torres Novas, Muge, Bugalhos e Louriceira.

Sessões de esclarecimento
 Na Escola Primária de Vila Moreira, às 15 h., com António Conde; no Centro Social de Foros de Charneca, às 18 h., com Álvaro Brasileiro; no Centro Social de Porto Alto, às 21 h., com Sílvia Frazão; no Centro Social de Rebocho, às 18 h.; no Centro Social de Azervadinha, às 18 h.; com Dionísio Moisés; no Centro Social do Montinho Pegos, às 18 h.; na colectividade do Casal da Charneca, às 16 h., com Eugénio Plisco; na colectividade de Atalaia, às 18 h., com Eugénio Plisco; na Escola Primária de Alvideira, às 21.30, com Rosa Dias; na colectividade de Vale Venteiro, às 16 h., com Rosa Dias; no Centro General Humberto Delgado, da Brogueira, às 17 h., com Sérgio Ribeiro; na escola de Limeiras, às 16 h., com Rui Ferreira; na Casa do Povo de Muge, às 21.30, com Álvaro Brasileiro.

Cartaxo
 Caravana ciclista, às 8 h., no percurso Cartaxo-Vila Chã-Cartaxo. Valada

Almoço APU, no Parque das Merendas, às 13 h. Ferreira do Zêzere

Convívio APU, às 10 h. Asselceira

Piquenique APU, às 10 h. Santarém

Caravanas para distribuição de propaganda da APU, às 10 h. S. Vicente do Paul

Sessão com Dias Lourenço, da Comissão Política do CC do PCP, às 18 h. Pombalinho

Sessão de esclarecimento na Casa do Povo, com Dias Lourenço, da Comissão Política do CC do PCP, às 20 h. Tomar

Caravana automóvel, às 17 h. Cartaxo

Caravana automóvel de propaganda da APU, a partir das 8 horas, no Cartaxo.

SETÚBAL
Reboredo
 Encontro com mulheres, às 16 horas, em Reboredo (Setúbal) com Luísa Araújo.

Grândola
 Almoço-convívio promovido pela Comissão Sindical dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Grândola, às 13 horas, com Carlos Ramalhes.

LISBOA
 Carcavelos

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

Sessão-espectáculo

lo, às 16 com Teresa Paula Brito. Azambuja

Espectáculo, às 21 com Luísa Basto e João Fernando. Montelavar

Espectáculo, às 21 na colectividade com José Viana. Lisboa

Visita, durante a manhã, ao mercado do Relógio, com Fernanda Lapa e José Labaredas. Pontinha

Porta-a-porta, a partir das 9.30. Loures

Porta-a-porta, das 15 às 18 horas. Sta. Iria da Azóia

Porta-a-porta, a partir das 9 com Severiano Falcão. S. Julião do Tojal

Porta-a-porta, das 15 às 18 horas. Lousa

Porta-a-porta, das 9.30 às 13 horas. Penedo

Sessão, às 17 com Maria Vilar. Alenquer

Sessão, às 21, na Urda com Gorjão Duarte. Torres Vedras

Porta-a-porta, a partir das 10 em Dois Portos. Lisboa

Porta-a-porta, com Manuel Fernandes. Contactos, a partir das 9 no revalido da Torre de Belém, com Jerónimo de Sousa.

Almoço, na Casa do Alentejo, com Joaquina Rodrigues. Cadaval

Almoço, com Jorge Lemos. Cascais

Sessão, às 21 com Octávio Teixeira. Alenquer

Sessão, às 21 com Manuel Lopes. Cacém

Porta-a-porta, a partir das 9 horas. Queluz

Porta-a-porta, a partir das 9 horas.

COIMBRA
Penacova
 Durante a manhã, caravana para contactos com a população deslocando-se para Lervão, Figueira de Lervão, Sazes, com o camarada Jaime Serra.

GUARDA
Gouveia
 Sessões de esclarecimento em Mangualde e Aldeias. Em Moimenta, baile.

Guarda
 Sessões de esclarecimento em Valmeias e Pandias. Mantelgas

Distribuição de documentos no mercado. Seia

Rádio Juvenil em Louriga. Pinhel

Sessão de esclarecimento seguida de espectáculo com Teresa Paula Brito. Almeida

Distribuição de propaganda pelas freguesias com carros de som. Celorico

Sessão de esclarecimento na vila com a participação de Jorge Matos do CC, seguida de uma projecção de filme. Gouveia

Sessão de esclarecimento em Vila Nova de Tazem e em Cativelos e porta a porta com caravana em Gouveia. Guarda

Caravana com som em Gonçalo; sessão de cinema em Famalicão e sessão de esclarecimento em Vela.

Mantelgas
 Sessão de esclarecimento com projecção de filme de Sameiro. Pinhel

Distribuição de propaganda com caravana pelo concelho com a participação de Mário Canotilho e sessão de esclarecimento em Soro Pires.

16.00 horas, Cinfões, no Jardim Serpa Pinto. Actuação do grupo musical «Viva a Música». Presença do candidato Carlos Fraião.

15.00 horas, Mangualde, no largo do Tribunal. Actuação do cantor Carlos Alberto Moniz.

Utilidades & variedades

A Terra dilata-se por pulsações

A história da evolução da Terra regista uma série de repetições periódicas de fenómenos geológicos o que há muito tempo vem a despertar a atenção dos investigadores. Neste campo é de salientar, por exemplo, as investigações do geofísico britânico John Joly que em 1925 introduziu na ciência a noção dos ciclos térmicos de evolução do planeta, ciclos onde as fases de aquecimento alternam com as de arrefecimento.

Também o geólogo soviético Andrei Arkhanguelski escreveu na mesma época: «A evolução da crosta terrestre caracteriza-se pela alternância das épocas durante as quais sofre uma contracção fabulosa ou uma dilatação não menos significativa: as contracções exercem uma grande influência na formação das cadeias montanhosas e as dilatações na formação de depressões.»

Sabe-se que outros fenómenos cíclicos se manifestam à escala planetária: a invasão dos continentes pelos oceanos e o recuo sensível das águas, e a intensificação e a atenuação de actividades vulcânicas.

Qualquer fenómeno deste género dificilmente se explica a partir dos conceitos de invariabilidade absoluta do diâmetro e do volume da Terra ao longo de toda a sua existência. A sua interpretação torna-se no entanto perfeitamente lógica se se admitir que o diâmetro do planeta teve variações periódicas, va-

riações que se registaram ao mesmo tempo que as pulsações da sua massa.

A ideia da variação da dimensão da Terra não passa, neste momento, de uma hipótese. Mas é, no entanto, impossível não ter em conta a coerência dos conceitos que esta hipótese apresenta para explicar os fenómenos capitais mas ainda não explicados da história geológica da Terra.

Os geólogos têm também conhecimento de certas rochas, de formação muito antiga, que se encontram próximo da superfície terrestre mas cujas características parecem indicar que foram formadas sob pressões que hoje se observam só a profundidades de 30 e 50 km. Como puderam essas massas rochosas vir à superfície?

Admitindo que há 3,5 mil milhões de anos (calcula-se que a idade da Terra é de cerca de 4,6 mil milhões de anos) o raio da Terra era um terço ou metade do que é hoje, deve concluir-se que

Segundo os paleontologistas, há cerca de 380 milhões de anos, um ano terrestre durava 400 dias. Porque razão passou a ter 365?

a força da gravidade era nitidamente superior.

A pressão necessária para a formação dessas rochas registava-se então a uma profundidade de cerca de 10 km podendo nessa altura, com uma crosta terrestre jovem, as rochas terem facilmente subido à superfície.

A hipótese da dilatação progressiva da Terra está totalmente de acordo com as numerosas provas da diminuição da gravida-

de na passagem de um período geológico para outro. É também possível explicar a razão porque há 380 milhões de anos o ano contava 400 dias em vez de 365. Se o raio do planeta aumentou entre 5 e 10 por cento, a densidade média da matéria terrestre diminuiu e a Terra gira em volta do seu eixo mais lentamente.

Quais são então as causas da dilatação e das flutuações do volume da Terra? Não é possível

por enquanto responder com precisão a esta pergunta. Está no entanto estabelecido que uma grande diversidade de fenómenos que se registam nas entra-nhas efervescentes da Terra têm tendência para fazer diminuir a densidade da matéria do planeta que traz, como consequência, o aumento do seu tamanho. Quanto às pulsações, elas devem-se muito provavelmente a uma produção irregular de calor no interior da Terra e ao facto da sua propagação rumo à superfície se fazer sob a forma de «vagas de calor». As pulsações periódicas do planeta far-se-iam então a par com a sua dilatação progressiva.

Satélite a reboque da Lua

No mecanismo celeste existe um caso particular do movimento de três corpos submetidos a uma atracção mútua. Quando estão colocados numa mesma linha ou formam entre si um triângulo equilátero pode acontecer que se movam em perfeita sincronia como se estivessem ligados por uma estrutura rígida. Os pontos onde se encontram então esses corpos chamam-se pontos de libração.

Supondo que os três corpos em questão são a Terra, o seu satélite natural e um aparelho cósmico lançado da Terra para a Lua seguindo uma trajectória rectilínea, o engenho poderá ficar colocado no primeiro ponto de libração, situado a 58 mil kms antes da Lua ou no segundo ponto de libração (que fica nesta trajectória) mas a 65 mil kms para lá desse planeta. Tendo atingido um outro ponto, o aparelho cósmico pode deslocar-se ao mesmo tempo que a Lua e a Terra mantendo uma posição fixa em relação a esses dois planetas.

Tal aparelho pode prestar múltiplos serviços como, por exemplo, assegurar as rádio-comunicações sobre toda a Terra e entre este planeta e a face oculta da Lua, explorar o Sol e outros astros, a matéria interplanetária e as radiações cósmicas. No entanto, a sua utilização só seria possível na condição desse engenho se manter, durante um longo período, no ponto de libração.

Supunha-se, até agora, que isso só seria possível com o auxílio de naves transportadoras que implicam gastos enormes de combustível, limitando, à partida, a exploração das potencialidades científicas de tal estação cósmica. Mas um outro processo, bastante mais económico, foi encontrado por especialistas soviéticos.

Trata-se de prender esse aparelho espacial à Lua por um

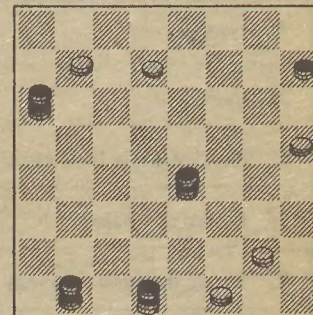
cabo. Segundo os cálculos apresentados pelos investigadores — que demonstram que a ideia não é tão fantástica como pode pare-

cer à primeira vista e merece ser estudada em profundidade — uma estação espacial com uma massa de 2500 toneladas pode ser presa a um planeta por um cabo com um comprimento que vai até 100 mil km e uma secção apenas de 0,3 mm². Este cabo pode ser fabricado com materiais extra-duros modernos como filamentos de boro, de quartzo ou vidro especial e a sua massa não constituiria mais do que uma infinita fracção da estação espacial.



Damas

XVIII — 19 de Setembro de 1985
PROPOSIÇÃO N.º 18
Por Henrique da Cunha
«A Estratégia» n.º 3, 31.III.1933
Pr. (3)-(4)-(14)-25



Br. 2-5-17-(24)-27-28
JOGAM AS BRANAS E GANHAM
...O...
JOGO N.º 18
Lisboa, 11 de Junho de 1968
Br. J. Moura Jacinto
Pr. H. Medalha da Silva

1. 10-14, 23-19; 2. 14-23, 28-19; 3. 5-10, 32-38; 4. 12-16, 28-23; 5. 1-5, 21-17; 6. 7-12, 26-21; 7. 12-15, 19-12; 8. 8-15, 23-19; 9. 15-20, 24-15; 10. 11-20, 27-23; 11. 20-27, 30-23; 12. 6-11, 22-18; 13. 3-7, 18-14; 14. 11-18, 21-14; 15. 2-6, 25-21; 16. 7-12, 21-18; 17. 6-11, 14-7; 18. 4-11, 17-13; 19. 10-17, 19-14; 20. 11-15, 14-11; 21. 15-20, 23-19; 22. 20-23, 11-6; 23. 5-10, 6-3; 24. 10-13, 18-14; 25. 13-18, 3-6; 26. 17-21, 14-10; 27. 18-22, 10-5; 28. 21-26, 5-1; 29. 26-30, 31-28; 30. 23-32, 6-17; 31. 32-14, 1-26; 32. 30-21, 17-8 G. Pr.

...O...
GOLPE N.º 18
Porto, 29 de Março de 1936
Br. Manuel Pinto da Silva
Br. José Vaz Ribeiro

1. 12-15, 21-18; 2. 10-14, 25-21; 3. 5-10, 23-20; 4. 1-5, 28-23; 5. 7-12, 20-16; 6. 3-7, 32-28; 7. 9-13, 18-9; 8. 14-19, 23-14; 9. 11-25, 22-18; 10. 10-13, 18-14; 11. 13-18, 26-21; 12. 15-19, 24-20; 13. 19-22II, 30-26??, perdente!... e as Br. fazem Dama e ganham!

XVI (5.IX.85): A.E.I. 16-20, 28-1 (Se: 28-5; 2-9 e 9-2...+); 20-23 e 2-5 e 5-2 G.

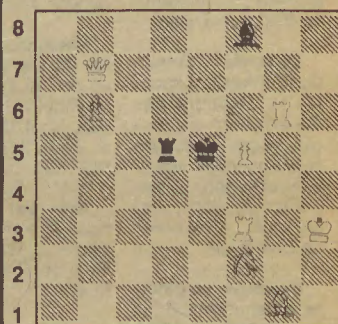
GOLPE 14. ... 26-22; 15. 17-26, 15-12; 16. 8-15, 19-12; 17. 6-15, 12-7; 18. 4-11, 22-19; 19. 15-22, 24-6; 20. 2-11, 27-21 G. Pr.1

XVII (13.IX.85): A. M. Coelho 6-11 e 7-11 e 18-2; Se 25-24; 27-30 + Se 25-31; 2-9, 28-24 (Se 28-23; 20-27...+); 20-23 e 23-27 + GOLPE 10. 9-13, 17-10; 11. 6-13, 21-10; 12. 7-11, 14-7; 13. 5-32 +

■ A. de M.M.

Xadrez

XVIII — 19 de Setembro de 1985
PROPOSIÇÃO N.º 18
Por Benjamin Glover Laws
1.º Prémio «Nort. Figaro», 1888
Pr. (3): Bf8-Re5



Br. (8): Ps. B6, 15-Cf2-Bg1-Ts.F3, g6-Db7-Rh3

MATE EM 2 LANCES

...O...

JOGO N.º 18

Torneio Internacional de Gausdal, 1985
Br. Popovic — Pr. Tisdall

1. e4, c5; 2. Cf3, d6; 3. d4, gxd4; 4. Cxd4, Cf6; 5. Cc3, a6; 6. f4, e5; 7. Cf3, Cbd7; 8. a4, Be7; 9. Bc4, Da5; 10. f4, Bd2, exd4; 11. De2, Ce5; 12. Bb3, Cxf3+; 13. gxf3, De5; 14. Tgl, 0-0; 15. 0-0-0, Bh3; 16. Df2, Taç8; 17. Dh4, Cxe4; 18. Dxb3, Cxd2; 19. Txd2, Txc3; 20. bxc3; 21. Tdd1, d5; 22. Txc7+, Rxc7; 23. Td3, Ba3+; 24. Rd1, Da1+; 25. Rd2, Dc1+; 26. Rc3, Bb2+; 27. Rb4, Del+ e as Br. abandonam

...O...

SOLUÇÃO DO N.º 18

Chave: 1. Td6!!!

1. ..., Rd4; 2. Dxd5 mate

1. ..., Rxd6; 2. Dc7 mate

1. ..., Bxd6; 2. Dg7 mate

1. ..., Txd6; 2. Cg4 mate

1. ..., Td4; 2. Te6 mate

1. ..., T ad lib.; 2. Bh2 mate

Nota: ad lib. é a abreviatura da expressão latina — ad libitum — à vontade, a seu belo prazer.

■ A. de M.M.

Da «pedra celeste» à Idade do Ferro

O primeiro ferro em que o Homem tocou era, muito provavelmente, de origem cósmica, parte de algum meteorito. Não é por acaso que nalgumas línguas antigas aquele metal era chamado de «pedra celeste».

É difícil encontrar na história da humanidade um metal mais ligado à cultura material do que o ferro. Ele era, para alguns povos antigos, mais valioso do que o ouro e só os nobres o podiam utilizar como ornamento.

Homero fala, na «Odisseia», do prémio atribuído aos vencedores das antigas competições desportivas: um pedaço de ouro e um pedaço de ferro. Na Roma antiga as alianças de casamento eram de ferro.

Na superfície do nosso planeta caem centenas de milhares de toneladas de meteoritos, cuja percentagem de ferro chega a ser de 90 por cento. O maior até hoje encontrado, em 1920, no sul da África, tinha cerca de 60 toneladas.

O ferro dos meteoritos é fácil de trabalhar, e é natural que desde tempos muito remotos os homens dele se tenham servido para fabricar os seus utensílios. Assinala-se, a título de curiosidade, que a espada de Simon Bolívar era feita desse material.

Mas os meteoritos não caem por encomenda e a necessidade de ferro era cada vez mais premente. Os homens foram forçados a extraí-lo do minério. A Idade do Ferro substituiu a Idade do Cobre.

O fim do século XVIII e os princípios do século XIX foram marcados por uma verdadeira invasão do ferro na técnica. Construiu-se a primeira ponte de ferro, fizeram-se as primeiras canalizações de ferro, pôs-se a navegar o primeiro navio de ferro. Depois vieram os transportes sobre carris, mais tarde denominados caminhos-de-ferro.

Com a invasão dos novos métodos de fundição de aço, na segunda metade do século passado, a produção e consumo de ferro deram um novo salto. Hoje, de cada cem quilos de metal usados na indústria, na agricultura, na vida quotidiana, cerca de 95 são de ferro